



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Departamento de Química e Bioquímica
Curso de Licenciatura em Química

INGRID DOMENE EUGENIO

Monografia de Conclusão de Curso

**As motivações dos professores: a realidade de quem já trabalha na
Educação Básica e as expectativas dos formandos do último ano de
Licenciatura em Química**

Presidente Prudente – SP
Novembro/2022

INGRID DOMENE EUGENIO

**As motivações dos professores: a realidade de quem já trabalha na
Educação Básica e as expectativas dos formandos do último ano de
Licenciatura em Química**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Campus de Presidente Prudente, como requisito para à obtenção do Título de Licenciado em Química.

Orientadora: Prof. Ma. Amanda Carolina Gimenes Carvalho Gomes;

Presidente Prudente – SP

Novembro/ 2022

E87m	Eugenio, Ingrid Domene As motivações dos professores : a realidade de quem já trabalha na Educação Básica e as expectativas dos formandos do último ano de Licenciatura em Química / Ingrid Domene Eugenio. -- Presidente Prudente, 2022 182 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Química) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente Orientadora: Amanda Carolina Gimenes Carvalho Gomes Coorientador: Gustavo Bizarria Gibin 1. Ensino de Química. 2. Formação docente. 3. Teoria da Autodeterminação. I. Título.
------	--

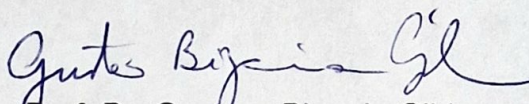
Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que **Ingrid Domene Eugenio** foi aprovada em sua defesa de Monografia de Conclusão de Curso de título: **As motivações dos professores: a realidade de quem já trabalha na Educação Básica e as expectativas dos formandos do último ano de Licenciatura em Química**, realizada no dia 29 de novembro de 2022.

Presidente Prudente, 29 de novembro de 2022.

A handwritten signature in black ink, reading "Gustavo Bizarria Gibin".

Prof. Dr. Gustavo Bizarria Gibin

Docente do Curso de Licenciatura em Química
Responsável pela Monografia de Conclusão de Curso
Departamento de Química e Bioquímica / FCT UNESP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a futura professora Ingrid Domene Eugenio, que daqui a alguns anos, quando ler este texto, relembre o porquê decidiu seguir a carreira docente e sinta orgulho da profissional que se tornou. E também dedico a todos os professores e professoras que acreditam, assim como eu, que a educação é o caminho para mudar vidas e construir um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente os sujeitos de pesquisa que se disponibilizaram a participar e contribuir para que o trabalho fosse realizado da melhor forma possível.

Aos meus pais e irmã, Miguel, Paschoa e Alexia, agradeço todo o apoio psicológico e incentivo para não desistir, especialmente após um período pandêmico desestimulante. Eles foram meu alicerce e me ajudaram muito quando surgiam as dificuldades, seja num momento de desânimo, desabafo, correria e descanso. Gratidão eterna por todo o carinho, afeto, dedicação e cuidado.

Agradeço também ao André, meu namorado, que elucidou algumas dúvidas, me auxiliou na produção do texto e me apoiou incondicionalmente durante todo o processo. Sem sua presença este trabalho não seria realizado da mesma forma.

Gostaria de agradecer aos meus avós. Além do fato de que sem eles eu não estaria aqui, foram muito importantes compartilhando conversas, histórias e comidas gostosas para alegrar os meus dias.

A minha prima Isabela que contribuiu maravilhosamente nas transcrições das entrevistas em um curto espaço de tempo.

A Lulu, minha cachorra, que em momentos de cansaço estava ao meu lado dormindo, o que me incentivou a tirar momentos de descanso para não enlouquecer.

Um agradecimento especial a banca por aceitar o convite e ao Professor Dr. Gustavo Bizarria Gibin pela ajuda na realização deste trabalho.

A minha orientadora, Prof. Me. Amanda Carolina Gimenes Carvalho Gomes, agradeço pela paciência, calma e disponibilidade de sempre responder aos meus questionamentos e esclarecê-los. Muito obrigada por todo o suporte e auxílio mesmo com os prazos apertados.

EPÍGRAFE

“Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.” (FREIRE, 2000)

RESUMO

A carreira docente muitas vezes é apresentada de tal forma que desmotiva os licenciandos a trabalhar na área educacional. Contudo, os professores seguem dando suas aulas mesmo com as dificuldades. Desta maneira, é necessário investigar as motivações dos professores para seguir trabalhando na Educação Básica e elencar as expectativas dos alunos que futuramente ocuparão essas posições. Para explicar as motivações, a pesquisa foi baseada na Teoria da Autodeterminação de Deci e Ryan que elencam a autonomia, competência e pertencimento como as três necessidades que guiam os indivíduos em suas ações. Utilizou-se entrevistas semiestruturadas com alunos formandos e docentes para coletar os dados, e a análise desses foi embasada na técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin. As expectativas dos formandos não correspondem totalmente à realidade vivida pelos professores que já trabalham na Educação Básica, e estes destacaram os obstáculos e a motivação de continuar na carreira docente.

Palavras-chave: Ensino de Química, Formação docente, Teoria da Autodeterminação.

ABSTRACT

The teaching career is often presented in such a way that it discourages undergraduates from working in the educational field. However, teachers continue to teach their classes despite the difficulties. In this way, it is necessary to investigate the teacher's motivations to continue working in Basic Education and to list the expectations of students who will occupy these positions in the future. To explain the motivations, the research was based on Deci and Ryan's Theory of Self-Determination, which list autonomy, competence and belonging as the three needs that guide individuals in their actions. Semi-structured interviews with graduating students and professors were used to collect data, and the analysis was based on the Content Analysis technique proposed by Bardin. The trainees' expectations do not fully correspond to the reality experienced by teachers who already work in Basic Education, and they highlighted the obstacles and motivation to continue in their teaching career.

Keywords: Chemistry Teaching, Teacher training, Self-determination Theory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pretensão dos alunos de licenciatura em Química após o término da graduação

Figura 2 - Subanexos 1 das tabelas de Subsídio do professor de Ensino Fundamental Médio em Licenciatura Plena

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação de vagas por formandos nos cursos de Química com dados relativos a formandos de 1993 e vagas de 1994

Tabela 2 - Matrículas, Docentes e Rede Escolar do estado de São Paulo

Tabela 3 - Infraestrutura disponível nas escolas públicas de Educação Básica no estado de São Paulo em 2019 em porcentagem (%)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Codificação e categorização em relação às respostas dos Licenciandos

Quadro 2 - Codificação e Categorização em relação às respostas dos Professores

Quadro 3 - Codificação em relação às respostas dos Licenciandos e Professores

Quadro 4 - Respostas dos Licenciandos

Quadro 5 - Expectativas dos licenciandos sobre o desinteresse dos alunos e suas preocupações quanto ao ensino

Quadro 6 - Respostas dos entrevistados sobre as políticas públicas e infraestrutura das escolas

Quadro 7 - Respostas dos Professores

Quadro 8 - Respostas dos professores P2 e P7 sobre as relações interpessoais

Quadro 9 - Respostas dos professores quanto a desvalorização profissional

Quadro 10 - Respostas dos docentes em relação ao seu contentamento com a profissão

Quadro 11 - Respostas dos Licenciandos e Professores

Quadro 12 - Respostas dos docentes P4 e P5 em relação a incentivo a profissão

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	19
3. REFERENCIAL TEÓRICO	24
4. QUESTÃO(ÕES) DE PESQUISA	30
5. OBJETIVOS	30
5.1 OBJETIVOS GERAIS	30
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	30
6. METODOLOGIA	31
6.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO	33
6.2 LICENCIANDOS	34
6.3 PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	35
6.4 EXPECTATIVA DOS LICENCIANDOS VERSUS REALIDADE DOS PROFESSORES	37
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
7.1 EXPECTATIVA DOS LICENCIANDOS	38
7.1.1 <i>Alunos</i>	41
7.1.2 <i>Salário e Plano de carreira</i>	44
7.1.3 <i>Outros</i>	46
7.2 A REALIDADE DOS PROFESSORES E SUAS MOTIVAÇÕES DE SEGUIR NA CARREIRA DOCENTE E TRABALHAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA	49
7.2.1 <i>Tempo de Atuação na Rede, Rotina e Tempo livre</i>	49
7.2.2 <i>Dificuldades da carreira docente na Educação Básica</i>	51
7.2.2.1 Inter-relações pessoais da classe	51
7.2.2.2 Alunos	53
7.2.2.3 Gestão escolar	54

7.2.2.4 Infraestrutura	55
7.2.2.5 Valorização profissional	56
7.2.3 Salário	57
7.2.4 Profissão e Motivação em seguir na carreira docente	59
7.3 EXPECTATIVA DOS LICENCIANDOS VERSUS REALIDADE DOS PROFESSORES	63
7.3.1 Palavras-Chave sobre o que é ser professor	66
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE I	75
APÊNDICE II	77
APÊNDICE III	79
APÊNDICE IV (Transcrições das entrevistas dos Licenciandos L1 a L10)	81
APÊNDICE V (Transcrições das entrevistas dos Professores P1 a P8)	126

1. INTRODUÇÃO

O documento Padrões, Critérios e Indicadores de qualidade para avaliação dos cursos de graduação em Química elaborado por Comissão de Especialistas de Ensino de Química (constituído pela Secretaria de Educação Superior/Ministério da Educação) datado de junho de 1997, tinha por objetivo “[...] estabelecer e definir padrões, critérios e indicadores de qualidade, de acordo com os requisitos legais [...] para a criação e funcionamento dos cursos de graduação” (BRASIL, 1997, p.2), entre eles os de Licenciatura em Química.

Ainda segundo o documento citado acima, o curso de licenciatura destina-se “a formar professores para o Ensino Fundamental e Ensino Médio [...] com os currículos sendo dinâmicos, flexíveis e adaptados [...] às necessidades e interesses institucionais e regionais” (p.10). No caso do curso de Química, a Tabela 1 mostra, com dados de 1993 e 1994, algo que é uma preocupação atual: o número de formandos é muito menor que o número de ingressantes.

Tabela 1 - Relação de vagas por formandos nos cursos de Química com dados relativos a formandos de 1993 e vagas de 1994

Região	Vagas (1994)	Formandos (1993)	Relação vagas/formandos
Centro-Oeste	258	24	10,7
Nordeste	1.072	240	4,4
Norte	131	56	2,3
Sudeste	2.220	765	2,9
Sul	1.045	274	3,8
TOTAL	4.726	1.359	3,47

Fonte: BRASIL, 1997.

A fim de verificar índices mais recentes, segundo apresentação do ministério da educação, “o instrumento de pesquisa mais completo do Brasil sobre as instituições de educação superior que ofertam cursos de graduação e sequenciais de formação específica, bem como sobre seus alunos e docentes” é o Censo da Educação Superior, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2023).

Segundo dados referentes ao ano de 2010 do Censo da Educação Superior de 2017, houve 12.644 alunos ingressantes em cursos de Formação de Professor de Química. Neste mesmo ano (2010), a taxa de conclusão foi de 1,5% (BRASIL, 2017). Esses dados evidenciam que mesmo após anos, o número de formandos continua pequeno quando comparado às matrículas.

Em 2019, considerando o número total de matrículas em cursos de graduação em Licenciatura no país, apenas 2,3% estão matriculados nos cursos de Química. Esta porcentagem corresponde a pouco mais de 30 mil alunos (BRASIL, 2019). Desta maneira, atualmente os cursos de Licenciatura em Química enfrentam uma junção de dois graves problemas: a diminuição na quantidade de ingressantes e a taxa de desistência, que especialmente no curso citado, é extremamente alta (BRASIL, 2022).

O Censo da Educação Superior de 2020 mostra que desde 2011 há uma tendência de crescimento nos ingressantes dos cursos presenciais em geral, com exceção dos cursos de Licenciatura. Analisou-se uma queda na evolução do número de ingressantes de graduação de 2019 (731.682) para 2020 (695.790). Quando comparado ao bacharelado, em relação a elevação contínua da proporção de matrículas de graduação presenciais entre 2011 e 2020 de 73% para 80%, novamente observa-se uma queda nos cursos de licenciatura de 16% para 12% no mesmo período (BRASIL, 2020).

Outro dado preocupante é a “Taxa de Desistência Acumulada” (percentual do número de estudantes que desistiram *versus* o número de ingressantes), que nos cursos de Licenciatura em Química é de 66% contrastando com os 31% da ‘Taxa de Conclusão Acumulada’ (percentual do número de estudantes que se formaram no curso em relação ao número de ingressantes). Ou seja, de 100 estudantes ingressantes, 66 desistem e de 100 estudantes que deveriam formar-se, apenas 31 concluem o curso (BRASIL, 2020).

Complementar a isso, é possível observar no Censo mencionado anteriormente que os estudantes desistem de seu curso de entrada até o final do 3º ano (BRASIL, 2020). A situação agravou-se devido a pandemia da COVID-19 que forçou as Instituições de Ensino Superior (IES) em todo o Brasil

a fecharem as portas devido ao seu grande fluxo de pessoas (OLIVEIRA, NUNES, 2022).

Desta forma, conclui-se que nos cursos de Licenciatura em Química há uma diminuição na quantidade de ingressantes e a taxa de desistência é extremamente alta. Com isso, formam-se menos professores e muitos optam por não continuar na carreira docente, especialmente na Educação Básica.

As causas do porquê escolher a profissão de professor e trabalhar ou não na Educação Básica é objeto de investigação de autores como Sá e Santos (2015), com o intuito de se saber quais são as motivações dos indivíduos que optam por esse caminho. Segundo Santos, Antunes e Bernardes (2008, p.47-50), a caracterização da motivação é entendida como “[...] um processo que está associado diretamente ao comportamento humano [...] caracterizado [...] numa análise de possibilidades de alcançar determinado propósito e a realização de certas ações planejadas para este fim”.

Os docentes que já trabalham na Educação Básica comumente expressam aos formandos de Licenciatura em Química que a carreira de professor não é compensatória e/ou satisfatória podendo acarretar na desistência da profissão. Em seu estudo, Pagani (2019) demonstra com “dados obtidos junto à Secretaria da Educação [...] a cada dia, oito professores concursados [...] desistem de seu ofício nas escolas estaduais de São Paulo”. Ao entrevistar professores que desistiram da docência, ficou evidente que há uma junção de fatores que resultam na insatisfação com a carreira, como acúmulo de funções, sobrecarga de trabalho, falta de tempo, má remuneração e uma sobrecarga emocional que desequilibra o sujeito.

Concomitante a isto, Gatti (2009, p.79 apud ZAMONER et al, 2021, p.366) expõe que “[...] a carreira não se mostra compensatória [...]. Isto acumula desestímulo [...]”. Assim, por que estes professores seguem trabalhando na Educação Básica? Por que alguns desmotivam os futuros professores a trilharem o mesmo caminho?

Além da importância de conhecer as motivações dos professores, é inevitável compreender como elas influenciam no seu dia a dia e o quanto a realidade que envolve tudo isto é similar à expectativa dos futuros professores de Química. Isso é importante porque muitos desses futuros professores

idealizam os próximos anos sem conhecer a fundo a carreira docente e os desafios que irão enfrentar.

Segundo Pozzobon, Rodrigues e Grützmann (2022, p.77) há uma significativa diferença entre a realidade profissional e a expectativa dos professores: “Alguns professores chegam a pensar em desistir da carreira e outros abandonam, pelo ‘choque de realidade’, quando iniciam na carreira docente”. Há, pois, necessidade de conhecer os motivos e causas que impulsionam as pessoas na busca por seus objetivos no ambiente escolar da Educação Básica.

Há muitos desafios quando se fala sobre a Educação e Formação docente no país, que ao longo dos últimos anos apresenta uma defasagem enorme. Segundo estatísticas apresentadas pelo Ministério da Educação (MEC), há uma carência de professores para o ensino na Educação Básica, em particular da área das Ciências Naturais (SÁ; SANTOS, 2015).

Como já mencionado anteriormente, no número total de alunos matriculados em cursos de Licenciatura, 2,3% estão matriculados em cursos de Química (INEP, 2019). Com esses dados é possível perceber que a carreira docente não é objeto de interesse dos estudantes que finalizam o Ensino Médio, e, portanto, há um *déficit* na quantidade de professores formados. Esses, conhecendo as condições de trabalho, as interações estabelecidas com os colegas de profissão e os alunos, os salários, as perspectivas profissionais e as qualificações, possuem seus receios em trabalhar na Educação Básica (SANTOS; ANTUNES; BERNARDES, 2008).

Considerando a realidade mencionada acima, diversos autores como Santos, Antunes e Bernardi (2008), Appel-Silva, Wendt e Argimon (2010), Sá e Santos (2015), e Passos (2020) têm como objeto de estudo as inúmeras teorias motivacionais, dentre elas as motivações dos que escolhem trabalhar e seguir a carreira docente e os problemas da atratividade dela.

De acordo com Passos (2020), o ser humano é, em qualquer momento, motivado por uma infinidade de fatores externos e/ou internos. Como a motivação precede a ação humana, ela pode ser proveniente da ação e influência de experiências internas, caracterizando a chamada motivação intrínseca. Ainda de acordo com o autor supracitado, nesse processo, o sujeito objetiva um resultado e o valor da ação está condicionado a este resultado. Já

a motivação extrínseca, como o próprio nome já remete, é oriunda de fatores externos, sem qualquer relação com o sujeito ou com a tarefa realizada.

No caso da carreira docente, Sá e Santos (2015, p.105) evidenciam que “[...] a preocupação com a motivação em ambientes educacionais faz parte do cotidiano dos profissionais de todos os níveis de ensino”. Isso se dá devido às condições a que esses docentes estão expostos, como: o pouco ou nenhum reconhecimento público, baixos salários e especialmente as poucas oportunidades de influenciar as políticas públicas que afetam seu trabalho em sala de aula. Os autores citados ainda explicitam que as motivações estão diretamente ligadas ao ensinar docente e, conseqüentemente, ao aprender dos alunos, uma vez que a motivação influencia esses dois processos em cada situação do cotidiano de maneira única e particular.

Em relação às políticas públicas, no Estado de São Paulo foi instituído o Novo Plano de Carreira e Remuneração para Professores de Ensino Fundamental e Médio na Lei Complementar nº. 1.374/2022 (SÃO PAULO (Estado), 2022). Por ser recente, muitos licenciandos não têm conhecimento da nova lei e o que ela muda em relação à anterior.

Segundo Reis, Oliveira e Kiouranis (2013), há um espaço privilegiado de oportunidades de vivências nas escolas por conta do estágio, e isto tem como consequência a ratificação do desejo de alguns estagiários para trilharem o caminho do Ensino de Química. Contudo, devido à pandemia e ao estágio exclusivamente *on-line*, ainda há esse desejo de seguir na carreira docente? Porventura as expectativas e idealizações dos formandos acompanham a realidade? Essa que por sinal é retratada como desanimadora, desmotivadora e ainda mais desafiadora pela mídia e talvez até mesmo pelos próprios professores. Será que muitos deles idealizam que, ao ingressar no mercado, os desafios serão maiores que o esperado?

Essas indagações somam-se a outras da autora deste trabalho como: a graduação prepara os licenciandos em relação a parte técnica e burocrática? Os docentes que trabalham há muitos anos escolheriam aderir ao novo plano caso a escolha fosse realizada hoje? Como os professores que já ingressaram direto no novo plano de carreira o veem? Os planos de carreira influenciam nas motivações de seguir trabalhando ou não na Educação Básica?

Nesse sentido, este estudo visa elencar as expectativas dos estudantes do último ano de graduação e analisar a realidade dos professores formados nos últimos anos, a fim de compreender as motivações de seguir na carreira docente e trabalhar na Educação Básica. Além disso, ao pesquisar sobre o tema, é possível comparar o quanto a expectativa dos futuros docentes corresponde à realidade dos professores já inclusos na Educação Básica.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Há na literatura, várias pesquisas em relação à expectativa dos docentes e à motivação dos professores da Educação Básica, porém tais assuntos não são relacionados entre si, isto é, apresentam-se de modo independente. Os trabalhos semelhantes que englobam esses dois assuntos específicos juntos são mais antigos, datados de mais de cinco anos atrás.

Um estudo sobre a expectativa dos licenciandos realizado por Braga (2018) faz uma reflexão sobre a formação inicial de professores e a aprendizagem docente. Uma das perguntas que norteiam a pesquisa do autor supracitado é “E durante o curso de licenciatura você acha que está sendo estimulado a ser professor? Por quê?”. Um dos sujeitos de pesquisa destacou que há um estímulo à docência devido à graduação preparar os licenciandos, os incentivando na busca por melhorias na profissão. Entretanto, o licenciando salienta que, devido à desvalorização político-social, seguir a carreira docente é desestimulante.

Experiências relatadas por licenciandos dos programas Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), confirmam que os docentes que trabalham na Educação Básica estimulam a seguir a carreira de professor, pois aconselham e confessam aos licenciandos que para manter-se na docência deveria ser realmente apaixonado por aquilo que faz, amar sua profissão (KRAWCZYK et al, 2020).

Bego e Ferrari (2018, p. 459) em seu estudo sobre as expectativas dos licenciandos investigaram, dentre as quatro questões de pesquisa, “iii) quais as expectativas dos licenciandos acerca de suas carreiras profissionais?” e “iv) qual a percepção dos licenciandos acerca da profissão docente?”. Os autores citados anteriormente perceberam que há uma resposta imediata em relação à facilidade de iniciar a carreira profissional pela falta de professores formados e pela fuga da carreira docente. Não há também destaque à valorização da profissão, ou seja, os licenciandos não têm expectativas altas em relação a este tópico específico.

Em suas conclusões, Bego e Ferrari (2018) caracterizam às motivações da maior parcela dos estudantes como motivações intrínsecas desassociadas

de *status* profissional, mas próximas a valores altruístas. A possibilidade de emprego rápido e assim, de salário imediato, é a referência quando se trata das motivações extrínsecas em seguir na carreira docente.

Foram também apontadas três categorias que refletem a percepção acerca da docência, são elas: a concepção do trabalho do professor por valores altruístas, a desvalorização da carreira e a visão de que o trabalho do professor é extremamente cansativo.

Por valores altruístas entende-se a recompensa pessoal que se atinge por meio da aprendizagem do aluno com o que é ensinado, por estar o auxiliando em sua jornada escolar, ou pela responsabilidade e peso da importância da presença do professor no ensino, entre outras. Além disso, os estudantes possuem a concepção de que a sociedade em geral não vê com bons olhos a escolha dessa carreira profissional, sendo, portanto, pouco reconhecida (BEGO; FERRARI, 2018).

Outro ponto importante é o estágio, que exerce um papel essencial em relação ao início da prática profissional. Conforme expõem Silva e Pedreira (2020) em sua pesquisa, a visão dos estudantes acerca deste momento é comparada a um “ritual de passagem”, cercado de muita apreensão. Existe uma enorme expectativa criada a respeito da facilidade ou das dificuldades que serão encontradas ao entrarem em uma sala de aula, especialmente para a aplicação prática dos conteúdos aprendidos durante a graduação, não só teóricos, mas também os metodológicos e as atitudinais que os professores devem ou não ter.

Os autores citados fundamentam a indicação de que o estágio é um dos meios pelos quais os estudantes confirmam se querem ou não seguir a carreira docente, além de possibilitar a vivência de experiências reais que moldam suas crenças e sentimentos (SILVA; PEREIRA, 2020). Entretanto, pela recente pandemia realizou-se o estágio de forma parcial ou exclusivamente *on-line* desde março de 2020 e não há estudos sobre a interferência desse período no desejo de ser professor. Ademais, pela situação totalmente atípica, os licenciandos não viveram situações que refletem a realidade na sala de aula.

Corroborando com os autores anteriores, Pereira et al (2020) em seu estudo afirmam que as experiências são fator decisivo nas escolhas futuras dos licenciandos. Os participantes da pesquisa, elencaram que, entre as

expectativas sobre a carreira docente, o afastamento da Educação Básica ocorre principalmente devido aos baixos salários e indisciplina dos alunos. Tanto Ferreira (2019) quanto Silva (2017), ao especificar as principais dificuldades enfrentadas pelos docentes ao realizarem seu trabalho, apontam, respectivamente, a ausência das famílias nas escolas/falta de participação da família do estudante e indisciplina do aluno/indisciplina escolar. Esse último é um dos principais fatores que contribuem para o incentivo da desistência e mudança de carreira pelos professores.

De acordo com Pereira et al (2020, p. 63), os docentes que lecionam na Educação Básica estão tão “[...] cansados da rotina, que muitas vezes aconselham ao estagiário que desistam da profissão”. Em concordância com esta afirmação, Ferreira (2019) salienta que uma jornada de trabalho cansativa e desgastante levam os professores à desencantar-se com a profissão, o que afeta sua autoestima, justamente, por não saberem como lidar com as pressões que lhe são cobradas, tanto nas escolas como em sua vida pessoal.

Ribeiro e Costa (2021, p. 2) em sua pesquisa, chamam atenção à escassez de professores formados e a opção de seguir carreira acadêmica, com a exclusão da carreira docente na Educação Básica. Os autores elencaram as lamentações dos professores que trabalham na Educação Básica em relação aos acontecimentos no ambiente escolar. São citados alguns exemplos como a “[...] indisciplina, falta de materiais, várias atividades para ‘darem conta’, como planejamento, correção de atividades e provas, a falta e perda de direitos, salas superlotadas, etc.”

À vista disso, mesmo com todas as dificuldades encontradas, os professores ainda seguem a carreira docente, e há várias pesquisas voltadas às suas motivações do trabalho na Educação Básica. A título de exemplo, tem-se Ferreira (2019) e Silva (2017) que apresentam ideias contrastantes quanto à motivação dos professores, sendo respectivamente, a realização e satisfação em lecionar versus a identificação com a docência.

Em seu estudo sobre a causas da exoneração de professores na rede estadual paulista, Pagani (2019) constatou através de entrevistas que a não permanência nas escolas deve-se às condições de trabalho a que estão expostos, situações que os sujeitos avaliam como excessivas, frustrantes, conflituosas e que ocasionam desequilíbrio emocional. Naturalmente, devido a

estes fatores, espera-se que os professores desistam da docência, mas o autor supramencionado verificou que os docentes entrevistados seguem atuando como professores, mas em outras redes de ensino.

Silva (2017) notou em seu estudo que os docentes, independentemente do tempo da profissão, a escolheram por se identificarem com a docência. Em seu entender, o autor afirma que “[...] o professor precisa ter amor pelo que faz e por quem ensina. Saber que seu trabalho é importante, estar sempre refletindo sobre seu papel como educador e sua influência na vida dos alunos” (SILVA, 2017, p. 61). Quando perguntados sobre o que mais os motiva a ser professor, as duas principais respostas (em ordem de maior porcentagem) são: os resultados de seus trabalhos (15,63%) e o reconhecimento de sua importância no futuro dos alunos e a diferença que eles podem fazer na sociedade devido ao seu trabalho (9,38%).

Na concepção desse autor, há relação direta entre a realização profissional e a motivação da carreira docente. O que move os professores são suas motivações extrínsecas, pois se espera algum benefício concreto quando respondem que o que mais os motivam é o resultado do trabalho. Isto é seguido pela motivação intrínseca (no caso da importância dos alunos para a sociedade), pois não há recompensa aparente, somente o fato de sua relevância como professor (SILVA, 2017).

Em discordância com Silva (2017), Ferreira (2019) concluiu que os educadores vêem a profissão como:

“[...] um meio de proporcionar aos alunos, ensinamentos que contribuam para a cidadania, de forma que os estudantes atuem como cidadãos críticos em sociedade e também como uma preparação para o mercado de trabalho” (FERREIRA, 2019, p. 16)

No entender desse autor, os professores dedicam-se, comprometem-se e capacitam-se pela realização e satisfação em lecionar, e por isso, mesmo com todos os obstáculos, permanecem na carreira. Logo, a motivação principal é intrínseca. Isso é corroborado por Ortiz e Magalhães Júnior (2019), pois sua pesquisa possibilitou a inferência de que as questões sociais positivas, conectadas à motivação pessoal (como por exemplo a preocupação sobre a aprendizagem dos alunos e a reflexão de sua prática docente), impactam os

professores em maior escala na construção das representações sociais, ou seja, norteiam como ocorrem suas condutas e comunicações.

Uma ferramenta de consulta para entender o cenário do ensino no Brasil é o Anuário Brasileiro da Educação Básica produzido pela Organização da Sociedade Civil (OSC) 'Todos pela Educação' - entidade privada, sem fins lucrativos, não governamental, cujas atividades buscam atender o interesse público -. A pesquisa quantitativa intitulada Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Talis) investiga as condições de trabalho dos professores. Na categoria referente a "satisfação dos professores com a profissão - Porcentagem de professores que "concordam" ou "concordam fortemente" com as afirmações abaixo" -, 75,8% afirmam que optariam pela docência caso supostamente houvesse uma nova escolha de profissão e 64,8% acreditam que há mais vantagens do que desvantagens em ser professor. Somente 11,6% lamentam a decisão de tornar-se professor (CRUZ; MONTEIRO, 2020, p. 108).

Pagani (2019, p. 95) verificou através da análise de entrevistas semiestruturadas que a escolha de ser professor é "[...] uma escolha diária. Um movimento de resistência construído no cotidiano por sujeitos que anonimamente desempenham um papel estrutural em nossa sociedade".

Os resultados destes estudos têm relevância e contribuição a pesquisa realizada, pois norteiam as expectativas dos licenciandos e as motivações da carreira docente. Além disso, é uma comprovação ou contradição quanto aos resultados obtidos e analisados.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Edward L. Deci e Richard M. Ryan publicaram em 1985 o livro *“Intrinsic motivation and self-determination in human behavior”*. O objetivo desses autores era desenvolver uma teoria verdadeiramente organísmica dentro da psicologia empírica. Esses autores buscavam uma explicação sobre a ação do indivíduo quando influenciado pelos ambientes físicos e sociais.

Primeiramente, qualquer teoria organísmica faz um estudo do organismo ativo e seu espaço vital. Isto gera o pressuposto de que o ser humano age na busca por potencialidades e de satisfação de suas necessidades, tanto em ambientes externos como internos. No curso de sua vida, suas experiências são um reflexo das estruturas internas elaboradas e refinadas que influenciam o comportamento do indivíduo (DECI; RYAN, 1985). Para os autores (1985, p.3, tradução da autora), a “energia para a atividade e para o desenvolvimento da estrutura interna é o que chamamos de motivação intrínseca” e “o estudo da motivação é uma investigação sobre o porquê do comportamento [...] o campo da motivação está preocupado em responder às perguntas do porquê”.

A estrutura interna, que os autores supracitados denominaram *self*, é a estrutura na qual o ser humano integra as forças do ambiente, impulsos e emoções presentes em si já dominadas pelo sujeito. Essas forças internas e externas exploram a vulnerabilidade dos indivíduos na forma de agir sobre elas, sendo à motivação intrínseca a “[...] fonte de energia que é central para a natureza ativa do organismo [...] baseada nas necessidades organísmicas de ser competente e autodeterminante” (DECI; RYAN, 1985, p.11-32, tradução da autora).

Os autores afirmam que o indivíduo precisa ser livre de pressões (como recompensas) para ser “verdadeiramente motivado intrinsecamente”. Assim, no caso de a ação ser fundamentada através de condições envolvendo controles ou reforços, não haverá motivação intrínseca. Ela ocorre quando a ação independe de outros fatores, sendo, portanto, uma ação independente. Somado a isso, a motivação intrínseca é operativa quando há a liberdade de controle, ou seja, a autodeterminação.

Segundo Deci e Ryan (1985), a autodeterminação é referente à experiência da liberdade ao iniciar o próprio comportamento. Os autores

evidenciam que os seres humanos possuem a necessidade intrínseca de ter uma escolha ao iniciar o próprio comportamento. E em relação aos resultados, há uma demanda por controle, mas não o controle sobre eles em si, e sim em poder escolher entre querer ou não controlar os resultados. Portanto, a autodeterminação explica o fato de os indivíduos necessitarem da liberdade da dependência dos resultados sobre os quais têm controle. Ainda segundo os autores, as pessoas normalmente preferem que outras assumam o controle, ou seja, que elas não sejam as responsáveis diretas de determinada ação, permitindo que outras pessoas decidam por elas. Dessa maneira, a autodeterminação pode envolver a escolha de desistir do controle sobre a ação, repassando-a então a outro alguém. Fica, pois, claro que “[...] a oportunidade de ser autodeterminante aumenta a motivação intrínseca e que a negação da oportunidade de ser autodeterminante a enfraquece” (DECI; RYAN, 1985, p.31, tradução da autora).

Outro fator importante é a necessidade de competência. Na concepção dos autores, o conceito de motivação intrínseca está intimamente ligado às necessidades de competência e autodeterminação, mais especificamente da competência autodeterminada. Em relação a tal aspecto, é um processo motivador à busca e tentativa em conquistar novos e bons desafios, pois esses são adequados às suas competências. Desse modo, essas necessidades de “[...] competência e autodeterminação mantêm as pessoas envolvidas em ciclos contínuos de busca e conquista de desafios, que é algo que exige o alongamento de nossas habilidades” (DECI; RYAN, 1985, p.33, tradução da autora). Quando se deparam com desafios que os interessam livres da intrusão de outros fatores, as pessoas usam da criatividade e desenvoltura para conquistá-los e assim, perseveram para que o objetivo seja alcançado.

Somado a isso, é imperativo abordar as emoções. Elas estão integralmente relacionadas com a motivação intrínseca, como, por exemplo, a emoção de interesse em função do desafio que as interessa. Existe a possibilidade de as emoções serem recompensas para o comportamento intrinsecamente motivado, como, por exemplo, as emoções de prazer e excitação que acompanham as experiências de competência e autonomia. Contudo, na antítese dessas emoções, quando na presença de pressão e tensão, verifica-se a ansiedade e urgência, em claro sinal de que há pelo

menos alguma motivação extrínseca envolvida (prazos, recompensa material, entre outros).

A motivação extrínseca, na concepção de Deci e Ryan (1985) está relacionada ao comportamento em que a razão desse é diferente do interesse pela realização da ação. Pode ou não se referir ao quanto o indivíduo sente-se pressionado a realizar em contraste com o que realmente deseja realizar. Há como os comportamentos motivados extrinsecamente serem autodeterminados caso as escolhas sejam baseadas nos próprios valores e desejos. Quando não ocorre a autodeterminação ou quando não é possível a obtenção do controle, a tendência é de se obter efeitos negativos.

Sendo assim, os comportamentos intrinsecamente e extrinsecamente motivados apresentam diferenças quanto ao *locus* de causalidade percebida, sendo respectivamente interno (interesse, domínio) e externo (recompensa, cumprimento de restrição externa). Essa afirmação sobre a mudança no locus de causalidade percebido é a Teoria da Avaliação Cognitiva (TAC), uma das cinco subteorias da Teoria da Autodeterminação.

A Teoria da Avaliação Cognitiva descreve os efeitos de eventos que iniciam ou regulam o comportamento na motivação e nos processos motivacionalmente relevantes. Sugere [...] que as considerações importantes na caracterização de eventos iniciadores ou reguladores são as implicações desses eventos para a experiência de autodeterminação e competência da pessoa (DECI; RYAN, 1985, p.62, tradução da autora).

Segundo os autores supracitados, há três proposições presentes na Teoria da Avaliação Cognitiva (TAC):

- 1) Em muitos casos os indivíduos apresentam uma resposta de rebeldia em relação a um controle, possivelmente fazendo exatamente o oposto ao que foi exigido.
- 2) A diminuição da motivação intrínseca associada à diminuição da competência percebida pode ocorrer dentro do contexto de controle, desde que a pessoa perceba ser responsável pelas próprias falhas.
- 3) Os eventos relevantes para a iniciação e regulação do comportamento têm três aspectos - informacionais, controladores e amotivadores - que podem ser diferencialmente salientes para pessoas diferentes ou para a mesma pessoa em momentos diferentes.

A próxima subteoria é a Teoria da Integração Organísmica (TIO). Ela trata do desenvolvimento humano, que se entende como a “diferenciação e integração da estrutura que transforma as capacidades de cada um na direção da elaboração, flexibilidade e unidade” (DECI; RYAN, 1985, p.147, tradução da autora). Além disso, ela detalha as diferentes formas de motivação extrínseca e “[...] os fatores contextuais que promovem ou impedem a internalização e a integração da regulação para estes comportamentos” (CAVENAGH, 2009, p.253). Existem dois processos em que, no primeiro internalização, o sujeito necessita significar regulamentos externos apreendidos. No segundo integração, ele incorpora uma regulamentação no seu desenvolvimento do senso próprio, tornando-a sua (DECI; RYAN, 1985).

A visualização da internalização como função do processo de integração orgânica permitiu compreender às condições motivacionais que promovem ou previnem à internalização e o desenvolvimento da autorregulação integrada. Ela é definida por Deci e Ryan (1985, p.147, tradução da autora) como:

[...] resultado natural da internalização que não é impedida ou frustrada por influências ambientais. Representa o verdadeiro significado da socialização; uma pessoa não faz simplesmente o que pensa que os valores sociais ditam, ela se comporta, sente e pensa de uma maneira que é congruente com os valores sociais porque ela os aceitou como seus.

Assim, comportamentos extrinsecamente motivados também podem ser autodeterminados, se forem regulados por internalizações integradas.

Segue-se pela Teoria das Orientações de Causalidade (TOC) que é centrada nas diferenças das orientações motivacionais globais, aplicando a dinâmica da regulação comportamental para uma compreensão do funcionamento do nível de personalidade das pessoas (VANSTEENKIST; NIEMIEC; SOENENS, 2010).

Deci e Ryan (1985) referem-se à três classes de comportamentos e processos motivacionalmente relevantes como autodeterminados, controlados e amotivacionais. Ainda, os autores citados descrevem três orientações relativamente duradouras das pessoas em relação à causalidade e com segurança a essas três classes de comportamentos e processos psicológicos. Essas orientações são a autonomia, controle e impessoal.

- 1) Um alto grau de orientação para a autonomia facilita o funcionamento autodeterminado, o indivíduo age com congruência.
- 2) A orientação de controle é associada a comportamentos determinados por controle, quando é regulado pela recompensa.
- 3) Na orientação impessoal, vivencia-se situações incontroláveis e também pela falta de competência. Está relacionada à desmotivação nos limites internos e externos.

Essas três primeiras subteorias resultaram em uma lista de três necessidades psicológicas básicas. Define-se uma necessidade básica, seja ela fisiológica ou psicológica, como:

[...] um estado energizante que, se satisfeito, conduz à saúde e ao bem-estar, mas, se não satisfeito, contribui para a patologia e mal-estar [...] as necessidades básicas de competência, autonomia e pertencimento devem ser satisfeitas ao longo da vida para que um indivíduo experimente um senso contínuo de integridade e bem-estar (DECI; RYAN, 2000, p.74, tradução da autora).

Segundo Vansteenkist, Niemiec e Soenens (2010), a autonomia refere-se à experiência de vontade e liberdade psicológica, a competência está relacionada à experiência de eficácia em suas atividades e o pertencimento é a experiência de cuidado recíproco e preocupação com outros indivíduos importantes.

Conforme afirmam Deci e Ryan (2000, p.75), “[...] a satisfação de necessidades é facilitada pela internalização e integração de valores e comportamentos culturalmente endossados”. Ainda, o nível de satisfação psicológico é influenciado por suas próprias competências, pelas demandas ambientais, obstáculos e possibilidades em seus contextos socioculturais. Os indivíduos têm a tendência de expressar essas três necessidades de forma diferente em culturas que apresentam valores diferentes.

No entender dos autores Vansteenkist, Niemiec e Soenens (2010) há uma quinta subteoria denominada Teoria do Conteúdo do Objetivo (TCO). Em seu trabalho *The development of the five mini-theories of self-determination theory: an historical overview, emerging trends, and future directions* é postulado que:

[...] as pessoas têm uma tendência natural de se mover em direção a objetivos intrínsecos e se afastar de objetivos extrínsecos, embora tais mudanças não aconteçam automaticamente, requeiram suportes contextuais para satisfação de necessidades [...] os contextos que frustram a necessidade impedem essa mudança (Vansteenkist; Niemiec; Soenens, 2010, p. 146, tradução nossa).

A Teoria da Autodeterminação desenvolvida por Deci e Ryan será utilizada como referencial teórico para esta pesquisa a fim de entender as motivações dos professores que trabalham na rede básica. Além disso, serão analisadas as expectativas dos alunos do último ano de Licenciatura em Química.

4. QUESTÕES DE PESQUISA

“Quais as expectativas e idealizações dos futuros professores que irão se formar e qual a realidade dos professores já formados que trabalham na Educação Básica?” e “Quais as motivações dos professores em seguir a carreira docente na Educação Básica, mesmo com todas as adversidades?”

5. OBJETIVOS

5.1 OBJETIVOS GERAIS

Elencar as expectativas dos estudantes do último ano de graduação e analisar a realidade dos professores formados nos últimos anos, a fim de compreender as motivações de seguir na carreira docente e trabalhar na Educação Básica.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar as expectativas dos formandos de Licenciatura em Química que desejam ou não trabalhar na Educação Básica, já que, devido a pandemia, não tiveram ou tiveram muito pouco contato com as escolas;
- Analisar os fatores que motivam os professores a trabalharem na Educação Básica e seguirem na carreira docente;
- Verificar se estes professores indicam ou não aos alunos ingressos na licenciatura que sigam na carreira e o porquê;

6. METODOLOGIA

Como já mencionado, a Teoria da Autodeterminação é uma teoria motivacional que alcança as ações e relações humanas e os motivos que as guiam. Como destaca Minayo (2015), por concentrar os esforços da pesquisa justamente nessa linha motivacional, a abordagem presente neste estudo será qualitativa, pois se atrela a investigação dos significados interligados nas motivações do sujeito de pesquisa (objetos de análise).

A abordagem qualitativa tem como objetivo traduzir, expressar e abrir as possibilidades de estudo dos sentidos dos fenômenos do mundo social que envolvem os indivíduos e suas relações sociais nos diversos ambientes em que são estabelecidas (MINAYO, 2012). Ela proporciona melhor visão e compreensão do contexto do problema e, segundo Godoy (1995), a compreensão de um fenômeno é melhorada se a análise for realizada numa perspectiva integrada ao contexto em que ocorre e do qual faz parte.

A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos, “[...] o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes [...]”. Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos (GODOY, 1995, p.21).

Esta pesquisa é baseada em um dos principais instrumentos de coleta de dados complementar da pesquisa qualitativa: a entrevista. Essa técnica é uma alternativa na coleta de dados não documentados e, apesar de possuir algumas limitações, é muito eficiente para obter dados que se referem ao comportamento humano (OLIVEIRA et al., 2016).

Dentre as vantagens de seu uso, destaca-se a possibilidade de ser utilizada com analfabetos ou alfabetizados; a flexibilização, pois o entrevistador tem a liberdade de reformular as perguntas; a avaliação das reações, gestos e tom da voz pelo entrevistador, visto que a entonação de voz expressa a energia da fala, tanto positivamente, neutra ou negativamente. Em contrapartida, isto também pode ser uma desvantagem já que uma incompreensão de alguma

das partes pode acarretar em uma falsa interpretação. Há outras desvantagens que envolvem a entrevista, porém podem ser evitadas pelo entrevistador e entrevistado. No caso do entrevistador, é possível que, conforme a maneira como a pergunta é realizada, haja influência na resposta do entrevistado e deve-se evitar que isto ocorra. Já o entrevistado, sua disposição em participar da entrevista afeta os dados, pois respostas curtas, evasivas e sem profundidade podem não dar as informações necessárias (OLIVEIRA et al., 2016).

Nesta pesquisa, foram utilizadas as entrevistas semiestruturadas que segundo Marconi e Lakatos (2003, p.195), “[...] é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Ainda segundo as autoras citadas anteriormente, elas podem ter diferentes objetivos quanto ao conteúdo; porém através delas busca-se a obtenção de informações importantes e a compreensão das perspectivas e experiências dos entrevistados.

O método escolhido consistiu em um roteiro de questões previamente esquematizadas sobre o tema estudado (APÊNDICES A E B) mas também houve iniciativas por parte do pesquisador possibilitando que o entrevistado falasse livremente sobre assuntos pertinentes ao tema, que surgiram ao longo da entrevista (PÁDUA, 2012). Isso permite a obtenção de uma maior complexidade dos dados, visto que o tema envolve sentimentos e emoções. As questões presentes nas entrevistas e o protocolo utilizado em sua aplicação tentaram ser o mais fiel possível, a fim da obtenção de resultados consistentes.

As entrevistas semiestruturadas ocorreram entre setembro e outubro de 2022 com os 18 participantes da pesquisa, sendo 10 licenciandos que estão no último ano do curso e 8 professores de Química que já atuam na rede básica de ensino. Dentre os 10 licenciandos, 5 são do sexo masculino e 5 são do sexo feminino. As idades dos 10 variam de 22 a 27 anos. Já os professores, 5 são do sexo masculino e 3 do sexo feminino. O tempo de atuação na rede básica varia de meses a acima de 10 anos.

Os alunos da graduação do último ano tiveram, devido a pandemia, contato com uma sala de aula de forma total e/ou parcialmente online. Os

alunos que realizaram seu estágio de forma 100% online possivelmente não conhecem profundamente a realidade das escolas e das salas de aulas.

O objetivo da entrevista com os licenciandos, foi investigar quais as expectativas em relação à carreira e ao trabalho com a Educação Básica. Além disso, essas informações foram importantes para que fosse feita uma comparação com as respostas dos professores, evidenciando a diferença entre expectativa e a realidade vivenciada por aqueles que já atuam na área. Neste caso, foi analisada a realidade dos professores formados nos últimos anos a fim de compreender as motivações de seguir na carreira docente e trabalhar na Educação Básica.

Realizou-se no contato inicial, assim como ressaltam Marconi e Lakatos (2003, p. 199), a explicação da “[...] finalidade da pesquisa, seu objeto, relevância e ressaltar a necessidade de sua colaboração”. Além disso, foi informado aos entrevistados sobre as condições da entrevista e o compromisso da manutenção do anonimato durante todo o processo.

Com as respostas obtidas, a análise de dados foi baseada na técnica de análise das comunicações conhecida como Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2016). Nesta, o material é classificado em temas ou categorias que auxiliam o pesquisador a compreender o que há dentre os discursos dos sujeitos de pesquisa (SILVA; FOSSÁ, 2013).

6.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Segundo Bardin (2016), na análise de entrevistas, o recurso à Análise de Conteúdo tem por objetivo tratar o material classificado como qualitativo. Para a autora supracitada, uma das práticas mais comuns dessa análise são os estudos de motivação, justamente o foco desta pesquisa. Ainda de acordo com Bardin, a análise de conteúdo segue uma ordem cronológica de três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise é a fase de organização, que se divide em três etapas essenciais: “[...] a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final” (BARDIN, 2016, p.95). É importante que

seja feita uma leitura inicial “flutuante” (superficial), formulem-se diferentes hipóteses e objetivos, elaborem-se e organizem-se em indicadores, e prepare-se o material, que no caso das entrevistas semiestruturadas da pesquisa configura-se na transcrição de cada uma delas.

A fases seguintes consistem primeiro na exploração do material, uma administração sistemática das decisões tomadas, que conforme Bardin (2016, p.101) “[...] consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas”. E por fim, tem-se o tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos mesmos. Nesse caso, “[...] os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos [...] o analista pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos” (BARDIN, 2016, p.101).

No que se refere a codificação apresentada na segunda fase, é correspondente a uma transformação dos dados brutos dos resultados de estudo que possibilita a representação do conteúdo e esclarecimento das características do texto, que viabiliza a criação de índices. No caso deste estudo, que envolve uma análise quantitativa e categorial, a organização da codificação engloba o recorte (escolha das unidades), enumeração (escolha das regras de contagem) e classificação e a agregação (escolha das categorias) (BARDIN, 2016).

O recorte abarca as unidades de contexto e unidades de registro. As de contexto são superiores perante as de registro pois contribuem à compreensão do sentido exato da unidade de registro, atribuindo-lhes significados (BARDIN, 2016, p.107). A definição da unidade de registro é, segundo Bardin (2016, p.104), “[...] a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial.” Há várias unidades de registro. Entre as descritas como as mais utilizadas, utilizou-se neste estudo a unidade de registro chamada ‘objeto ou referente’ (temas eixo).

Acerca da enumeração, refere-se ao modo de contagem. Difere-se da unidade de registro pois esta refere-se ao que se conta. A regra de enumeração utilizada neste trabalho é do tipo presença ou ausência. No entender de Bardin (2016, p.108), “A presença pode ser significativa,

funcionando nesse caso como um indicador. [...] a ausência [...] pode, em alguns casos, veicular um sentido.”

Na classificação e a agregação citadas anteriormente é a fase final da codificação que resulta na categorização. Pela definição:

[...] é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. [...] tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. [...] é um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas:

O inventário: isolar os elementos.

A classificação: repartir os elementos, e portanto procurar ou impor uma certa organização às mensagens (BARDIN, 2016, p.117-118).

As entrevistas, realizadas com 10 licenciandos e 8 professores que atuam na Educação Básica, foram codificadas e categorizadas segundo a Análise de Conteúdo e mostradas nos quadros a seguir.

6.2 LICENCIANDOS

Entrevistou-se 10 graduandos do curso de Licenciatura em Química a fim de analisar a expectativa dos Licenciandos em Química que desejam ou não trabalhar na Educação Básica. De acordo com as respostas, foi elaborado o quadro 1 a seguir da seguinte forma: 1ª - Unidade de contexto, 2ª - unidade de registro e 3ª - categoria.

Quadro 1 - Codificação e categorização em relação às respostas dos Licenciandos

1ª	2ª	3ª
Pretensão	Imediata	Lecionar
		Pós-graduação
	Futura	Lecionar
Experiência	Estágio 100% online	Não contribuiu
	Estágio online + presencial	Contribuiu
		Não contribuiu
Expectativa	Alunos	Desrespeito
		Desinteresse

		Ensino
		Pais
	Salário (R\$)	1000 - 2000
		2000 - 3000
		3000 - 4000
		Acima de 4000
	Plano de carreira	Conhece
		Desconhece
	Outros	Políticas Públicas
		Infraestrutura

Fonte: A Autora.

6.3 PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Entrevistou-se oito professores de Química do ensino básico para analisar a realidade dos professores formados nos últimos anos. A finalidade foi compreender as motivações de seguir na carreira docente e trabalhar na Educação Básica. A ordem apresentada (1ª - Unidade de contexto, 2ª - unidade de registro e 3ª - categoria) segue o mesmo princípio do quadro anterior e consta no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 - Codificação e Categorização em relação às respostas dos Professores

1ª	2ª	3ª
Tempo de atuação na Rede	Privada	6 - 8 anos
	Pública	0 - 2 anos
		5 - 6 anos
		6 - 8 anos
		Acima de 10 anos
Rotina	Aulas	30 - 40
	Salas	7 - 11
		14 - 16
	Alunos (média por sala)	20 - 30

		30 - 40
Tempo livre	Não Ocupa	-
	Ocupa	2 escolas ou aulas em todos os períodos
		Atividades
Dificuldades da carreira docente na Educação Básica	Relativos	Desvalorização profissional
		Infraestrutura
	Relações	Inter-relações pessoais da classe
		Alunos
		Gestão escolar
Salário	Justo	Sim
		Não
Profissão	Contente	-
	Depende	-
Motivação em seguir na carreira docente	Extrínseca	Alunos
		Salário
	Intrínseca	Dar aula

Fonte: A Autora.

6.4 EXPECTATIVA DOS LICENCIANDOS *VERSUS* REALIDADE DOS PROFESSORES

Após a categorização das respostas dos 18 participantes de pesquisa entrevistados já mostradas anteriormente nos quadros 1 e 2, foi possível a partir da seleção de alguns dados, codificar dados concomitantes aos dois grupos (Licenciandos e Professores) (Quadro 3).

Quadro 3 - Codificação em relação às respostas dos Licenciandos e Professores

1ª	2ª
Seguir a carreira docente	Incentivo
	Desincentivo
Palavras - chave sobre o que é ser professor	Positivas
	Negativas

	Neutras
--	---------

Fonte: A Autora.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos dados por meio da Análise de Conteúdo categorizou-se as respostas das entrevistas dos Licenciandos e Docentes. Os resultados discorrem sobre as expectativas dos formandos em relação às vivências da sala de aula, detalhando-as, assim como seus propósitos para o futuro e as dificuldades esperadas ao iniciar como professor na Educação Básica. Ademais, através da Teoria da Autodeterminação, elencou-se as motivações dos professores, sua rotina, suas dificuldades e como a realidade enfrentada por eles corresponde com a visão dos futuros docentes.

7.1 EXPECTATIVA DOS LICENCIANDOS

Segundo dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2021, registrou-se 2.190.943 docentes na Educação Básica brasileira. Apesar da maior parte dos professores atuarem no Ensino Fundamental II, houve um crescimento de 1,3% dos atuantes no Ensino Médio. No censo há um indicador referente a adequação da formação docente, ou seja, os professores que atuam em determinada disciplina possuem formação básica que o habilita a dar aulas. Em Ciências, o índice de adequação da formação docente é de 71,7%. Para o Ensino Médio, em Química, esse índice é de 66,6%, ou seja, $\frac{2}{3}$ dos professores que ministram essa disciplina tem formação adequada (BRASIL, 2021).

Como já mencionado, ao analisar-se o Censo da Educação Superior 2020 percebe-se que as matrículas nos cursos de Licenciatura seguem em queda. O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) avalia o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação e na prova realizada em 2021 foi possível perceber uma amostra da representação das Licenciaturas em geral no país. Dos Licenciandos de todos os cursos que realizaram a prova, somente 2,15% correspondem aos concluintes dos cursos de Química (INEP, 2022). Esse número é praticamente a porcentagem anual dos alunos matriculados em cursos de Química dentre os cursos de Licenciatura.

Através das entrevistas e da utilização da análise de conteúdo foi obtido o quadro 4 com as respostas dos Licenciandos em relação a presença nas categorias apresentadas (3ª).

Quadro 4 - Respostas dos Licenciandos

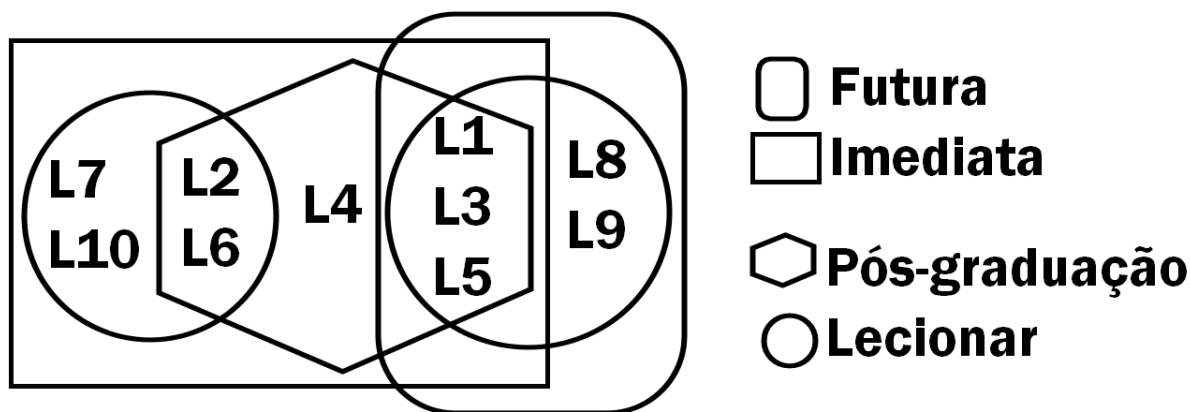
1ª	2ª	3ª	Licenciandos
Pretensão	Imediata	Lecionar	L2, L6, L7, L10
		Pós-graduação	L1, L2, L3, L4, L5, L6
	Futura	Lecionar	L1, L3, L8, L9, L5
Experiência	Estágio 100% online	Não contribuiu	L2, L4, L9
	Estágio online + presencial	Contribuiu	L3, L5, L6, L7, L8, L10
		Não contribuiu	L1
Expectativa	Alunos	Desrespeito	L3, L2, L9, L10
		Desinteresse	L1, L2, L3, L4, L6
		Ensino	L1, L2, L5, L7, L10
		Pais	L1, L10
	Salário (R\$)	1000 - 2000	L1, L2, L4
		2000 - 3000	L8
		3000 - 4000	L3, L9
		Acima de 4000	L5, L6, L7, L10
	Plano de carreira	Conhece	L3, L6, L7, L8, L10
		Desconhece	L1, L2, L4, L5, L9
	Outros	Políticas Públicas	L3, L8
		Infraestrutura	L3, L6

Fonte: A Autora.

Devido a carência de professores de Química para o ensino na Educação Básica, na categoria **PRETENSÃO** buscou-se analisar entre os 10 Licenciandos da pesquisa, quais seus planos após o término da graduação. Como mostra a Figura 1 a seguir, 40% almejam lecionar imediatamente. Desses, 20% pretendem ingressar em algum programa da pós-graduação juntamente com outros 40%. Do total, 20% seguem em dúvida. Contudo, ao

serem questionados sobre seus objetivos futuros, a grande maioria que inicialmente não vislumbra à docência, não descarta o ingresso na Educação Básica.

Figura 1 - Pretensão dos alunos de licenciatura em Química após o término da graduação



Fonte: A Autora.

Segundo Reis, Oliveira e Kiouranis (2013), há os licenciandos que continuam seus estudos em mestrados, doutorados e especializações pois estão entusiasmados e empenhados. Contudo, apenas 1 dos 6 com pretensão imediata à pós-graduação pretende especializar-se na área da educação. Como é perceptível, grande parte dos licenciandos não abandonam a possibilidade de exercer a carreira docente e buscam outras habilitações como diferentes alternativas para ingresso no mercado de trabalho. Na afirmação dos autores citados anteriormente, essas escolhas provavelmente têm ligação com as condições de trabalho oferecidas.

Ainda corroborando com os autores citados, o estágio tem grande influência na escolha da docência, pois é um caminho importante entre a realidade social e a formação universitária. O licenciando L5 confirma o exposto quando perguntado sobre o interesse em lecionar após o término da graduação: *‘Eu não sou a pessoa da área da educação [...] mas as experiências dos estágios vão mudando um pouco o que você pensa. [...] acho que nem as aulas em si que nós temos na graduação, é o estágio mesmo’*.

Contudo, há a possibilidade de as experiências vivenciadas no estágio afastá-los do caminho da docência como já acontece “[...] com um grande

número de licenciados em Química que acabam em outras trajetórias profissionais” (REIS; OLIVEIRA; KIOURANIS, 2013, p.3).

Marcados por dois anos de pandemia (2020 a 2022), 30% dos entrevistados realizaram seus estágios de forma totalmente remota e o restante realizou tanto no formato online quanto presencial. É unânime que a experiência online não contribuiu para a decisão de seguir na docência para os participantes da pesquisa. Nas palavras de L8 e L1 (que realizaram seus estágios de forma parcialmente online) respectivamente: *‘Parte foi presencial, parte foi EAD. EAD foi horrível. Acho que não contribuiu em nada o EAD.’* e *‘Já os da pandemia foi bem complicado. Acho que não deu para aproveitar muito’.*

Ao serem questionados se teriam uma visão diferente da Educação Básica e da docência caso o estágio tivesse ocorrido de forma presencial, os licenciandos L4 e L9, que o realizaram de forma totalmente remota, afirmaram respectivamente que: *‘Eu acho que se eu tivesse contato, de ir na escola e tudo, os alunos, as aulas, talvez mudaria um pouco a minha concepção’* e *‘Faltou isso nesse período de estágio para mim. Porque não consegui ter contato nenhum com os alunos, não sei como está. (...) um professor fala isso, que está desse jeito, mas e eu? Como eu fiquei de experiência?’.*

O estágio é uma das partes da docência em que há trocas interativas e está profundamente ligada à atividade prática. O perfil dos licenciandos nos tempos mais recentes é de estudantes sem a experiência profissional da docência e assim, não se reconhecem na “regência de uma sala de aula” (SOUZA; FERREIRA, 2020). No espaço virtual, como citados pelos licenciandos *‘(...) nós não tivemos uma vivência, nós só estávamos reproduzindo e vendo o que estava sendo passado para esses alunos’* (L5) e *‘Agora o estágio supervisionado 1 ocorreu de maneira virtual. Então nós não tivemos contato com nenhum aluno, com nenhum professor, coordenador ou diretor’* (L6). Somado a fala de L9 citada anteriormente, que não considera o estágio remoto como uma experiência, sem as interações e a vivência, o estágio remoto foi uma mera formalidade que definitivamente não reflete a realidade de uma sala de aula.

Ao elencar as expectativas dos licenciandos, há 4 unidades de registro: Alunos, Salário, Plano de carreira e Outros. Em relação aos alunos, categorizou-se de 5 formas: Medo, Desrespeito, Desinteresse, Ensino e Pais.

Na unidade de registro salário, há 4 intervalos de valores. Sobre o Plano de Carreira foi analisado o conhecimento acerca deste tópico, e na unidade de registro Outros, foram elencadas outras preocupações apresentadas pelos estudantes.

7.1.1 Alunos

Os alunos são motivo de grande apreensão por parte dos licenciandos. Na compreensão de Silva e Pedreira (2020), há uma idealização do “bom professor” na imaginação dos licenciandos e é justamente esta idealização que gera as expectativas e medos em relação ao desempenho na sala de aula.

As categorias com mais respostas são o **DESINTERESSE** (50% - L1, L2, L3, L4, L6) e **ENSINO** (50% - L1, L2, L5, L7, L10). No Quadro 5 a seguir estão representadas as respostas dos Licenciandos nas determinadas categorias.

Quadro 5 - Expectativas dos licenciandos sobre o desinteresse dos alunos e suas preocupações quanto ao ensino

Categorias	Respostas
DESINTERESSE	“Eu tinha bastante medo, para falar a verdade. Ainda mais de um ensino fundamental, porque tem aquele estigma da turma bagunceira, que não quer nada com nada, fica aquele caos que nós acabamos escutando” (L1). “É muito difícil a realidade de você ter que dar conta, em 50 minutos, os alunos às vezes não estarem tão interessados e você perder muito tempo para tentar organizar a sala, manter em silêncio e manter cada um no seu lugar. (...) o momento de início é bem complicado e você fica bem assustado” (L2). “(...) o que eu percebi foi que os alunos têm muito pouco interesse. Principalmente com a área da química” (L3). “Pelo que eu vejo, os alunos não têm o mínimo de interesse em qualquer matéria, em qualquer área que está na escola, você percebe que a grande maioria não tem o mínimo interesse de estar dentro da sala de aula, de prestar atenção, de querer aprender” (L4). “(...) a falta de desejo de aprender por muitos alunos. Isso que causa muito tumulto, muita bagunça em sala de aula. (...) muitos alunos, principalmente agora pós pandemia, muitos alunos sem perspectiva de futuro, o que acarreta o desejo deles não aprenderem. Eu cheguei na rede privada e vi que lá está a mesma coisa. Pós pandemia, pessoal sem perspectiva” (L6).

ENSINO	“(…) por mais que tenha esses estágios, provavelmente porque eu fiz dois on-line, eu senti que não tive tanto essa vivência. Então essa experiência de lidar cara a cara com os alunos, eu sinto que eu não estaria tão preparado” (L1). “No presencial, eles já têm um certo receio em química, eles falam: “é muito difícil, não gosto”. Então, para você conseguir a maior atenção, pelo menos da maioria, eu acho que você já tem que ter um pouco de experiência ali para saber lidar com eles” (L2). “Acho que a falta de experiência, principalmente. (...) No estágio nós aplicamos para darmos algumas aulas, pelo menos uma ou duas, mas não chega nem perto do que é ser um professor, ir lá todo dia e dar aula. Então essa falta de experiência, de você saber se você está realmente conseguindo dar esse ensino, passar esse conteúdo para os alunos, acho que essa é a minha maior preocupação de não conseguir” (L5). “Eu acho que seria de atender a todos. Porque nós sabemos que cada aluno tem um grau de dificuldade, principalmente na nossa área, que é química. Então acho que essa seria a maior dificuldade, de poder engajar aquele aluno. Incluir ele para que ele também entenda como os outros, que têm menos dificuldade” (L7). “Eu acho que, por ser química, seria a matéria em si. Porque a base de exatas que eles têm é muito pouca. (...) eles são fruto da pandemia. Pode ser que não tenham prestado atenção, não tenham tido aula esse tempo. Então, quando eu começar a lecionar, eu provavelmente vou ter que ir um pouco devagar do que estão acostumados” (L10).
--------	--

Fonte: A Autora.

No ensino, os entrevistados evidenciaram a questão da inexperiência, conseqüentemente insegurança, e da dificuldade em ensinar Química pela matéria em si (“[...] o medo de não conseguir ou falhar é muito forte nos alunos, expondo de maneira bem clara o temor de vivenciar uma experiência negativa” (SILVA; PEDREIRA, 2020, p. 127)). Como todos são muito jovens, esse medo de não dominar o conteúdo para ministrá-lo, de engajar todos os alunos, pode estar ligado à falta de experiência em sala de aula dos licenciandos.

Somado a isso, há extrema preocupação com o desinteresse dos alunos em aprender. Em seu estudo, Tonche (2014, p.6) afirma que nos processos de ensino e de aprendizagem, “a motivação deve estar presente em todos os momentos”, ou seja, para aprender é necessário que o aluno queira aprender, que se sinta motivado a estar no ambiente escolar e estudar. Ainda, atualmente é mais difícil driblar o desinteresse do aluno, pois existem inúmeros fatores que contribuem negativamente para a motivação. Um dos exemplos citados por Tonche (2014) coincide com a resposta de L6, que é a falta de perspectiva para o futuro.

A ligação entre essas categorias é simples. Os futuros professores têm uma soma de problemas ao iniciar a docência: lhes falta experiência, sobra insegurança, a disciplina de Química é vista como difícil e os alunos estão desinteressados em aprender. Assim sendo, os professores possuem o compromisso de motivar-se para que com suas atitudes os alunos desenvolvam motivações para entender o conteúdo abordado, construam o conhecimento e finalmente, aprendam (TONCHE, 2014).

As categorias restantes, **DESRESPEITO** e **PAIS** evidenciam ainda mais as inseguranças dos licenciandos. L9 salienta que tem *‘(...) bastante medo dos alunos, principalmente em escola pública. Que não tem mais respeito com o professor, responde o professor e eu tenho medo de chegar na sala de aula.’* Silva (2012) expõe que a violência nas escolas é cada vez maior e a mídia ao reportar os casos reforçam essa ideia de agressividade no ambiente escolar, afastando bons professores da sala de aula.

É o exemplo citado pelo licenciando L3, que salienta ter visto muito desrespeito perante o professor durante o mês que realizou seu estágio presencial: *‘(...) desse momento que eu fiquei, (...) eu vi três alunos xingarem o professor. Xingar na cara mesmo. Então é um pouco preocupante. Nós sempre escutamos sobre a educação pública, mas não, eu imaginava menos.’*

Como já mencionado, essas más experiências podem afastar os futuros professores da carreira docente, mas há de se tomar cuidado para não generalizar o ambiente escolar. Ao relatar sua experiência, L6 destaca sua surpresa em relação à expectativa que possuía:

Eu tinha uma ideia de que eles não me respeitariam como professor. Eles não teriam de respeito para comigo. Mas foi algo que aconteceu totalmente diferente. Muito pelo contrário. (...) Lá no estágio, vendo como funciona muitos alunos, como funcionam as coisas, eu passei a entender como funciona uma escola pública. Eu vi que na escola pública você tem muita oportunidade de realizar atividades diferentes (...) A galera dá um pouquinho de trabalho, se o professor não tiver um bom jogo de cintura. Mas quando eu fui lecionar no estágio, o pessoal super me recebeu bem.

O relacionamento com os pais dos alunos é exposto por dois licenciandos, principalmente L10 que compara o tratamento nas escolas públicas e particulares.

E com os pais de alunos eu também tenho um 'receiozinho', porque eles são meio, por exemplo, na particular você tem que ter um receio maior ainda. Porque além deles estarem pagando, eles tratam as crianças assim. E pública, não são todos os pais que vão lá, óbvio, a maioria dos pais às vezes só deixa a criança lá e tudo bem, mas um pouco. Porque as crianças têm muita dificuldade com os pais em casa. Isso também pode ser uma coisa que afete na sala de aula e que acabe me afetando, também.

Esta última afirmação corrobora com o descrito por Tonche (2014) quando destaca que a família e sua influência afetam diretamente os alunos que apresentam uma tendência à autoestima prejudicada e/ou exibem distúrbios na aprendizagem. “Os filhos de pais ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, gerando desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar” (TOUCHE, 2014, p.13 apud SCOZ, 1994, p.71). Isto consequentemente afeta os professores, ainda mais quando há situações em que os pais delegam à escola suas funções.

7.1.2 Salário e Plano de carreira

Tratar-se-á dessas duas unidades de registro juntas pois estão interligadas. Na unidade **SALÁRIO**, dividiu-se quatro categorias em relação aos intervalos de valores quanto às expectativas dos licenciandos ao recebimento mensal do professor contratado (Categoria O), que trabalha exclusivamente na Educação Básica com a carga horária completa (40 horas semanais).

Por outro lado, na unidade **PLANO DE CARREIRA**, verificou-se o conhecimento dos licenciandos perante o novo plano aprovado em março de 2022 e a importância de inteirar-se das proposições neles dispostas.

Criadas ao longo das últimas décadas, a estrutura da carreira dos professores no Estado de São Paulo é composta por categorias nas letras A, F, I, L, N, O, P, R, S e V. A única composta por docentes efetivos e estáveis (concursados) é a categoria “A”. As demais são “Ocupantes de Função-Atividade” (OFA) sendo que atualmente, os professores que iniciam a carreira docente, ingressam na categoria “O” (professores(as) com o mínimo de 19 aulas atribuídas anualmente) ou na categoria “V” (professores(as) que

recebem por aula dada e estão à disposição das escolas para assumir as turmas na falta dos titulares) (REDE ESCOLA PÚBLICA E UNIVERSIDADE, 2022).

A Assembleia Legislativa do estado de São Paulo, pela Lei Complementar nº1.374 de 30 de março de 2022, institui Planos de Carreira e Remuneração para os Professores de Ensino Fundamental e Médio, para os Diretores Escolares e para os Supervisores Educacionais da Secretaria da Educação: “O ocupante do cargo de Professor de Ensino Fundamental e Médio será remunerado exclusivamente por subsídio [...] fixado nos seguintes subanexos do Anexo II desta lei complementar”, como mostrado na Figura 2 a seguir.

Figura 2 - Subanexos 1 das tabelas de Subsídio do professor de Ensino Fundamental Médio em Licenciatura Plena

Professor de Ensino Fundamental Médio															
TABELA DE SUBSÍDIO - 40 HORAS SEMANAIS															
Subanexo 1 - Licenciatura Plena															
Ref / R\$	L1	L2	L3	L4	L5	L6	L7	L8	L9	L10	L11	L12	L13	L14	L15
	5.000,00	5.500,00	6.100,00	6.600,00	7.200,00	7.700,00	8.300,00	8.800,00	9.400,00	9.900,00	10.500,00	11.000,00	11.600,00	12.300,00	13.000,00

TABELA DE SUBSÍDIO - 25 HORAS SEMANAIS															
Subanexo 1 - Licenciatura Plena															
Ref. / R\$	L1	L2	L3	L4	L5	L6	L7	L8	L9	L10	L11	L12	L13	L14	L15
	3.125,00	3.437,50	3.812,50	4.125,00	4.500,00	4.812,50	5.187,50	5.500,00	5.875,00	6.187,50	6.562,50	6.875,00	7.250,00	7.687,50	8.125,00

Fonte: Modificado de SÃO PAULO (SP), 2022. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/2022/lei.complementar-1374-30.03.2022.html>. Acesso em: 01 nov. 2022.

Essa Figura 2 faz referência a Seção VII: Do Subsídio. A referência L1 indica o cargo inicial da carreira de Professor de Ensino Fundamental e Médio. Assim, o salário inicial base dos futuros professores entrevistados é de R\$5.000,00.

Ao serem perguntados sobre a base salarial caso trabalhassem exclusivamente em uma escola pública da Educação Básica com a carga horária completa, 40% dos licenciandos responderam um valor acima de R\$4.000,00, 20% entre R\$3.000,00 e R\$4.000,00, 10% entre R\$2.000,00 e 3000,00 e os outros 30% entre R\$1.000,00 e R\$2.000,00. Não

surpreendentemente, dos 6 licenciandos que apontaram os menores intervalos salariais, 5 deles também desconhecem o novo plano de carreira.

Essas porcentagens revelam uma baixa expectativa em relação aos salários e um alto desconhecimento da parte mais técnica e burocrática da profissão. De acordo com o estudo realizado por Ferreira (2004) com alunos dos cursos de Licenciatura, os estudantes estão envolvidos em um imaginário social que apresenta a docência como opção profissional desaconselhável e apesar de serem críticos da remuneração e a carreira em si, não conhecem ou conhecem muito pouco dos aspectos técnicos e burocráticos da profissão (e não é papel da disciplina de estágio suprir essa falha que existe na graduação). Isso corrobora com os dados coletados e apresentados anteriormente.

Dos outros 50% dos licenciandos que afirmam conhecer o novo plano de carreira, todos tomaram conhecimento fora da graduação. Dois deles informaram que essa ciência se deu pelo estágio através das Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPCs): *‘(...) por causa desse novo plano ser muito novo, eu não saberia nada, porque não tive na graduação. (...) Mas se não fosse justamente o estágio, hoje eu não saberia nem o que seria isso.’* (L6).

Muitos dos licenciandos veem a falta de informações sobre a parte mais técnica e burocrática da carreira como uma das falhas do curso de Licenciatura, como destaca L2 e reforçado por L4, L8 e L9. Ainda é salientado por L5 que o curso apresenta disciplinas extremamente difíceis (que retém grande parte dos alunos) e há uma valorização para o bacharelado, vista principalmente nos primeiros anos, pois apenas no terceiro e quarto ano há mais disciplinas pedagógicas.

Em geral, a abordagem desses tópicos na graduação é vista como positiva: *‘(...) apesar de mostrar as dificuldades, eu acho que mostra a realidade. Eu acho que o aluno que está se formando, o professor, deveria ter o conhecimento da realidade’* (L3) e *‘Eu acredito que deveria ter uma coisa do real mesmo, que ali nós iríamos saber que a informação para nós é o real, é o verdadeiro’* (L7). Além disso, L4 destaca que talvez isto possa tornar-se um incentivo aos estudantes que não conhecem a carreira docente. Contudo, essa visão contrapõe-se com a de L8: *‘Porque nós sabemos que é uma categoria*

que trabalha muito e ganha pouco. Pela carga de trabalho, ganha muito pouco.’. Esse licenciando considera importante trabalhar esses pontos na graduação, mas acredita que em vez de motivar, acabe desanimando, desincentivando.

7.1.3 Outros

Nesta unidade de registro, apontou-se outras expectativas dos licenciandos quanto a duas outras categorias: as **POLÍTICAS PÚBLICAS** e **INFRAESTRUTURA**. As respostas estão listadas no Quadro 6 a seguir.

Quadro 6 - Respostas dos licenciandos sobre as políticas públicas e infraestrutura das escolas

Categorias	Respostas
POLÍTICAS PÚBLICAS	“O que mais me deixa preocupado é como o governo lida com a educação pública. Essa instabilidade, essa mudança de caderno que aconteceu várias vezes já no estado de São Paulo e provavelmente vai acontecer de novo, eu acho que isso é um grande empecilho para a parte docente do país. Eu acho que é uma das coisas que mais me deixa preocupado com o futuro” (L3). “Que se torne tudo muita politicagem. [...] Porque, na verdade, nós sempre encaramos como politicagem, querendo ou não. Era uma forma do atual ou ex governo tentar trazer para si a categoria. Mesmo sendo lei, o governo usa aquilo como campanha, no fim das contas” (L8).
INFRAESTRUTURA	“Eu acho que a principal situação que faz você repensar foi a falta de infraestrutura mesmo na escola, principalmente a parte da química, na escola onde eu fui como estagiário não tinha laboratório. A parte de <i>internet</i>, por exemplo, de nós usarmos alguma coisa de <i>internet</i> não dava, porque a escola não tinha internet. Qualquer coisa que nós fôssemos utilizar via digital, tinha meia dúzia de notebooks” (L3). “Ao meu ver, a maior dificuldade de lecionar na educação básica seria o motivo das salas serem extremamente lotadas, superlotadas de alunos. Então é um pouco espaço físico. No português bem claro, são poucos metros quadrados para muita gente estar ali” (L6).

Fonte: A autora.

A Tabela 2 refere-se à relação entre docentes e alunos matriculados nas escolas públicas do estado de São Paulo com dados do IBGE de 2021. Ela mostra a extrema defasagem do número de docentes, pois ao calcular a relação Alunos/Docentes tem-se 18/1. Isso mostra justamente a situação apresentada por L6, com salas superlotadas, e, conseqüentemente, com os

docentes sem conseguir atender a todos os alunos, em especial aqueles com maiores dificuldades.

Tabela 2 - Matrículas, Docentes e Rede Escolar do estado de São Paulo

Ensino	Matrículas	Docentes	Escolas	Alunos/Docentes
Fundamental + Médio	7.041.268	398.401	21.686	=~ 18

Fonte: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2021. Brasília: Inep, 2022.

Ainda na categoria infraestrutura, os dados da Tabela 3, coletados pelo censo escolar de 2019 produzido pelo INEP, apresenta os seguintes índices em porcentagem (%) presentes no estado de São Paulo relacionado ao tópico mencionado anteriormente.

Tabela 3 - Infraestrutura disponível nas escolas públicas de Educação Básica no estado de São Paulo em 2019 em porcentagem (%)

Região	UF	Biblioteca	Lab. Informática	Lab. Ciências	Internet Banda larga
Sudeste	SP	13	77	23	83

Fonte: SCHNEIDER, Gabriela; FRANTZ, Maíra Gallotti; ALVES, Thiago. (2020, p. 1-13).

As Tabelas 2 e 3 comprovam o quadro destacado por L3, que a pandemia da Covid-19 expôs, com a ausência de laboratórios de Ciências, bibliotecas, laboratórios de informática, escassez de computadores e internet. Em tempos de necessidade do uso das redes sociais e ensino online, é inaceitável que as escolas ainda enfrentem uma condição precária.

Schneider, Frantz e Alves (2020) estudaram a infraestrutura das escolas públicas no início da pandemia e em seu diagnóstico, a falta de um espaço adequado para os alunos pode “[...] comprometer, não apenas a função social da escola, como também a qualidade de processos de ensino aprendizagem que materializem um projeto de formação amplo” (p.10). Os autores já apontavam que haviam grandes desafios do planejamento público e, por conseguinte, das políticas públicas, e esta que é outra preocupação dos licenciandos.

A formação docente necessita corresponder à realidade atual com o uso de tecnologias que fazem parte do cotidiano dos alunos da maioria das escolas do país. Contudo, além da mudança no sistema de Educação, faz-se indispensável a implantação de políticas públicas educacionais coerentes. Na afirmação de Silva (2012):

É necessário mudanças na gestão de políticas públicas no Brasil [...] na melhoria das condições de trabalho dos professores, as quais incluem medidas a serem adotadas em nível das políticas educacionais como: valorização profissional e salários mais dignos que permitam uma formação constante; maior investimento por parte dos governos em recursos humanos capacitados e infraestrutura para as escolas; no nível da escola, um projeto político pedagógico conectado ao trabalho em sala de aula e maior acompanhamento por parte das famílias; no que concerne à sala de aula, métodos pedagógicos mais apropriados à aprendizagem dos alunos (SILVA, 2012, p.23-24).

As mudanças curriculares citadas por L3 precisam ocorrer para coincidir com o cenário atual, mas é fundamental que os professores sejam preparados para isso, e que políticas públicas eficazes sejam implementadas na Educação Básica para que todos os agentes envolvidos se motivem e trabalhem juntos em prol de uma educação de qualidade.

7.2 A REALIDADE DOS PROFESSORES E SUAS MOTIVAÇÕES DE SEGUIR NA CARREIRA DOCENTE E TRABALHAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Assim como foi feito com os licenciandos, através das entrevistas e da utilização da análise de conteúdo foi obtido o quadro 7 com as respostas dos Professores em relação a presença nas categorias apresentadas (3ª).

Quadro 7 - Respostas dos Professores

1ª	2ª	3ª	Professores
Tempo de atuação na Rede	Privada	6 - 8 anos	P6
	Pública	0 - 2 anos	P3, P8
		5 - 6 anos	P1, P2
		6 - 8 anos	P4, P5
		Acima de 10 anos	P7
	Aulas	30 - 40	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8

Rotina	Salas	7 - 11	P1, P2, P3, P8
		14 - 16	P4, P5, P6, P7
	Alunos (média por sala)	20 - 30	P5, P6, P8
		30 - 40	P1, P2, P3, P4, P5, P7
Tempo livre	Não Ocupa	-	P1
	Ocupa	2 escolas ou aulas em todos os períodos	P2, P3, P5
		Atividades	P4, P5, P6, P7, P8
Dificuldades da carreira docente na Educação Básica	Relativos	Desvalorização profissional	P1, P6, P7, P8
		Infraestrutura	P8, P7
	Relações	Inter-relações pessoais da classe	P2, P7
		Alunos	P3, P4, P5
		Gestão escolar	P1
Salário	Justo	Sim	P1
		Não	P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8
Profissão	Contente	-	P1, P2, P6, P8
	Depende	-	P3, P4, P5, P7
Motivação em seguir na carreira docente	Extrínseca	Alunos	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8
		Salário	P4
	Intrínseca	Dar aula	P5, P8

Fonte: A Autora.

7.2.1 Tempo de Atuação na Rede, Rotina e Tempo livre

Dos 8 professores entrevistados, 1 trabalha exclusivamente na Educação Básica privada, 1 trabalha tanto na privada quanto pública e os outros 6 trabalham exclusivamente na rede pública. Analisando-se o **TEMPO DE ATUAÇÃO**, 25% trabalham na rede há menos de 2 anos, 25% trabalham de 5 a 6 anos, 37,5% trabalham de 6 a 8 anos e 12,5% trabalham a mais de 10 anos.

Na unidade **ROTINA** todos os professores dão de 30 a 40 aulas semanais, com metade tendo de 7 a 11 salas e a outra metade de 14 a 16 salas. Ao serem questionados em relação à média de alunos por sala, 3 professores têm em média de 20 a 30 alunos e 6 apresentam em suas salas uma média de 30 a 40 alunos. Interessante pontuar que os professores que possuem menos alunos em suas salas, dois referem-se às salas de aula da rede privada e o outro a uma escola rural. As maiores médias são das salas de aula com alunos da rede pública de Educação Básica, que conhecidamente dispõe de um grave problema já citado, as salas superlotadas.

Quanto ao **TEMPO LIVRE**, somente P1 afirma que consegue administrar seu tempo, e o papel de professor não ocupa seu tempo de descanso e lazer: *‘(...) por causa dessa quantidade de horas que a gente é obrigado a ficar dentro da escola. Eu já não faço nenhum trabalho de escola fora do meu horário da escola’*. Todos os outros professores confirmam que é difícil ter tempo livre exercendo essa profissão, o que resulta em até mesmo brincadeiras por parte de alguns deles, como P2 e P5 que entre risadas responderam respectivamente *‘Bom, é difícil até ter tempo livre, né?’* e *‘O professor tem tempo livre?’*.

Estes últimos dois professores, juntamente a P3, têm boa parte de seu tempo livre ocupado porque dão aulas em duas escolas ou na mesma escola em todos os períodos. Segundo P5, a vida do professor gira em torno da escola: *‘(...) a todo momento a gente está estudando ou pensando em escola, ou corrigindo atividades, ou fazendo alguma outra coisa em função da escola. Então é questão de gerenciamento de tempo mesmo’*.

Isto também é motivo de insatisfação, já que o uso deste tempo excede a carga horária de trabalho: *‘Eu uso muito do meu tempo livre. Eu continuo a semana. Ou seja, na verdade eu trabalho mais que 40 horas por semana, mas isso não entra em nenhum tipo de registro’* (P4). Entre as razões apresentadas na categoria **ATIVIDADES** todos são enfáticos em apontar o preparo das aulas teóricas e experimentais, preparo e correção de provas, preenchimento de diário e devolutiva aos alunos. O artigo 10 da Seção VI: Das Jornadas de Trabalho da Lei nº 1.374 de 30 De Março De 2022, que institui Planos de Carreira e Remuneração para os Professores de Ensino Fundamental e Médio dispõe que:

Artigo 10 - A jornada de trabalho do Professor de Ensino Fundamental e Médio que atua na Trilha de Regência será composta de:

I - 2/3 (dois terços) da jornada em atividades de interação com os educandos; e

II - 1/3 (um terço) da jornada em atividades pedagógicas na unidade escolar, sem interação com os educandos.

§ 1º - O tempo de trabalho destinado às atividades pedagógicas sem interação com os educandos deverá ser cumprido integralmente na unidade escolar.

§ 2º - A hora de trabalho terá a duração de 60 (sessenta) minutos. (SÃO PAULO (Estado), 2022)

Considerando-se uma jornada de 40 horas semanais, o artigo acima estabelece que 27h seriam destinadas a regência de sala de aula e as outras 13h às atividades extraclasse citadas pelos professores. O inciso 1º ainda reforça que essas atividades extraclasse devem ser realizadas na escola, ou seja, o trabalho não deve ser levado para casa. Contudo, como todos demonstram em suas respostas e reforçado pela fala de P7, esse tempo é insuficiente: *‘São, em média, 14 horas aulas. 14 horários. Agora vamos supor de 45 minutos. (...) Pra 16 turmas, não é o suficiente. Mas é, principalmente nos períodos de avaliação, na correção das atividades, não é o suficiente, não.’*

7.2.2 Dificuldades da carreira docente na Educação Básica

Na compreensão de Ferreira (2019), o profissional da docência da rede pública de ensino encontra-se em um contexto no qual há demonstrações de insatisfação, desvalorização e precariedade nas condições de trabalho. Ao analisar-se o que os professores consideram as principais dificuldades de seguir na carreira docente na Educação Básica, foram apontadas várias razões dispostas nas unidades de registro **RELAÇÕES** e **RELATIVOS**.

Na unidade **RELAÇÕES**, os professores apontaram que veem dificuldades nas inter-relações pessoais da classe, nos alunos e na gestão escolar. Na unidade **RELATIVOS** categorizou-se em Desvalorização profissional e Infraestrutura.

7.2.2.1 Inter-relações pessoais da classe

Na compreensão de Moreira, Sousa, Moraes e Sousa (2005) a competitividade do mundo globalizado diminuiu o convívio social devido a necessidade do ser humano garantir seu espaço profissional. Isto pode ser observado nas relações entre os docentes e na fala de P2 e P7 expostas no Quadro 8 a seguir.

Quadro 8 - Respostas dos professores P2 e P7 sobre as relações interpessoais

Professor	Resposta
P2	Existe uma grande problemática da questão de distribuição de cargos de professor no estado. Eu acho que isso é bem evidente. Então acho que a maior dificuldade é você ter um espaço pra poder começar. E quando esse espaço surgir, como você vai ser apresentado pra essa oportunidade? Hoje são pequenos espaços que aparecem. Quando aparecem são em situações que tinha alguém que era mais experiente, ou que não era pra gente estar ali. Então tem essas questões dentro da classe. Então eu falo que a maior dificuldade hoje pro professor dentro da área da atuação no ensino básico é essa relação com os outros profissionais da área
P7	(...) hoje em dia as licenciaturas são basicamente dessas universidades particulares, pequenas, que não têm uma história dentro da formação de professores. E isso acaba trazendo para nós profissionais com baixa qualidade de formação mesmo. E isso prejudica bastante. O fato também de não ter concursos, são professores contratados. Então professores com pouca experiência, quase 75% dos professores são professores contratados. Entre eles você tem aqueles que têm bastante experiência, aqueles que não têm nenhuma experiência e isso prejudica um pouco, eu acho.

Fonte: A autora.

Como apontado por P7 e reforçado pelo estudo da REDE ESCOLA PÚBLICA E UNIVERSIDADE (REPU), a rede estadual de ensino paulista é fortemente dependente da presença de docentes temporários e eventuais, sendo que o *déficit* de professores concursados pode ser explicado também pela pífia realização de concursos públicos nessa área. Faz quase 10 anos que realizou-se o último concurso público para contratação de professores/as para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. (REPU, 2022).

Em um determinado momento da entrevista, P3 expôs sua insatisfação quanto ao tratamento dado aos professores concursados versus contratados: *(...) eu não tenho todos os benefícios que um professor concursado tem. (...)*

eu trabalho igual a eles. Tô com a carga horária quase cheia. Então assim, não é muito justo'. Segundo Ferreira (2019), os professores contratados possuem a mesma função e sofrem da mesma cobrança dos professores efetivos, situação que este considera ilógica.

Na concepção de Venco (2019), há um cenário de fragmentação quando se fala da categoria professor(a), que é em partes, possibilitada pelas relações de trabalho precárias. A autora ainda afirma que vem ganhando espaço uma individualização em uma comparação com o neoliberalismo, pois atinge as “[...] relações sociais e coage situações de competitividade entre iguais, levando cada um a adotar comportamentos e atitudes de empresários de si mesmos” (2019, p.13).

Sob o ponto de vista da autora supracitada, a determinação de valores quanto a produção individual e em equipe produz uma competição permanente que resulta no individualismo exacerbado versus a solidariedade e ação coletiva. Os docentes são, portanto, envolvidos em uma política educacional com contratos precários, de tempo determinado, com flexibilização a empregabilidade de profissionais de áreas diferentes da disciplina ministrada e de estudantes com formação superior incompleta que aceitam ministrar aulas fora de sua área, com improvisação e/ou utilizando materiais prontos produzidos pelo Estado. O Estado então assiste e contribui para a fragilização da classe docente e degradação das condições laborais que conduz a uma piora na qualidade da Educação Básica (VENCO, 2019).

7.2.2.2 Alunos

Na categoria Alunos, já abordado sob o olhar dos Licenciandos, também é citado pelos docentes praticamente da mesma forma. Os professores evidenciam que há como desafios, o desinteresse, o desrespeito e o ensino, a fim de garantir a aprendizagem desses alunos.

Este último tópico é visto como dificuldade pois assim como explana P5, é complicado garantir a aprendizagem de 100% dos alunos.

[...] a gente se esforça, a gente faz pesquisa, dá a volta, tenta trazer um material diferente, ou tenta explicar de uma forma diferente, mas a gente não consegue garantir que 100% dos seus alunos vão

aprender, isso é fato, não é algo que a gente está fazendo errado, é algo que depende do outro querer aprender. Então o processo de ensino, que é a parte que eu faço, não necessariamente garante a aprendizagem, que é a contrapartida do aluno, então só funciona quando os dois estão alinhados (P5).

Essa questão do ensino está intrinsecamente ligada ao interesse dos alunos em aprender e estudar. P3 aponta em seu depoimento que os próprios alunos entram em contradição. Eles se mostram desinteressados nos estudos, mas quando questionados se pretendem ingressar em algum curso superior, escolhem cursos extremamente competitivos: *‘[...] vamos dizer assim, na cabeça deles, eles pensam em fazer vários cursos, tipo medicina, entendeu? Sem o mínimo de vontade e esforço pra estudar. Então o maior desafio é esse.’*

Quanto ao desrespeito, P4 afirma que é algo rotineiro essa questão do desrespeito dos alunos em relação ao professor.

[...] atualmente sim, tá pesando muito, muito o comportamento dos nossos alunos. Tá muito complicado. [...] Quando fala muito de pandemia, eu acho que é muito bode expiatório. Não é só a pandemia não. Já era um processo que tava ocorrendo. [...] Nós temos uma clientela, isso é em todas as escolas, que está muito difícil de lidar. Nós temos a característica dos nossos cidadãos nesse momento, não é só o jovem, não. Tá geral. [...] Hoje é muito imediato por questão da tecnologia que nós temos. [...] Bom, em relação à falta de respeito, eu vou ser bem sincero, isso tá acontecendo muito. É muito recorrente, isso é recorrente diariamente (P4).

O exposto está em concordância com Silva (2012), pois os professores além de não dispor de condições adequadas para realização de seu trabalho, sofrem com as violências e desrespeito dos alunos dentro e fora das salas de aula. A autora argumenta que “Muitos até deixam de lecionar para irem procurar em outra profissão a valorização e o respeito que merecem e deveriam ter nas escolas” (2012, p. 12).

7.2.2.3 Gestão escolar

Além da relação professor/professor, professor/alunos, a relação entre a professor e gestão escolar foi um dos tópicos citados como dificuldade da carreira docente. Segundo P1, é a gestão escolar que mais influencia no trabalho do professor.

Se você tem a liberdade de fazer aquilo que você pretende fazer, você se dá bem. Mas tem gestões que não deixam você fazer isso, elas querem de alguma forma orientar o seu trabalho, falar o que você deve fazer, dar alguma coisa para você. O professor está perdendo a liberdade em sala de aula, isso é muito ruim [...] a gestão está buscando algumas coisas para tentar tirar o professor da escola. Isso é uma coisa muito ruim, eu vejo assim que é o que mais influencia no trabalho (P1).

A estrutura escolar de acordo com Santos e Oliveira (2019), funciona com três partes fundamentais: as estruturas física, administrativa e social. A escola seria um conjunto de fatores materiais e humanos, em que há necessidade de um gestor que tem por objetivo assegurar e ter sucesso nos objetivos propostos. Os gestores são tidos como os responsáveis por mediar e resolver conflitos no ambiente de trabalho. É importante salientar que os gestores não são administradores, pois estes últimos cuidam somente da parte burocrática e não interferem significativamente no que acontece ao seu redor, ao contrário dos primeiros.

Em seu estudo sobre a gestão escolar e o trabalho dos professores, Oliveira e Ferreira (2010, p.497) indicam que a gestão escolar acaba regendo o trabalho dos professores. Os exemplos citados pelas autoras englobam principalmente a “[...] importação de modelos educacionais que deram certo em outros lugares (o que não garante sucesso na nossa realidade), bem como outras práticas descontextualizadas à realidade do processo escolar hoje.”

As autoras ainda reforçam que a realidade escolar vivenciada se distancia do que deveria ser a gestão escolar em si, mas sim é observado um “modelo atrelado às relações de poder, onde o domínio das decisões se concentra nas mãos daqueles que detém maior autoridade” (OLIVEIRA; FERREIRA, 2010, p.501), exatamente como relatado pelo sujeito de pesquisa P1.

Os conflitos entre gestores e docentes irão acontecer pois é um espaço que envolve seres pensantes de diferentes opiniões. Contudo, o papel do gestor é mediar esses conflitos solucionando-os de maneira em que não atrapalhe o andamento da escola e o trabalho do professor. Faz-se necessário, portanto, uma boa comunicação, empatia e aceitação de ideias buscando a

cooperação e o trabalho conjunto para uma gestão escolar mais efetiva e eficiente.

7.2.2.4 Infraestrutura

Outra dificuldade citada pelo docente P8 que também preocupa os licenciandos é a infraestrutura. Em seu depoimento, o docente afirma que esta dificuldade se torna também desestimulante e desencoraja que o professor permaneça ministrando aulas na rede básica. *‘(...) não é o meu caso, mas a questão de salas muito cheias, essa parte de infraestrutura que deixa a desejar. Quando eu estava em outras escolas, eu sentia isso’.*

Outro ponto destacado é que eventualmente o professor precisa desembolsar de seu próprio salário para que consiga realizar as atividades que deseja: *‘A falta de material dificulta bastante, (...) tudo que precisava do laboratório em termos de material pra fazer as análises, vinha do meu bolso. Vou ser bem sincera’* (P7).

Essa fala do docente corrobora com o argumentado por Silva (2012), que devido à falta de recursos materiais e pedagógicos suficientes, muitos professores têm que utilizar seu próprio material para o preparo das aulas. Isto ocorre principalmente nas escolas concentradas nas regiões mais pobres onde o material recebido é insuficiente.

7.2.2.5 Desvalorização profissional

A categoria **DESVALORIZAÇÃO PROFISSIONAL** refere-se ao descontentamento dos professores com este tópico e também a falta de incentivo para a formação continuada, mestrado, doutorado, especializações, entre outras. As respostas dos professores estão dispostas no Quadro 9 a seguir.

Quadro 9 - Respostas dos professores quanto a desvalorização profissional

Categoria	Respostas
DESVALORIZAÇÃO PROFISSIONAL	“Eu acho que muitas outras profissões são valorizadas e a gente acaba sendo esquecido. Como, por exemplo, um jogador de futebol,

	ou alguma coisa assim, um esporte, muitos esportes também são desvalorizados, mas o professor em si, ele é um papel fundamental para a sociedade (P6)". "Em primeiro lugar, a valorização profissional. Eu, por exemplo, tenho mestrado, já tô fazendo doutorado, mas valorização salarial em cima disso eu não tenho nenhuma, praticamente nada. (...) você tem um deslocamento que desgasta, cansa muito, e isso acaba comprometendo essas aulas livres que a gente tem aí. (...) E essa desvalorização mesmo da própria sociedade em relação à nossa profissão, isso dificulta muito (P7)". "(...) eu acho que o incentivo para que a gente permaneça, às vezes o investimento de estrutura é o incentivo para que a gente continue estudando, porque dentro desse regime de escola integral, a gente não pode fazer o mestrado durante um dia. Então, a gente tem que acabar se articulando com outros programas (P8)".
--	--

Fonte: A autora.

As falas dos docentes evidenciam o que se observa nas últimas décadas sobre a imagem do profissional da docência perante a sociedade. Há atualmente uma extrema desvalorização do trabalho dos professores que marca seus cotidianos (PEREIRA; LACERDA; LIMA; BARROS, 2020).

Com a desvalorização está ligada à fobia à carreira docente, que é uma das razões pelas quais os cursos de Licenciatura vêm sofrendo baixas ao longo dos anos. Assim, esse cenário de desvalorização é um desafio a ser enfrentado com políticas públicas efetivas e uma política de valorização da atividade docente com a devida importância à profissionalização da carreira (SILVA, 2017). Caso este quadro desvalorizado continue, Ferreira (2019) alerta que cada vez mais o ensino será ministrado por profissionais não capacitados, tornando algo que já está cada vez mais prejudicado e estigmatizado, um problema maior no país.

Arelado a desvalorização profissional está a questão salarial, que foi trabalhada em uma categoria separada devido a sua importância na vida moderna dos indivíduos.

7.2.3 Salário

Na rede pública de ensino, o salário dos professores provém de fundos públicos, quem os paga são os governos (federal, estadual ou municipal) que, seguindo a legislação quanto aos direitos sociais, oferecem serviços gratuitos

aos cidadãos de acordo com o pagamento de impostos. Desde o início dos anos 2000 observa-se que o poder público não aplica este valor na educação e no salário dos docentes, mas sim utilizam o capital proveniente dos impostos em outras despesas como infraestrutura e segurança (MONLEVADE, 2000).

Essa posição dos governos é confirmada por P4 em sua fala quando afirma que, em seu ingresso na rede básica, o cenário era diferente.

(...) existia uma política salarial um pouco diferente do que tem hoje, existia um ambiente político, voltado para a educação [...] existia uma possibilidade de um certo crescimento, né, um avanço ali na questão salarial. Essa possibilidade, ela se deteriorou com o tempo, por questões políticas, por decisões governamentais, de carreira, essa escalada política que a gente tem e que trouxe a gente até aqui (P4).

A desvalorização salarial dos profissionais da Educação, mesmo após a aprovação da nova lei nº 1.374 de 30 de março de 2022 no estado de São Paulo, é algo muito presente nos dias atuais. Contudo, é interessante notar a discrepância das respostas dos professores entrevistados quando perguntados se consideram o salário da categoria justo.

Para P1, o salário atual é justo e equivalente ao trabalho que os professores realizam. O docente argumenta que o fato de existirem maus profissionais na sala de aula é a principal razão pela qual não há um aumento significativo na folha salarial. Contudo, ele considera que o valor pago *‘poderia ser melhor’*.

Os outros docentes consideram o salário injusto. Sob o ponto de vista de P2, o justo seria todos os professores receberem o equivalente a professores que se dedicam exclusivamente ao ensino integral, com a condição que se dedicassem da mesma maneira. Ele salienta que *‘(...) hoje, pelo que nós temos de cenário e a importância da educação, mesmo juntando o integral e o regular, não é o justo ainda. Não é o pior, não é o melhor. É o não ser justo’*. P3 entende que o aumento de salário devido ao grau (mestrado, doutorado) deveria ocorrer logo no ingresso na rede básica, mas as promoções demoram anos dependendo da titulação dos magistrados. Concomitante a essa afirmação, o docente P8 reclama da enorme burocracia em torno da profissão: *‘(...) eu acredito que a gente ainda podia ser melhor valorizado. Não só em*

questão financeira, mas a questão burocrática do serviço, que igual da folha de pagamento, nossa, é descontado muito dinheiro.'

O docente P5 retoma a questão do uso do tempo:

Então eu sempre trabalho horas a mais pra fazer o mínimo (...) não é justo por conta disso, são muitas horas sem aluno que não são remuneradas, então se fosse um valor compatível, então ok, sempre pode melhorar, claro, a gente sempre espera que aumente, acompanhe a inflação, que tenha ali o reajuste (...) é mais essa questão do tanto que a gente trabalha a mais pra fazer bem feito com o aluno, e a gente recebe um pouquinho de horas aulas sem aluno, e a maior parte de hora aulas com o aluno, então não é justo por conta disso, desse extra (P5).

Segundo Pagani (2019), a desvalorização salarial além de um fator desmotivante, é uma das principais causas de insatisfação e, conseqüentemente, abandono da carreira. Esse fator precariza o trabalho, pois os professores precisam trabalhar além do necessário para garantir a sobrevivência. Essa baixa remuneração prejudica a qualidade do ensino, já que há um tempo reduzido para o preparo de aulas mais dinâmicas e que atraiam a atenção dos alunos. Ainda, sem um salário justo e digno, não ocorre a busca por qualificações e novas metodologias, a continuação da formação docente.

7.2.4 Profissão e Motivação em seguir na carreira docente

Com as discussões das outras categorias, analisou-se a realidade dos professores formados nos últimos anos e suas concepções acerca de diversos tópicos em relação ao seu trabalho. Ainda assim, é possível afirmar que há um descontentamento em relação à profissão? Surpreendentemente, nenhum dos entrevistados se diz descontente com a profissão escolhida. A unidade de contexto **PROFISSÃO** demonstra que metade afirma estar contente, e a outra metade, depende de certos fatores.

Na unidade de registro **CONTENTE**, os professores demonstram estarem realizados com seu trabalho, como pode ser visto nos depoimentos no Quadro 10 a seguir.

Quadro 10 - Respostas dos docentes em relação ao seu contentamento com a profissão

Subcategoria	Respostas
--------------	-----------

CONTENTE	“Eu tô contente com a minha profissão e com o meu trabalho em sala de aula e com meus alunos. Fico muito contente” (P1). “Você vê o seu trabalho ter influência. É um trabalho de formiguinha. Então assim, quando você vê que um cubinho do seu açúcar está sendo levado para frente, isso não tem dinheiro que pague” (P2). “Contente. Eu sou muito feliz fazendo o que faço, eu amo dar aula, eu falo que me realizei realmente” (P6). “Eu estou contente. Para onde eu estou, desde o início, acho que é uma profissão muito bonita. Eu gosto bastante do que eu faço” (P8).
DEPENDE	“Olha eu tô... Depende do dia. Não, é legal. Realmente eu gosto, sabe? (...) Às vezes a gente fica frustrado. O professor que já tá ali há mais tempo, ele já tá mais acostumado, vamos dizer” (P3). “Olha, existe momentos que a gente pode dizer que a gente está mais contente porque você evolui pessoalmente dentro da profissão. Você aprendeu a ser profissional ali trabalhando de fato, porque você só vai aprender essa profissão trabalhando. Mas por outro lado, existe muito descontentamento porque tem muitas questões” (P4). “Com a minha profissão eu estou contente, com as condições com as quais eu trabalho eu estou descontente. Então eu gosto muito de ser professora, eu me dedico bastante. É uma área que eu tenho uma novidade todo santo dia, todo dia que eu entro na sala de aula é algo diferente (...)” (P5). “Eu estou descontente em termos salariais e de valorização profissional, mas em termos de profissão, de escolha de profissão, eu não faria outra coisa” (P7).

Fonte: A autora.

Observando-se a unidade de registro **DEPENDE**, a outra metade dos professores revela que existem momentos em que estão descontentes com a profissão, mas gostam muito do que fazem. O docente P4 chega a enxergar a profissão como um fardo e aponta algumas razões pelo descontentamento dos professores: *‘Muita burocracia, pouca valorização, muita falta de condições de trabalho, você encara sempre um ambiente que ele parece ser hostil, você vê ele e o seu amigo às vezes adoecendo, esse tipo de coisa’*.

Nas palavras de Silva (2017, p.48), o bem-estar docente se mostra de acordo com o “[...] sentido que cada professor atribui a sua profissão. Estas percepções identificam suas reais satisfações e o desejo de mudança frente às condições adversas encontradas no trabalho”. O autor acentua que a avaliação dos docentes quanto ao ser bem-estar é um processo dinâmico, que envolve um conjunto de vivências positivas e negativas, as condições oferecidas para que realize seu trabalho, como o faz, entre outros. O diferencial são as atitudes

quando se deparam com obstáculos, pois eles continuam na profissão enfrentando e superando as adversidades que surgem ao longo do caminho.

Isto nos leva a unidade de contexto principal da discussão, a **MOTIVAÇÃO EM SEGUIR NA CARREIRA DOCENTE**. Afinal, se nenhum dos professores entrevistados afirma estar totalmente descontente com a profissão, o que motiva os professores a continuarem sua luta na Educação Básica? Há um consenso nas respostas que o grande fator motivador são os alunos, especificamente a diferença e impacto que seu trabalho pode resultar no futuro desses: *‘(...) você tem um compromisso com a geração futura, as gerações que vão vir aí. De certa maneira, você está causando uma mudança no seu país, no seu povo. Isso me dá uma satisfação enorme’* (P4).

Dividiu-se a unidade de contexto **MOTIVAÇÃO EM SEGUIR NA CARREIRA DOCENTE** nas unidades de registro **EXTRÍNSECA** e **INTRÍNSECA**. Retomando os conceitos de Deci e Ryan (1985), a motivação extrínseca caracteriza-se por influências externas e o ambiente. Já a motivação intrínseca independe do ambiente, do contexto e das mudanças. Ela está exclusivamente ligada aos interesses do próprio indivíduo.

Os professores apresentam, portanto, uma motivação extrínseca para explicarem sua permanência na docência. Quando afirmam que *‘(...) isso é o que me faz continuar, fazer parte de um grupo de pessoas que pode mudar a vida de um adolescente’* (P6), há uma recompensa de sentir-se útil, um sentimento de pertencimento.

Os professores P3 e P1 colocam respectivamente: *‘Deu assim, ah, eu só aprendi tal coisa porque você que explicou. E agora que eu tô conseguindo entender química’* e *‘(...) a cada aula que eu vou e que eu saio da sala de aula, eu vejo eles agradecendo, falando “é professor, obrigado pela aula, hoje eu aprendi mais do que ontem, hoje eu estou mais preparado”*. A recompensa é o interesse dos alunos pelo conteúdo ministrado, um sentimento de competência e também de autonomia, de ter realizado seu trabalho de maneira significativa.

Esses sentimentos de autonomia, competência e pertencimento são exatamente as três necessidades psicológicas básicas que satisfazem os indivíduos e integram a Teoria das Necessidades Básicas, uma das subteorias da Teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 1985). Ao implicarem os alunos

como motivo de continuar na carreira, os docentes satisfazem suas necessidades.

Dentre as três necessidades, segundo Martinek (2018), a competência é uma necessidade inata ligada ao bem-estar. Os professores, quando confiam em suas capacidades para gerenciar seu trabalho e atingem o sucesso (mesmo com as circunstâncias desafiadoras), reforçam a crença em suas capacidades de realizar ações que produzem realizações pessoais. O docente P6 é enfático ao expressar que a sua motivação é o que o mantém na educação: *'É o fato de eu acreditar e tentar promover esse protagonismo sênior, que os estudantes acreditando que a educação, o conhecimento, os estudos, podem mudar a vida deles.'*

Parafraseando os autores Deci e Ryan (2000, p.234, tradução da autora): “Um corolário direto da perspectiva TAD é que as pessoas tenderão a buscar objetivos, domínios e relacionamentos que permitam ou apoiem a satisfação de suas necessidades”. Quando bem-sucedidos no encontro dessas oportunidades, os resultados psicológicos experimentados serão positivos.

Caso o impacto seja negativo na satisfação das necessidades psicológicas, os professores podem sentir-se pressionados ou controlados. Todavia, quando os docentes encontram diferentes maneiras de satisfazer alguma de suas necessidades psicológicas relacionadas ao trabalho, isso torna-os mais resistentes (MARTINEK, 2018). Este argumento é comprovado no depoimento de P4:

É uma carreira e eu me tornei mais forte dentro dela. A gente não tem encontrado uma melhora nas condições de trabalho, mas de alguma maneira eu melhorei ali por conta própria. Você vai criando mecanismos ali para facilitar para você mesmo, e se houver a necessidade de suportar tudo isso daí, você compensa, você se recompensa com isso daí. (P4)

Na unidade **INTRÍNSECA**, a motivação é gosto, prazer, e satisfação pela docência: *'É porque gosto do campo que eu trabalho, eu gosto de química e na escola eu tenho a oportunidade de falar de química o dia inteiro, para as pessoas, e ganhar por isso. (...) Eu gosto da profissão de ser professora'* (P5) e *'(...) a minha motivação é que eu amo o que eu faço (...) trabalhar num ambiente que eu goste de trabalhar, de estar lá todos os dias (...) que eu vejo*

que dá certo.’ (P8). Essas afirmações de realizar uma atividade porque é algo inerentemente interessante ou agradável, são a descrição da motivação intrínseca.

No depoimento do docente P8 é citado o ambiente de trabalho. Como já discutido anteriormente, a realidade dos professores opera em um ambiente escolar desgastante com várias dificuldades. Deci e Ryan (2000) alertam que quando se introduz a uma atividade intrinsecamente interessante às recompensas extrínsecas, as pessoas tendem a ser controladas por elas provocando uma mudança no *locus* causalidade percebida, do comportamento interno para o externo. Dessa maneira, segundo a Teoria da Avaliação Cognitiva (TAC), há um afastamento do comportamento de origem e a exibição de menos motivação intrínseca. Essa teoria é utilizada para descrever os efeitos dos eventos que regulam o comportamento e os processos em relação à motivação.

A motivação intrínseca liga-se à necessidade de autonomia, contudo, “Embora a motivação intrínseca seja o protótipo do comportamento autônomo, os impulsos externos podem ser reconhecidos como autodeterminados desde que os indivíduos concordem com o comportamento solicitado” (MARTINEK, 2018, p.134, tradução da autora). Deci e Ryan (2000) reforçam a ideia de que a autonomia é essencial para a motivação intrínseca, que pode ser enfraquecida por vários fatores como prazos, avaliações, ameaças, entre outros. Novamente, caso isso ocorra, poderá haver uma mudança para um *locus* de causalidade mais externo.

Por fim, a última categoria refere-se à motivação extrínseca denominada **SALÁRIO**, uma recompensa ao trabalho docente apontada por P4 quando esclarece que *‘É daqui que eu tiro o meu sustento. Essa é a motivação (...) Eu acredito que no meu caso seja assim, era a minha profissão, eu entrando ali estabelecendo a minha profissão’*. Os outros participantes não deixaram explícito que a questão salarial seria uma das motivações.

Sobre as recompensas monetárias, Deci e Ryan (1985) certificam que elas podem diminuir a motivação intrínseca, dado que a atividade realizada é um meio para o fim, não um fim em si mesmo.

7.3 EXPECTATIVA DOS LICENCIANDOS VERSUS REALIDADE DOS PROFESSORES

As respostas estão separadas entre os dois grupos (professores e licenciandos) segundo a unidade de registro (1ª) e categoria (2ª) correspondente (Quadro 11). Dividiu-se as três palavras-chave dadas pelos 18 participantes da pesquisa nas categorias Positivas, Negativas E Neutras. Os números entre parênteses são a quantidade de vezes que as palavras aparecem.

Quadro 11 - Respostas dos Licenciandos e Professores

1ª	2ª	Professores	Licenciandos
Seguir a carreira docente	Incentivo	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8	L6
	Desincentivo	-	L2, L3, L4, L5, L7, L8, L10
Palavras - chave sobre o que é ser professor	Positivas	Dedicação(3), amor(2) , gratidão, motivador, modificador, esperança , crença na profissão, mágico, prazer, paciência, determinação, crescimento	Esperança(5) , amor(3) , futuro(2), dedicação(2), empatia(2), trabalhador(2), evolução, generosidade, emancipador, qualidade, humanidade, diálogo, competência, respeito, persistência
	Negativas	Desafio(2), resiliência(2), resistência	Desvalorizado
	Neutras	Estudar(2), responsabilidade, conhecimento	Ensino(2), aprendizagem, conhecimento

Fonte: A Autora.

Um dos objetivos do estudo era verificar se os professores entrevistados indicam ou não os alunos da licenciatura a seguir na carreira docente e o porquê. Na unidade de registro SEGUIR A CARREIRA DOCENTE, há uma concordância, pois, todos incentivam que o licenciando dê aulas na rede básica.

Ao serem questionados quanto a conselhos e aos passos a tomar após o término da graduação dos licenciandos, os professores sugerem a experimentação da docência como os exemplos apresentados no Quadro 12 a seguir.

Quadro 12 - Respostas dos docentes P4 e P5 em relação a incentivo a profissão

Professores	Respostas
P4 e P5	“Conselho que você dê aula. Que procure dar aula, que encare o magistério. É somente lá que você vai ter a certeza de que se você deve seguir ou não. Entre para o magistério, de fato. É a partir disso que você vai tomar uma decisão sua. Não tem outra maneira, essa é a forma. Eu fazendo as minhas descrições aqui para você, vai ficar muita coisa vaga. Então, como que você tem que fazer? De fato, mergulhar nisso. Aí você vai tomar a decisão. Entre para o magistério. Prove dele. Veja o que vai resultar disso daí”(P4). “Você faz Licenciatura certo? Então você tem que ser professor. O mínimo que você deve saber é como lecionar, o mínimo. Então não adianta a gente seguir a carreira acadêmica na área da química dura, ou nas outras áreas que nós temos além do ensino de química. Se você tá formando como um licenciado, você não sabe nem o que é ser professor. Então, já que essa é a sua graduação, você vai ser marcado por isso. (...) eu acho que você deve conhecer, ler, ir pro campo de trabalho e saber fazer, mesmo que você não faça, pra você ter pelo menos essa base, porque é a sua formação inicial” (P5).
P2 e P8	“(...) eu não comecei a minha carreira no ensino público, eu comecei na particular, no privado. E eu tinha uma visão. E depois quando eu passei a parte da minha carreira no ensino público, eu vi que na verdade é muito diferente daquilo que é falado. Então assim, eu acho que a educação precisa de profissionais como vocês que estão saindo agora, mas que estejam acreditando que é possível fazer educação, e que a educação é uma forma de mudar essa sociedade. E mudar até esse estereótipo de que os estudantes da escola pública não querem estudar, que não é uma verdade” (P2). “Eu acho que se você tiver condição de ir pegar uma sala de aula durante um ano, que seja para ver como é, porque a gente tem muito preconceito da sala de aula, principalmente a pública, ouvindo aí relatos de pessoas terceiras. Mas quando a gente vivencia na prática, a gente tem um olhar bem diferente do que realmente é. A gente sempre ouve que a educação pública é difícil e que tem muitos casos de violência e não sei o quê. (...) Então, se a gente não vê com os nossos próprios olhos, a gente fica sujeito a esse preconceito existente. Eu tinha até receio de ir à aula em escola pública, que todo mundo fala das escolas, que é difícil isso. Mas quando eu pisei meu pé numa escola pública como professor, aí eu vi que tinha outras questões envolvidas, que também é muito do nosso olhar, que a escola pode não ter a mesma estrutura que a gente quer, mas o que faz o diferencial é a forma com que eu trabalho” (P8).

Fonte: A autora.

Os relatos de P2 e P8 dispostos acima exploram a questão do preconceito existente quanto à atuação na rede básica de educação. O licenciando L5, em seu depoimento, reforça a fala de P8 sobre a visão da rede pública, *‘(...) de ser ruim, todo mundo desrespeitando, baderna e tudo mais’*. Contudo, L5 afirma que após a graduação, adquiriu um olhar mais humano, desprendido das visões pessimistas e precárias que lhe eram apresentadas:

‘Eu quero esse olhar mais humano e falar: é o meu aluno, está ali e eu quero passar o que eu posso passar para ele, para mudar a vida dele. Não tenho nenhuma dificuldade com isso.’

Ainda nesse tópico, os licenciandos têm inúmeras expectativas quanto aos alunos (apontadas no item 7.1.1), especialmente em relação ao desrespeito, desinteresse e o ensino. Devido a pouca idade, muitos licenciandos temem serem vistos como amigos e não como professores, gerando situações de desconforto. P4 não descarta esta hipótese e considera normal o receio de entrar numa sala de aula. Mas ressalta que ao impor sua autoridade (não autoritarismo), *‘(...) você começa a superar todos esses medos aí. Porque você é um maestro ali, você tem que ter em mente que é você que comanda, você é responsável pela sala’*. Já P6 explana que a relação professor-aluno é uma conquista pessoal e quando se estabelece com respeito mútuo, a tendência é o aluno imitar o comportamento do professor para com ele.

Na questão do ensino, o docente P1 afirma que a escola não faz mais ciência e é de responsabilidade do professor a busca por caminhos para que possa realizá-la no meio escolar. Seu conselho é simples: *‘Não é o aluno que tem que fazer aquilo que o professor quer, mas o professor tem que se adaptar porque o aluno está vivendo’*. Salem (2012, p. 290) explica que há “[...] uma preponderância da concepção de ‘ensino por resultados’ ou seja, de promover a aquisição de conhecimento pelo conhecimento.” e que mesmo com todas as metodologias ativas, diferentes didáticas e recursos, a ciência feita nas escolas não é “[...] para melhor conhecer e interferir sobre o mundo. Trata-se de aprimorar, mas não transformar. De efficientizar, mas não promover visão crítica”.

De acordo com Deci e Ryan (1985), o processo educacional é intrínseco pois o desejo de explorar, descobrir, compreender, conhecer é inerente à natureza das pessoas. Quando os professores conseguem atrair a atenção e curiosidade dos alunos de forma natural, evidencia-se a motivação intrínseca, que energiza a aprendizagem. Assim, cabe ao professor entender seus alunos e tornar a sala de aula uma fonte rica de estímulos e um contexto de autonomia.

À vista disso, com todas as pontuações, a justificativa dos professores no incentivo aos licenciandos dá-se pela motivação extrínseca principal em seguir na carreira: os alunos e a importância que seu trabalho impacta na vida deles: *‘E um conselho que eu dou assim é, se você quer fazer modificações numa população, modificar pensamento, fazer a sociedade pensar criticamente, a educação básica é um caminho, é um caminho transformador’* (P1).

Contrastando com o incentivo dos professores, a maioria dos licenciandos confirmam terem sido desincentivados (em algum momento) de fazer licenciatura ou seguir a carreira docente. Questionados das razões que poderiam ter ocasionado esse desincentivo, cada um aponta uma razão distinta: qualidade do ensino, carga horária desgastante e excedida, má remuneração, preconceito da sociedade, desrespeito dos alunos, desvalorização, infraestrutura, gestão, pais de alunos e falta de profissionalização. Interessante reparar que todas essas razões são problemas apontados pelos docentes na categoria 7.2.2 (Dificuldades da carreira docente na Educação Básica) e ao longo da discussão.

Este embate de polos opostos - o unânime incentivo dos professores para que os licenciandos “experimentem” à docência e o desincentivo recorrente à carreira salientado pelos licenciandos -, abre portas a outros questionamentos como: Qual dos dois expôs corretamente a realidade?

A verdade é que não há certo e errado na questão acima pois cada um tem sua concepção de mundo. Contudo, surgem outras perguntas como: De onde vem esse desincentivo citado pelos licenciandos se os professores afirmam que os incentivam? Somente uma pesquisa mais profunda poderá responder se o desincentivo provém de docentes do ensino superior, de outros níveis de ensino, de outras disciplinas etc.

7.3.1 *Palavras-Chave sobre o que é ser professor*

Essa unidade de registro mostra as semelhanças entre os futuros professores e os que já exercem a profissão.

Na categoria Neutras, a palavra conhecimento aparece nos dois grupos, sendo que no Grupo 1 há a palavra estudar (2) e no Grupo 2 tem-se as

palavras ensino (2) e aprendizagem (1). Na categoria Negativas, há somente uma palavra no Grupo 2, desvalorização (1). Para o Grupo 1, as palavras são desafio (2), resiliência (2), resistência (1) e responsabilidade (1).

A grande maioria das palavras são Positivas. Com destaque para as palavras dedicação (3) e amor (2) no Grupo 1 e para esperança (5) e amor (3) no Grupo 2, pois elas aparecem mais vezes. As palavras esperança, dedicação e amor são concomitantes aos dois grupos, o que representa uma unificação da profissão docente.

A palavra esperança, que aparece nos dois grupos, mas com uma frequência maior entre os licenciandos, foi apresentada por L8 e P2 da seguinte forma:

Esperança de uma sociedade melhor. O professor não constrói caráter, educação, algo do tipo. Ele constrói cidadão. (...) Um bom professor vai mudar, mesmo que pouquinho a pouquinho, a sociedade. Embora não seja o professor responsável. (...) Mas ele influencia. (L8)

Acho que a segunda palavra que define o professor que eu acho que é fundamental é a esperança. A esperança que a gente vai ter um sistema de educação melhor. Vamos ter um desenvolvimento dos currículos melhores. Nós vamos ter condições melhores. E valorização melhor. Então acho que você ter essa esperança é fundamental. (P2)

Nas palavras de Silva (2017, p.76), “Desta forma entendo que o docente consegue ter um nível maior de bem-estar a partir da sua capacidade de reação frente às dificuldades que o cercam”. E as palavras chaves demonstram exatamente isto. Mesmo com todas as dificuldades, todas as adversidades, reclamações, frustrações e medos, a docência é um enfrentamento que os professores estão dispostos a fazer. E se agarram na esperança, dedicação e amor à profissão para fazê-lo.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Superior, especialmente as licenciaturas, vem sofrendo grandes baixas há pelo menos duas décadas, comprovado pelo Censo da Educação Superior. Há poucos formandos e o número de ingressos é baixo, especialmente na área da Química. Este estudo investigou as motivações dos docentes que trabalham na Educação Básica e quais as expectativas dos licenciandos na carreira, a fim de verificar a correspondência dessas com a realidade. Esses pontos ajudam na busca em entender por que ocorre a fuga da carreira docente e os principais pontos que podem ser modificados com a finalidade de transformar o cenário atual.

Além disso, essa pesquisa e seus resultados buscam contribuir para a melhora do processo motivacional dos indivíduos que compõem a docência - licenciandos e professores -, a fim de que, ao elencar a problemática em torno do tema, possam ser encontradas soluções efetivas no que tange a temática desse trabalho.

Com base nos dados obtidos, a motivação dos professores tem origem extrínseca proveniente dos alunos, especialmente das reações destes quando compreendem o conteúdo ensinado e elogiam os docentes. A motivação, quando intrínseca, gera melhores resultados pois o objetivo está na ação em si, não na recompensa. Contudo, não é o que se observa na carreira docente. O professor precisa do incentivo externo para realizar seu trabalho com excelência e as dificuldades são enormes. As salas têm, em média, de 30 a 40 alunos e é inverossímil acreditar que as 40 horas semanais são suficientes na programação e realização das atividades de, por exemplo, 16 turmas.

É possível observar que a profissão não os deixa descontentes, mas sim as condições que se apresentam ao longo do caminho. Os alunos, apesar de serem um apontamento acerca das dificuldades da docência, são os grandes responsáveis pela sequência na profissão.

O contraste com os licenciandos acerca deste tema (alunos) está justamente no fato de que há certo temor por parte dos futuros docentes em serem desrespeitados em sala de aula, situação que os professores não ignoram e afirmam acontecer. Entretanto, evidenciam que é preciso coragem e compreender que em sala de aula, o maestro é uma figura de autoridade e

precisa exercê-la. O caminho é simples: respeite seu aluno mas não seja seu amigo. Trate-o bem, pois ele espelha-se em suas ações e as reproduz.

Essa concepção real de desrespeito dos os alunos perante os professores apontada pelos licenciandos representa que as expectativas destes correspondem, portanto, à realidade? Ao analisar as outras respostas, em partes. A julgar o que acreditam ser base salarial, metade dos licenciandos apresentam expectativas mais baixas do que o valor real e muitos não possuem conhecimento do novo plano de carreira sancionado este ano. Os que o conhecem, o fizeram fora da graduação. Isso mostra que a parte técnica e burocrática é deixada de lado na Licenciatura em prol de matérias de Química mais específicas da área. Isto gera um déficit que o estágio pode ou não suprir, mas não é de responsabilidade externa, e sim interna, do curso, de incorporar ao seu currículo as partes técnicas e burocráticas específicas da carreira.

A beleza desse trabalho encontra-se na visão esperançosa e amorosa observada tanto nos licenciandos quanto nos professores em relação a definição do que é ser professor. Isto mostra a vontade desses indivíduos de mudar a vida das pessoas através da educação, do conhecimento, da Ciência e da paixão pela profissão. A idealização elencada mostra-se mágica até o impacto da realidade, que se revela um grande desafio que, sem resiliência e adaptações, muitos provavelmente já teriam desistido. Contudo, os professores são como tardígrados (ursos d'água) que, apesar de pequenos, são os animais mais resistentes do mundo, sobrevivendo a diferentes ambientes, cenários e adversidades.

REFERÊNCIAS

APPEL-SILVA, Marli; WENDT, Guilherme Welter; ARGIMON, Irani Iracema de Lima. A teoria da autodeterminação e as influências socioculturais sobre a identidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 351-369, ago. 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Tradução de: Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro.

BRASIL. Port. 640 e 641. **Padrões, critérios e indicadores de qualidade para avaliação dos cursos de graduação em química**. Brasília, jun. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/quimica.pdf>. Acesso em: 24. Out. 2022

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). **Censo da Educação Superior 2017**: Divulgação dos Principais Resultados. Brasília, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2017.pdf. Acesso em: 02 Jan 2023.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). **Censo da Educação Superior 2019**: Divulgação dos Principais Resultados. Brasília, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf. Acesso em: 02 Jan 2023.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). **Censo da Educação Superior 2020**: Divulgação dos Principais Resultados. Brasília, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2020.pdf. Acesso em: 23 Mai 2022.

BEGO, Amadeu; FERRARI, Tarso. Por que escolhi fazer um curso de Licenciatura? Perfil e Motivação Dos Ingressantes Da Unesp. **Química Nova**, v. 41, p. 457 - 467, 2018.

BRAGA, Laudelina. As percepções dos licenciandos em química sobre a carreira do magistério: um estudo sobre o processo de aprendizagem docente. **Actio: Docência em Ciências**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 37-55, jan. 2018.

CAVENAGH, Ana Raquel Abelha. Uma perspectiva autodeterminada da motivação para aprender língua estrangeira no contexto escolar. **Ciências & Cognição**, [s. l], v. 14, n. 2, p. 248-261, 2009.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

CRUZ, Priscila; MONTEIRO, Luciano. (Org.). **Anuário Brasileiro da Educação Básica**: 2020. Belenzinho: Editora Moderna Ltda, 2020. 188 p.

DECI, Edward L; RYAN, Richard M. **Intrinsic Motivation and Self-Determination in Human Behavior**. Nova York: Plenum Press. p. 375, 1985.

DECI, Edward L; RYAN, Richard M. Self-Determination Theory and the Facilitation of Intrinsic Motivation, Social Development, and Well-Being. **American Psychological Association**, Rochester, v. 55, n. 1, p. 68-78, jan. 2000.

DECI, Edward L; RYAN, Richard M. The “What” and “Why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. **Psychological Inquiry**, v.11, n.4, p. 227-268, 2000.

FERREIRA, Viviane Maria da Silva. **Motivação e autoestima profissional**: uma análise feita com professores da educação básica da rede pública de Garanhuns. 2019. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Unidade Acadêmica de Garanhuns, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Garanhuns, 2019.

FERREIRA, R. As expectativas de professores e licenciandos sobre carreira e remuneração e a política de valorização do trabalho docente no Brasil. In: 27^a Reunião da Anped. **Anais**. Caxambu (MG), 2004. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt05/t0518.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2022

FREIRE, PAULO. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai. 1995.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Resumo Técnico**: Censo Escolar da Educação Básica 2021. Brasília: MEC, 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP) (Brasil). Ministério da Educação. **Censo da Educação Superior**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 02 jan. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Resultados Enade, Conceito Enade e IDD 2021**. Brasília (DF): 2022. 87 slides. Disponível em: https://download.inep.gov.br/enade/resultados/2021/apresentacao_resultados_finais.pdf. Acesso em: 30 out. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2021**. Brasília: Inep, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: 30 mar 2022.

KRAWCZYK, Ana Carolina de Deus Bueno; GAGNO, Roberta Ravaglio; VIEIRA, Leocilêa Aparecida; MACHADO, Camila Juraszeck. (Org.). **Pibid e RP da Unespar**: sobre esperar em um período incerto para a docência. Paranaíba: Unespar, 2020. 432 p.

MARTINEK, Daniela. The consequences of job-related pressure for self-determined teaching. **Social Psychology Of Education**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 133-148, 26 out. 2018. Springer Science and Business Media LLC.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MONLEVADE, João Antonio Cabral de. **Valorização salarial dos professores**: o papel do piso salarial profissional nacional como instrumento de valorização dos professores de Educação Básica Pública. 2000. 307 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MOREIRA, Gildo Lima; SOUSA, Iolanda Farias de; MORAES, Neusa Viana; SOUSA, Rubia Miranda de. **Relações Interpessoais dos Docentes no Processo Educacional**. 2005. 33 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro Universitário de Brasília – Uniceub, Brasília, 2005.

OLIVEIRA, Priscila do Nascimento Rocha de; FERREIRA, Liliana Soares. Gestão Escolar e Trabalho dos Professores: Representações e Contextos Sociais. *In*: Seminário Internacional de Formação de Professores para o MERCOSUL/CONE SUL, XVIII., 2010, Florianópolis. **Anais**. Disponível em: <https://seminarioformprof.ufsc.br/files/2010/12/OLIVEIRA-Priscila-do-Nascimento-Rocha-de2.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2022.

OLIVEIRA, José Clovis Pereira de; et al. O Questionário, O Formulário E A Entrevista Como Instrumentos De Coleta De Dados: Vantagens E Desvantagens Do Seu Uso Na Pesquisa De Campo Em Ciências Humanas. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016. **Anais** [...]. Natal: Realize Eventos Científicos & Editora, 2016.

ORTIZ, Adriano José; MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira. Ser Professor de Física: Representações sociais na licenciatura. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 21, n. 10462, p. 1-22, abr. 2019.

PÁDUA, E. M. M. DE. **Metodologia de Pesquisa: Abordagem Teórico-Prática**. 17. ed. Campinas: Papyrus, 2012

PAGANI, Gabriela. **Quando os Professores Desistem**: um estudo sobre a exoneração docente na rede estadual de ensino de São Paulo. 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2019.

PASSOS, Willian Clemente dos. **Análise Da Motivação De Licenciandos Em Química Pela Carreira Docente**. 2020. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Química, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

PEREIRA, Vanessa Cardoso; LACERDA, Marlúcia da Silva Bezerra; LIMA, Teresinha Vilani Vasconcelos de; BARROS, Yara Silvy Albuquerque Pires. Formação docente: um estudo nas licenciaturas do instituto federal do piauí - campus teresina central. In: NEU, Adriana Flávia; MARCHESAN, Lidiene J. de Souza Costa. (Org.). **Construção Da Identidade Profissional Docente: formação, saberes e experiências**. Nova Xavantina: Pantanal, 2020. Cap. 5, p. 110.

POSSAMAI, Kauana. **Motivação Dos Estudantes Para As Aulas De Educação Física Nos Anos Finais Do Ensino Fundamental**. 2021. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

POZZOBON, Marta Cristina; RODRIGUES, Gabriela Conrado; GRÜTZMANN, Thaís Philipsen. Das Pesquisas às Considerações do Professor Iniciante que Ensina Matemática. **Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática**, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 71-79, 3 maio 2022. Editora e Distribuidora Educacional.

REDE ESCOLA PÚBLICA E UNIVERSIDADE (REPU). **Novo Ensino Médio e indução de desigualdades escolares na rede estadual de São Paulo** [Nota Técnica]. São Paulo: REPU, 02 jun. 2022. Disponível em: www.repu.com.br/notas-tecnicas. Acesso em: 01 Nov. 2022.

REIS, Jheniffer Micheline Cortez dos; OLIVEIRA, Brenno Ralf Maciel; KIOURANIS, Neide Maria Michellan. Perspectivas em relação à docência na formação inicial de licenciatura em química de uma universidade pública. In: IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, SP. **Anais [...]** Águas de Lindóia, 2013.

RIBEIRO, Andresa da Costa; COSTA, Marcia da. Motivação para a docência na Educação Básica: um estudo a partir da teoria da autodeterminação com discentes do curso de licenciatura em física. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v. 12, n. 34, 2021, p. 947-972.

SÁ, Carmen Silvia da Silva; SANTOS, Wildson Luiz Pereira. Motivação para a Carreira Docente e Construção de Identidades: O Papel dos Pesquisadores em Ensino de Química. **Química Nova**, [s.l.], v. 39, n. 1, p. 104-111, 2015.

SALEM, S. **Perfil, evolução e perspectivas da pesquisa em Ensino de Física no Brasil**. Tese [Doutorado em Ensino de Ciências] - IFUSP. São Paulo, 2012.

SANTOS, Bettina Steren Dos; ANTUNES Denise Dalpiaz; BERNARDI Jussara. O docente e sua subjetividade nos processos motivacionais. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 46-53, jan./abr. 2008.

SANTOS, Daniel Robert Gomes dos; DUTRA, Edvaldo Silva. Teorias Motivacionais: a falta de motivação ocasionada pela má qualidade de vida no trabalho. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, Teófilo Otoni, v. 14, n. 2, p. 1-15, dez. 2020.

SANTOS, Elisangela Ferreira dos; OLIVEIRA, Aparecia Solivam de. Relações Interpessoais entre Gestores e Docentes da Escola Municipal Jardim De Bela Vista No Município De Castro/Pr. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), VI., 2019, Fortaleza. **Anais**. Ponta Grossa: Editora Realize, 2019. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA1_ID12648_04092019223641.pdf. Acesso em: 02 nov. 2022.

SÃO PAULO (Estado). Lei nº 1.374 de 30 de março de 2022. Institui Planos de Carreira e Remuneração para os Professores de Ensino Fundamental e Médio, para os Diretores Escolares e para os Supervisores Educacionais da Secretaria da Educação. **São Paulo**: Assembleia Legislativa, 2022. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/2022/lei.complementar-1374-30.03.2022.html>. Acesso em: 01 nov. 2022.

SCHNEIDER, Gabriela; FRANTZ, Máira Gallotti; ALVES, Thiago. Infraestrutura Das Escolas Públicas No Brasil: desigualdades e desafios para o financiamento da educação básica. **Educação Básica em Foco**, [s. l], v. 1, n. 3, p. 1-13, out. 2020.

SILVA, Ailton Souza da. **Bem-estar na docência**: estratégias de enfrentamento dos docentes de uma escola pública no combate ao mal-estar docente. 2017. Dissertação (Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social) – Universidade de Cruz Alta, p.88, dez. 2017.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 4. **Anais** [...] Brasília, 2013.

SILVA, Daniella Neves da. **A Desmotivação do Professor em Sala de Aula, nas Escolas Públicas do Município de São José dos Campos - SP**. 2012.

52 f. Monografia (Especialização em Gestão Pública Municipal) - Educação à distância - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

SILVA, Delano Moody Simões da; PEDREIRA, Ana Júlia. Expectativas e medos de professores em formação: o papel do estágio supervisionado de ensino. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, v. 27, n. 1, p. 118-137, jan./abr. 2020.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo; FERREIRA, Lúcia Gracia. Ensino remoto emergencial e o estágio supervisionado nos cursos de licenciatura no cenário da Pandemia COVID 19. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, [S.L.], v. 13, n. 32, p. 1-19, Out. 2020.

TONCHE, Josiane Cipriano da Silva. **O Desinteresse Dos Alunos Das Séries Iniciais Do Ensino Fundamental Pela Educação Escolar**: causas e possíveis intervenções. 2014. 20 f. Monografia (Especialização) - Curso de Coordenação Pedagógica, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

VANSTEENKISTE, Maarten; NIEMIEC, Christopher Paul; SOENENS, Bart. The development of the five mini-theories of self-determination theory: an historical overview, emerging trends, and future directions. **Advances In Motivation And Achievement**, [S.L.], v. 16, p. 105-165, jan. 2010.

VENCO, Selma. Uberização do trabalho: um fenômeno de tipo novo entre os docentes de São Paulo, Brasil?. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 35, n. 1, p. 1-17, out. 2019. FapUNIFESP (SciELO).

ZAMONER, Zuleika; TERUYA, Monica de Castro Mello; SOUZA, Mariana Aranha de; SUAVE, Angela Michele; MONTEIRO, Patrícia Ortiz. A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E DE ALUNOS DA PEDAGOGIA SOBRE O FUTURO DA PROFISSÃO DOCENTE. **Revista Humanidades e Inovação**: Infância, Artes e Patrimônios Educativos III, Palmas, v. 8, n. 34, p. 356-369, fev. 2021.

APÊNDICE A

Roteiro da entrevista semiestruturada sobre a realidade dos professores formados nos últimos anos a fim de compreender as motivações de seguir na carreira docente e trabalhar na Educação Básica. As perguntas presentes nessa entrevista podem sofrer alguns ajustes se necessário, mas não fogem ao tema proposto.

- 1) Quando você iniciou sua graduação e/ou quando se formou?
- 2) Há quanto tempo você trabalha na Educação Básica?
- 3) Descreva sua semana. Comente quantas salas você ministra suas aulas, em quantas escolas, a quantidade de alunos (uma média), etc.
- 4) O papel do professor ocupa seu tempo livre? Se sim, quanto e como este tempo é ocupado?
- 5) Quais as principais dificuldades de seguir a carreira docente trabalhando na educação básica?
- 6) Eu estou encerrando minha graduação. Qual seu conselho quanto aos próximos passos que devo tomar?
- 7) Você está descontente ou contente com sua profissão?
- 8) Muito se fala sobre “desmotivação” e “desafios” quando pesquisamos sobre o trabalho do professor. Você acredita que essas palavras traduzem a essência deste trabalho no momento atual? Ou elas não se encaixam?
- 9) Como foi a sua realidade ao começar a lecionar? Esta realidade correspondeu às suas expectativas?
- 10) Comente sobre a questão salarial: suas expectativas iniciais foram atingidas?
- 11) Os alunos acabam sendo uma das grandes preocupações dos professores iniciantes. Quais as dificuldades enfrentadas no que diz respeito à relação professor(a)/educando? Você poderia citar outras dificuldades inerentes ao seu trabalho como professor(a)?
- 12) Você sabia sobre o plano de carreira dos professores antes de começar a trabalhar?

13) Ainda nesta linha, você está ciente quanto ao novo plano de carreira? Através de qual sistema você soube das mudanças (internet, escola, email, etc)?

14) As motivações que te levaram a ingressar na educação básica são as mesmas que te motivam a continuar nessa área?

15) Descreva 3 palavras-chave que, para você, descrevem o que é ser professor.

16) Você incentiva os Licenciandos da Química a seguir na carreira docente e dar aulas na educação básica?

APÊNDICE B

Roteiro da entrevista semi-estruturada sobre as expectativas dos discentes de Licenciatura em Química que desejam trabalhar na Educação Básica. As perguntas presentes nesta entrevista buscam investigar quais as expectativas dos formandos do último ano e o que eles compreendem de alguns temas pertinentes à pesquisa. Elas podem sofrer alguns ajustes, se necessário, mas não fogem ao tema proposto.

- 1) Quando você iniciou sua graduação e quando espera se formar?
- 2) Após o término da sua graduação, pretende começar a lecionar imediatamente ou tem outros planos?
- 3) O estágio reafirmou seu desejo de seguir na Educação Básica? Se não, o que você julga ter ocorrido que o(a) levasse a essa decisão?
- 4) Explique como você vê o impacto do seu estágio na sua expectativa de trabalhar como professor.
- 5) O ensino remoto durante a realização do estágio interferiu em sua decisão de seguir carreira na Educação Básica? Comente sobre.
- 6) Supondo que você irá trabalhar como um(a) professor(a) exclusivamente em uma escola pública da Educação Básica. Qual será a base salarial que você imagina receber? (Cite um valor aproximado que você imagina que seja)
- 7) Quais suas expectativas em relação a sala de aula e aos alunos?
- 8) Qual seu maior medo em relação à carreira docente?
- 9) Cite o que você acredita que será a principal dificuldade encontrada ao lecionar na educação básica.
- 10) Ainda sobre a carreira docente, no estado de São Paulo, em março deste ano foi sancionada a lei do novo plano de carreira dos professores estaduais. Você tem conhecimento desta lei? Sabe do que ela se trata e o que muda em relação ao antigo plano de carreira?
- 11) Muitos professores sempre reclamam do contexto em que estão inseridos, contudo insistem na carreira. Quais você acredita que sejam as motivações desses professores em continuar lecionando na educação básica?
- 12) Seguindo a pergunta anterior, muitos desses professores que trabalham na educação básica desmotivam os formandos a seguir na carreira docente.

Algum professor já se expressou desta forma contigo? Se sim, quais os motivos que você acredita que o levaram a não te incentivar a seguir na carreira docente?

13) Cite 3 palavras-chave que, para você, descrevem o que é ser professor

APÊNDICE C (Transcrições das entrevistas dos Licenciandos L1 a L10)

L1:

Entrevistador: Quando você iniciou a graduação e quando você espera se formar?

L1: Eu iniciei a graduação em 2017 e eu me formar está um pouquinho nebuloso, mas eu acho que esse é meu último ano, agora 2022, eu me formo lá para fevereiro, que é quando termina o semestre mesmo eu acredito.

Entrevistador: Depois que você se formar, você pretende começar a lecionar ou tem outros planos?

L1: Eu tenho outros planos. Eu pretendo realizar a prova do mestrado ano que vem e seguir uma área mais acadêmica. Fazer um mestrado, depois um doutorado.

Entrevistador: Você não pensa em lecionar então?

L1: No momento não. Eu considero a opção, caso eu não tenha bolsa quando eu for fazer a pós-graduação, para eu conseguir me manter. Mas não é o foco principal.

Entrevistador: Sim. Você realizou o estágio? Seu estágio foi online? Foi presencial?

L1: Na graduação nós temos quatro estágios, desses quatro eu fiz dois online e um presencial, que foi antes da pandemia. O que foi antes da pandemia foi bem tranquilo. Eu ia até a escola, foi escola de nível fundamental que eu fiz o estágio. Já os da pandemia foi bem complicado. Acho que não deu para aproveitar muito.

Entrevistador: Você acha que, se você tivesse feito o estágio integralmente presencial, você teria uma visão diferente da educação básica, do professor da educação básica?

L1: Acho que não muito, acho que permaneceria. A imagem que eu tive. Então, a imagem que eu tive quando fiz o estágio presencial já foi bem marcante. Porque a escola que eu fui era uma escola muito boa. Era uma escola pública, agora eu só não vou lembrar se era escola estadual ou municipal. Mas era uma escola bem equipada, tinham professores dedicados. Tinha três professores de ciências só para o ensino fundamental mesmo e eu cheguei a acompanhar

os três. Todos eles estavam com muitas coisas para realmente ajudar os alunos. A imagem que eu tive foi uma imagem muito boa.

Entrevistador: Sim. Você fala que a imagem que você teve no estágio não te impactou de trabalhar ou não na educação básica.

L1: Exatamente.

Entrevistador: Entendi. Porque você já tinha a ideia de seguir a carreira acadêmica.

L1: Sim. Desde o meu segundo ano do curso, bem antes de eu fazer estágio, eu já tinha entrado no laboratório de pesquisa e já tinha visto que era algo que eu queria seguir, que eu queria tocar.

Entrevistador: Entendi. No caso do estágio ter sido realizado em ensino remoto também não influenciou?

L1: Também não, não foi algo impactante.

Entrevistador: Vamos supor que você não vai seguir na carreira acadêmica e que você vai trabalhar como professor exclusivo da educação básica pública. Você sabe a base salarial?

L1: Não sei.

Entrevistador: E se fosse para chutar, qual seria o valor aproximado?

L1: O salário mínimo está 1000 e 100 reais, acho que estaria entre isso e uns 2 e 500, nessa faixa.

Entrevistador: Certo. No caso, quando você foi fazer o estágio, entrar numa sala de aula, você lembra quais as suas expectativas em relação à sala de aula e aos alunos?

L1: Eu tinha bastante medo, para falar a verdade. Ainda mais de um ensino fundamental, porque tem aquele estigma da turma bagunceira, que não quer nada com nada, fica aquele caos que nós acabamos escutando.

Entrevistador: E foi assim?

L1: No estágio que eu fiz presencial não foi. Não sei se era uma escola fora da curva, para se dizer, ou se realmente era só um preconceito meu isso.

Entrevistador: Você já fez estágio no ensino médio ou foi online?

L1: Foi online.

Entrevistador: Qual é a sua principal dificuldade de lecionar na educação básica? Qual você acredita que seja a sua principal dificuldade, se você for

lecionar na educação básica? Você acha que seria os alunos, os pais, você mesmo, dificuldade de falar numa sala de aula?

L1: Eu acho que a minha dificuldade seria realmente lidar com os pais e alguns alunos, especificamente. Porque, por mais incrível que pareça, eu acho que o nosso curso prepara bem você para dar uma aula. Nós temos muita carga teórica, nós temos muito conteúdo para saber o que pode ser feito, o que pode funcionar, mas por mais que tenha esses estágios, provavelmente porque eu fiz dois online, eu senti que não tive tanto essa vivência. Então essa experiência de lidar cara a cara com os alunos, eu sinto que eu não estaria tão preparado. Talvez até com pais, que mesmo quando eu fiz estágio, esse contato eu nunca tive com nenhum.

Entrevistador: Eu perguntei para você do salário dos professores etc. Você conhece o plano de carreira dos professores?

L1: Eu sei que existe. Mas conhecer, eu nunca li nada e eu nunca conversei com nenhum professor sobre isso.

Entrevistador: Você sabe que, em março desse ano, teve uma nova lei sobre o plano de carreira dos professores estaduais?

L1: Sim. Eu vi a notícia. Mas como eu já não tinha muito conhecimento sobre, eu acabei nem indo muito atrás para entender o que mudou. Mas eu vi a notícia que tinha acontecido, saído essa nova lei.

Entrevistador: Foi por escola? Foi online? Como você teve conhecimento?

L1: Foi online. Eu lembro até de ter visto duas professoras conversando sobre isso, discutindo como ia funcionar, como ia ficar. Mas como eu já não estava muito a par, eu estava na conversa, mas não estava entendendo sobre o que estava se tratando muito.

Entrevistador: Em relação, por exemplo, a plano de carreira, piso salarial, essas coisas, você acha que seria importante ter algo sobre isso na graduação?

L1: Complicado. Eu não tenho muita certeza, acho que sim e não.

Entrevistador: Por quê?

L1: Eu acho que deveria ter um incentivo para o aluno se interessar mais. Porque eu acho que não é tanta responsabilidade da universidade, mas do indivíduo. Como eu não estava tão interessado já desde sempre em seguir, nunca foi uma coisa que eu fui atrás para ver. Tanto que eu vi que saiu a

notícia, mas não me interessei de ler ela para entender. Mas eu acho que seria interessante ter um incentivo dos professores, para eles falarem: “por mais que não seja o plano de vocês, talvez em algum momento vocês tenham que trabalhar na rede de nível básico, é interessante vocês saberem quanto recebe, como funciona”. Pelo menos para ler alguma coisa.

Entrevistador: Algum professor já chegou para você e falou: “não seja professor, vá para um mestrado”. Alguma coisa assim?

L1: Não, eu nunca escutei isso de nenhum professor.

Entrevistador: Nenhum deles te desmotivou?

L1: Não. Eu já tive colegas de turma que falaram que se eu não gostava de ir para uma escola, não era o ambiente que eu deveria trabalhar. Mas eu nunca escutei “dar aula não é o caminho certo, você tem que seguir na área de mestrado, doutorado, essa área de pesquisa que você quer”. Principalmente nenhum professor nunca me disse isso.

Entrevistador: Certo. Então, para finalizar, eu gostaria que você citasse três palavras que descrevem o que é ser professor.

L1: Dedicção, ensinar e trabalho.

L2:

Entrevistador: Eu queria que você falasse para mim quando você iniciou a sua graduação e quando você espera se formar.

L2: Eu iniciei em 2017 e espero me formar esse ano. Só estou com a matéria do TCC e é isso.

Entrevistador: Depois que terminar a graduação, você pretende começar a lecionar ou você tem algum plano diferente?

L2: Eu pretendo começar a lecionar, só que eu ainda não tenho certeza se sem ser aula particular ou pegar turma remota e noturna, que seja de outra cidade, que é menos aulas. São aquelas aulas que sobram normalmente no estado, porque eu pretendo fazer mestrado.

Entrevistador: O seu mestrado seria na área da educação ou não?

L2: Não, seria em eletroquímica.

Entrevistador: Certo. Seu estágio foi feito como? Presencial, online?

L2: Online, porque foi do residência pedagógica.

Entrevistador: Foi totalmente online.

L2: É.

Entrevistador: Você acha que, pelo seu estágio ter sido totalmente online, você acha que ele te influenciou a, por exemplo, quando você terminar a graduação, não seguir na parte de lecionar, de ser professora da educação básica?

L2: Não. Porque, na verdade, eu tinha dado algumas aulas. E nessas aulas, foi numa escola, eu não vou me lembrar o nome agora, depois eu posso até olhar para te mandar, eu dei algumas aulas de substituição. Eu fui dar aula e foi meio assustador esse momento de dar aula. Foi uma semana. Foi numa escola estadual. É muito difícil a realidade de você ter que dar conta, em 50 minutos, os alunos às vezes não estarem tão interessados e você perder muito tempo para tentar organizar a sala, manter em silêncio e manter cada um no seu lugar. Eu acho que, com o tempo, você consegue a confiança deles, isso vai se organizando e se estruturando. Mas o momento de início é bem complicado e você fica bem assustado. Eu acho que isso me desmotivou um pouco. Mas não é uma coisa que eu falo jamais quero dar aula. Eu quero. Mas como eu estou pensando às vezes em fazer também um mestrado, eu fico com o pé um pouco atrás, porque tem muito de você. Você tem que preparar aula, tem muita reunião, aquelas reuniões normais da escola.

Entrevistador: No caso, você acha que o estágio não impactou na sua questão de trabalhar ou não como professora?

L2: Não. Foi difícil por ser remoto, por ter que aprender a mexer nos aplicativos, mas não a questão de não vou ser professora porque tive a experiência.

Entrevistador: Você comentou essa questão dos alunos. Esse seria o seu maior medo em relação a lecionar ou teria algum?

L2: Eu acho que sim. Por causa que no ensino remoto tinha uma baixa frequência dos alunos. No presencial, eles já têm um certo receio em química, eles falam: “é muito difícil, não gosto”. Então, para você conseguir a maior atenção, pelo menos da maioria, eu acho que você já tem que ter um pouco de experiência ali para saber lidar com eles. O que nós não temos na faculdade. Não sei, pelo estágio presencial às vezes pode ser diferente.

Entrevistador: Você acha que eles te trataram diferente por você não ser o professor titular?

L2: Olha, o primeiro ano sim. Mas eu já esperava, por conta que eles vêm do ensino fundamental. Mas todas as turmas questionaram muito a minha idade. Não sei se é porque eu aparento ser mais nova também, eles ficaram falando que eu era menor de idade. Mesmo a diretora indo comigo na sala, falando que eu estava no penúltimo ano do curso de química, em licenciatura, eles questionavam muito isso. Então eu não sei se isso também influencia. Mas da minha época de escola eu lembro que tem essa diferença. O professor substituto e o professor titular.

Entrevistador: Entendi. No caso, por exemplo, vamos supor que você vai sair da graduação e vai trabalhar exclusivamente como professor da educação básica. Você sabe a base salarial que um professor da educação básica recebe?

L2: Antes eu sabia, agora eu sei que aumentou um pouco, então eu não tenho certeza. Mas, se eu não me engano, por aula, estava antigamente menos de 10 reais a hora aula. Eu lembro que só no ensino do governo da ETEC, por exemplo, era acima de 12 reais. Mas eu não lembro o salário para a classe O, que é quando você inicia.

Entrevistador: Se fosse para você chutar o valor aproximado.

L2: Agora, vou chutar 11 reais, mas eu não sei o quanto aumentou.

Entrevistador: No caso, em relação à sala de aula. Você tinha alguma expectativa a primeira vez que você entrou numa sala de aula? Você achava que ia ser difícil? Você esperava ser desrespeitada?

L2: Não, eu só achei que ia ser difícil nessas aulas de substituição, quando eu fui para uma turma que era o primeiro ano C. As professoras ficavam falando na sala de reunião que era o primeiro C capeta, que eles eram terríveis, que eu tinha que tomar cuidado porque eles são provocativos. Nas outras eu não tive expectativa. Mas nessa eu estava com muito receio, porque os professores ficaram falando.

Entrevistador: Entendi. No caso, sobre a carreira docente. Você sabia que, em março desse ano, foi sancionada uma lei sobre o novo plano de carreira dos professores estaduais?

L2: Não.

Entrevistador: Então você não sabe do que se trata o novo plano de carreira? Qual a diferença para o antigo plano de carreira?

L2: Não.

Entrevistador: Você acha que, por exemplo, isso do plano de carreira dos professores deveria ser passado na graduação?

L2: Sim, nós fazemos licenciatura em química. Acho que essa é uma das maiores falhas do curso, porque nós fazemos licenciatura e pouco vemos da nossa carreira, realmente.

Entrevistador: No caso de ter uma matéria ou parte na licenciatura, você acha que se ingressasse algo do tipo, ia motivar ou desmotivar os alunos a seguirem na licenciatura?

L2: Da experiência que eu tenho até agora, muitos alunos não vieram pelo curso de licenciatura em si. Muitos às vezes são, é reopção que fala. Eu acho que isso é um motivo para o aluno estar já desmotivado e o segundo motivo, eu acho que vem do dia a dia mesmo, dele não saber lidar e estudar as matérias específicas. Acaba às vezes pegando DP ou outra e isso desmotiva ele. Então eu acho que isso também pode acontecer. Outro motivo, que aí entra esse de você permanecer no curso por ser licenciatura, realmente só vai sair a pessoa que não quer mesmo licenciatura em química e que nem quer química. Porque às vezes ela nem veio por conta disso. Então eu acredito que quem veio por conta disso, sabendo que o curso realmente é licenciatura em química, não está com expectativa de uma outra carreira, permanece. Então, se vier matérias a mais, não influencia. É que nós temos política. Só em políticas foi abordado, em nenhuma outra matéria foi abordado mais nada sobre. Só bases curriculares que eles falam uma lei ou outra, porque tem que falar.

Entrevistador: Certo. Você falou das professoras que estavam falando dos alunos capetas etc. Essas professoras reclamavam, por exemplo, do dia a dia? “Não aguento mais dar aula, quero ir para casa”, alguma coisa assim?

L2: Não. Às vezes elas falavam, por exemplo, quando chegava de uma determinada turma que estava agitada, tinham dias e dias. Quando vai chegando no final da semana, parece que eles ficavam mais agitados. Aí às vezes chegavam a falar: “aquela sala hoje está falante” ou “tive que pedir silêncio mais de uma vez”, principalmente quando é primeiro ano. Eles têm um negócio de querer conversar muito e você tem que ter bem o controle. Tanto

que, nos últimos dias, algumas salas eu já tinha mais amizade e conseguia deixar elas mais organizadas e não ter muita conversa.

Entrevistador: Entendi. No caso, nós escutamos muitas reclamações de professores em relação à vários motivos. Sala de aula, aluno, pai, diretoria, várias coisas. Mas ainda assim, mesmo com essas reclamações os professores continuam trabalhando. Continuam levantando cinco e meia da manhã, pegando três, quatro, cinco salas de 40, 50 alunos, termina o dia, chega em casa, em vez de descansar pega as provas, faz atividades, fica trabalhando o dia inteiro. Qual você acredita que sejam as motivações desses professores em continuar a lecionar, mesmo com essa rotina, mesmo com as reclamações?

L2: Porque, pelo menos para a escola estadual, acredito eu que pelo menos quando nós estamos lá, não que para a particular seja muito diferente, mas acho que você se vê como a esperança de fazer a diferença. Mesmo que às vezes têm poucos que realmente estão muito interessados na sua matéria, são aqueles poucos, eu acho, que dão força para você continuar. No final das contas, nós podemos reclamar muito deles, mas quem dá o maior incentivo para continuar são os alunos.

Entrevistador: Continuando mais ou menos essa pergunta, algum professor já chegou a, por exemplo, virar para você e falar: “não seja professora”?

L2: Já.

Entrevistador: Por que você acha que ele falou para você “não seja professora”?

L2: Porque, além de ser desgastante pelo fato de nós não acabarmos na escola o nosso dia, nós levarmos para casa, eu acho que psicologicamente também. Porque não é só preparar aula, depois vai ter reunião da escola, reunião com os pais. Vai sempre ter determinados problemas em sala de aula, que determinado aluno está passando por determinada situação, ou às vezes nota baixa. Você tem esse desgaste de ficar sempre pensando e voltando, parece que você dá um passo e volta dois. Então eu acho que é sempre por isso. Porque é desgastante, não é como, por exemplo, trabalhar num laboratório. Trabalhar num laboratório você não vai levar as coisas do laboratório para casa. Acabou o seu horário, acabou, não tem mais o que você

fazer. Você paga no máximo hora extra e termina o que você tem que fazer. Mas você não leva para casa o seu trabalho.

Entrevistador: Você acha que o salário seria uma das questões para a pessoa falar “não seja professor”? Ou é mais o desgaste do dia a dia?

L2: Pensando de agora e não de anos atrás, de uns oito anos para cá, acredito que sim. Porque o custo de vida mudou e o aumento que ele tem, o piso salarial é bem baixo. As vezes que realmente aumentaram significativamente o salário de um professor. Acho que pelo custo de vida e pelo desgaste é bem desmotivador.

Entrevistador: Então não seria um motivo, seriam vários que levam ele a falar “não seja professor”?

L2: Acredito que sim.

Entrevistador: O desgaste do dia a dia, o salário, os alunos, tudo.

L2: Sim. Acho que até mesmo colocaria a graduação. Porque até você se formar, rola esse desgaste durante a graduação. Depois para conseguir, não sei se pode falar isso. Mas eu fui uma vez na diretoria de ensino, porque eles abrem aulas para quem está no penúltimo e último ano de licenciatura. Menina, aquela diretoria de ensino aqui de Prudente, te juro, são professores, mas foram as pessoas mais sem educação que eu já esbarrei na minha vida. As pessoas eram grosseiras e era uma briga, uma disputa por aula, que eu nunca imaginei encontrar na minha vida. Para mim aquilo ali foi horrível e durou vários dias. As pessoas não tinham limites. Eu não sei se é só aqui, mas é muito difícil essa parte da concorrência entre os professores. Essa luta pelas aulas, para mim também é desgastante isso. Porque tem muita aula, sobra. Mas até chegar nesse momento que vai sobrar aula é uma briga enorme.

Entrevistador: Vamos finalizar aqui, eu queria que você citasse três palavras que para você descrevem o que é ser professor.

L2: O que é ser professor? Esperança, evolução e generosidade.

L3:

Entrevistador: Quando você iniciou a sua graduação e quando você espera se formar?

L3: Eu iniciei no começo de 2019 e pretendo me formar agora, em fevereiro de 2023.

Entrevistador: Após o término da graduação você pretende começar a lecionar ou tem outros planos?

L3: Eu pretendo fazer mestrado primeiro, depois pensar em lecionar.

Entrevistador: O lecionar seria para ensino superior ou educação básica?

L3: O meu objetivo principal seria ensino superior. Mas eu também não tiro a chance de eu lecionar no ensino básico.

Entrevistador: Essa questão de lecionar no ensino básico, você teve experiência no seu estágio presencial ou foi online?

L3: Eu tive os dois. Em 2021, segundo semestre, eu tive o estágio online e agora em 2022, no primeiro e agora no segundo semestre também, eu tive presencial.

Entrevistador: Essa sua experiência no estágio, você acha que, por exemplo, o estágio online não afetou nada nessa sua decisão de seguir ou não na educação básica. O estágio presencial fez alguma diferença, ele fez você olhar de maneira diferente a educação básica, os alunos?

L3: O estágio online foi muito difícil, na verdade. Porque nós tivemos que pegar um horário fora do horário das aulas, então nós tivemos muito pouco contato com os alunos. Eu sinto que não teve uma influência muito grande. Porém, já no estágio presencial, acho que afetou bastante sim. Na verdade, de começo, minha ideia era já começar a lecionar. Só que, no estágio, nós conseguimos ver como a situação não é fácil. Então sim, isso auxiliou a eu pensar em fazer o mestrado logo agora.

Entrevistador: Nessa questão de nós vemos algumas situações. Você pode citar alguma situação que fez você repensar?

L3: Eu acho que a principal que eu percebi foi a falta de infraestrutura mesmo na escola, principalmente a parte da química, na escola onde eu fui como estagiário não tinha laboratório. A parte de internet, por exemplo, de nós usarmos alguma coisa de internet não dava, porque a escola não tinha internet. Qualquer coisa que nós fôssemos utilizar via digital, tinha meia dúzia de notebooks. Além disso, o que eu percebi foi que os alunos têm muito pouco interesse. Principalmente com a área da química. Eu vi muito desrespeito com o professor. Se eu não me engano, desse momento que eu fiquei que foi menos de um mês, eu vi três alunos xingarem o professor. Xingar na cara, mesmo. Então é um pouco preocupante.

Entrevistador: No caso desses alunos, você tinha expectativa de que eles seriam tão desrespeitosos ou você achou que seria mais tranquilo?

L3: Nós sempre escutamos sobre a educação pública, mas não, eu imaginava menos. Eu sinto que o fato do professor não ter muito controle da sala também ajudou nesse sentido. Mas acho que mudou de sala para sala. Algumas eu tive expectativas baixas que foram até melhores, mas acho que, em geral, a minha expectativa era menor. O tanto de desrespeito.

Entrevistador: No caso, qual seria o seu maior medo em relação à carreira docente? Ser desrespeitado pelos alunos?

L3: Acredito que a parte dos alunos sim. Mas com o tempo, com o desenvolvimento da minha pessoa como educador, eu acho que isso dá para ser arrumado. Mas acho que o que mais me deixa preocupado é como o governo lida com a educação pública. Essa instabilidade, essa mudança de caderno que aconteceu várias vezes já no estado de São Paulo e provavelmente vai acontecer de novo, eu acho que isso é um grande empecilho para a parte docente do país. Eu acho que é uma das coisas que mais me deixa preocupado com o futuro.

Entrevistador: Você falou do estado de São Paulo, supondo que você vai sair da graduação e já vai começar a lecionar na educação básica direto. Você sabe a base salarial de um professor da rede básica pública?

L3: A base eu não tenho certeza. Eu sei que teve uma lei onde o teto subiu para 7 mil reais, só que bruto. Eu diria que a média seria cerca de uns 3 mil, 3 mil e 500, por aí.

Entrevistador: Você considera um salário desse correto, certo para um professor? Você acha baixo? Alto?

L3: É muito baixo. Porque, se um professor que já trabalha há muito tempo vai ganhar no máximo uns 5 mil reais líquido, trabalhando basicamente 60 horas, tendo que fazer as ATPCS e ter que ficar mais ainda na escola, é muito pouco dinheiro.

Entrevistador: Entendi. Você falou obviamente que agora teve uma mudança, uma lei nova, que mudou o teto e essas coisas. É uma lei que é de março desse ano, do novo plano de carreira dos professores estaduais. Como você ficou sabendo dessa lei, você lembra?

L3: Eu fiquei sabendo pelo próprio estágio. Na verdade, quando nós estávamos fazendo o estágio essa lei já tinha sido sancionada, mas acho que ela começou a entrar quando eu estava no estágio. Então eu vi, principalmente nos grupos com os professores, todo mundo conversando sobre isso. Alguns acharam bom, alguns acharam ruim, eu fiquei meio em cima do muro, na verdade.

Entrevistador: Mas você sabe a diferença do antigo plano de carreira para o novo plano de carreira?

L3: De geral, eu não sei distinguir perfeitamente. Eu sei que teve essa mudança na parte do valor, de quanto o professor iria receber, e que teria uma mudança nas ATPCS também. Questão de aula, acho que ficaria a mesma quantidade de hora aula. Porém todas as ATPCS teriam que ser feitas na escola, é isso que eu tinha visto.

Entrevistador: Entendi. Se não fosse o estágio, você provavelmente não saberia desse novo plano de carreira?

L3: Não.

Entrevistador: Você acha importante ter na graduação alguma disciplina ou pelo menos uma parte dela que fale, por exemplo, sobre o plano de carreira dos professores, a base salarial, você acha que seria importante?

L3: Eu acredito que sim.

Entrevistador: Você acha que isso incentivaria os licenciandos a tentar seguir na carreira docente dentro da educação básica ou afastaria eles?

L3: Eu acredito que, em geral, poderia ser uma coisa positiva. Porque, apesar de mostrar as dificuldades, eu acho que mostra a realidade. Eu acho que o aluno que está se formando, o professor, deveria ter o conhecimento da realidade. Eu acho que, a longo prazo, seria uma disciplina que com certeza ajudaria sim.

Entrevistador: No caso dos professores que já lecionam na educação básica. Eles às vezes acordam cinco e meia, 06:00 da manhã, chegam na escola às sete, têm seis turmas de 40 alunos, chega em casa, tem que corrigir prova, fazer prova, acaba usando o tempo livre dele para fazer as coisas da escola. Mas mesmo assim eles continuam sendo professores, não desistem da carreira, continuam indo e fazendo seu trabalho. Qual você acha que seja a motivação desses professores de continuar nessa rotina, mesmo com todas as dificuldades?

L3: Eu acredito que uma parte é pelo fato de que realmente existem professores que amam muito o que fazem. Independente do quanto ganham ou o que eles precisam fazer, é o que eles mais gostam de fazer. Então esse é um ponto. Acho que outro ponto também é a questão da instabilidade financeira. Infelizmente, eu sei que tem muitos professores que trabalham porque seria a única forma de uma renda estável na família ou com ele e continua trabalhando para ter esse dinheiro.

Entrevistador: No caso ainda seguindo essa pergunta anterior. Você já chegou a escutar de um professor: “não seja professor, segue para um mestrado, segue para um doutorado, ser professor não vale a pena”? Você já chegou a escutar alguma coisa do tipo?

L3: Quase todo dia, isso já é praxe.

Entrevistador: Por que você acha que falam dessa forma, desmotivam você a seguir na carreira docente?

L3: Eu acredito que é porque é meio que conhecido que o professor é um profissional muito mal remunerado, pouco pensado pelo estado, eu acho que isso afeta. Porém, eu acho que também tem muito preconceito por parte da sociedade em geral. Porque o professor, apesar de ganhar pouco em relação ao quanto trabalha, ele ainda assim é bem remunerado em relação a algumas outras profissões que não precisam de alguma formação, por exemplo.

Entrevistador: Entendi. Para finalizar, rapidinho, eu queria que você falasse para mim três palavras chaves que para você descrevem o que é ser professor.

L3: Essa é a pior, essa é a mais difícil, deixa eu pensar. Seria uma palavra ou pode ser?

Entrevistador: Três. Não, você pode falar, por exemplo, três palavras, quatro. Não precisa ser uma só, pode falar o que você quer falar.

L3: Acho que, o que descreve ser professor, em três palavras é difícil.

Entrevistador: Nossa, teve gente que falou tão rapidinho.

L3: Eu sou muito ruim para essas coisas.

Entrevistador: A primeira coisa que vem na sua cabeça quando falo professor. O que você pensa?

L3: Acho que, em geral, seria emancipador, só que também trabalhador. Eu acredito que esperança. Professor é a esperança desse país.

Entrevistador: Emancipador, trabalhador e esperança?

L3: Isso.

L4:

Entrevistador: Primeiramente, eu quero que você me diga quando você iniciou sua graduação e quando você espera se formar.

L4: Eu comecei no ano de 2017 e graças a Deus esse ano eu pretendo me formar, em 2022 agora.

Entrevistador: Após o término da sua graduação, você pretende já começar a lecionar ou tem outros planos?

L4: Não, eu pretendo primeiro mestrado. Porque eu não tenho vontade de lecionar. Eu pretendo mestrado e, se nada der certo, aí sim que eu vou para a escola para dar aula mesmo.

Entrevistador: Mas você não pretende lecionar porque não gosta ou você tem algum receio de dar aula?

L4: Porque eu não gosto mesmo. Eu não tenho vocação, não me chama atenção.

Entrevistador: Entendi. Você fez seu estágio presencial ou online?

L4: Na verdade, eu não cheguei a fazer os estágios por conta do residência. O residência minou todos os meus estágios, eu não cheguei a fazer nenhum e o residência todo que eu participei foi de forma remota.

Entrevistador: Você acha que se você tivesse tido uma experiência presencial, você teria uma visão diferente da licenciatura, de ser professor ou não?

L4: Eu acho que se eu tivesse contato, de ir na escola e tudo, os alunos, as aulas, talvez mudaria um pouco a minha concepção. Mas eu não sei.

Entrevistador: Entendi. Mas independente, o seu estágio então não influenciou na sua decisão de seguir ou não na carreira docente?

L4: Não. Na realidade, quando eu entrei na faculdade, eu não entrei porque eu queria um curso de licenciatura. Eu queria química, mas os meus pais, na época que eu entrei não podiam me bancar para fora, então eu tive que escolher a que estava mais próxima de mim e a mais próxima era em prudente, que só tinha licenciatura. Por eu gostar de química que eu fui fazer o curso, mas não porque eu queria lecionar.

Entrevistador: Vamos imaginar que você vai lecionar depois que você termina a graduação. Você tem uma ideia da base salarial de um professor da rede pública, da educação básica?

L4: Não faço a mínima ideia.

Entrevistador: E se fosse para chutar? Chuta um valor.

L4: Um salário mínimo e meio, vamos supor.

Entrevistador: Continuando na suposição de que você vai dar aula. Qual é a expectativa que você teria em relação à aula e aos alunos?

L4: Se eu fosse dar aula, eu imaginaria tentar fazer de uma forma com que fosse um pouco diferente o ensino de como é hoje. Pelo que eu vejo, os alunos não têm o mínimo de interesse em qualquer matéria, em qualquer área que está na escola, você percebe que a grande maioria não tem o mínimo interesse de estar dentro da sala de aula, de prestar atenção, de querer aprender. Eu não sei. Eu acho que eu tentaria inverter um pouco essa situação e tentar trazer esses alunos mais para perto de nós.

Entrevistador: Seguindo ainda nessa linha, você tem medo, por exemplo, de ser desrespeitada por alunos, se você fosse entrar numa sala de aula?

L4: Eu acho que esse é o grande impasse que me pega bastante para não querer lecionar. Porque, eu acho que se um aluno chegar a me desrespeitar dentro da sala de aula, eu não tenho um controle para saber lidar com a situação, vai ser briga em cima de briga, porque o aluno vai falar e eu vou rebater. Eu acho que esse é o grande impasse que pega para mim.

Entrevistador: Em relação a pais, você acha que também teria dificuldade de conviver?

L4: Bastante.

Entrevistador: De ter que explicar, por exemplo, porque o aluno teve nota baixa.

L4: Sim. Acho que isso me pegaria bastante também. Até porque, no ensino fundamental é um pouco mais fácil de você lidar com os pais. Mas a partir do ensino médio eu acho que essa situação fica um pouco mais complicada, principalmente pelo fato de às vezes o pai nem se importar muito com o filho que está na escola. No ensino fundamental, no ensino de ciências, seria mais fácil de lidar com esse pai, de lidar com essa criança. Mas a partir do momento que entra no ensino de química mesmo, no ensino médio, eu acho que a situação dá uma piorada.

Entrevistador: Pensando na carreira docente, você não vai seguir a carreira docente, obviamente. Mas nós fazemos um curso de licenciatura, tecnicamente estamos nos formando para ser professor, você tem uma ideia do plano de carreira dos professores?

L4: Não tenho a mínima.

Entrevistador: Você sabia que em março foi sancionada uma nova lei sobre o plano de carreira dos professores?

L4: Não sabia.

Entrevistador: Você acha, por exemplo, importante nós termos esse tipo de explicação na faculdade? Ter pelo menos alguma parte da graduação que fale sobre o salário base do professor, plano de carreira, aposentadoria?

L4: Com certeza, eu acho que isso seria o essencial para nós na graduação. Em vez de ter tantas matérias que não agregam na nossa formação, nessa parte de matérias pedagógicas mesmo, porque tem muita matéria que você vê que não está agregando muito na sua formação, eu acho que deveria entrar essa parte, que realmente é o que está relacionado com o que nós vamos vivenciar.

Entrevistador: Você acha que, se isso fosse trabalhado em sala de aula, ia ser um incentivo para quem não conhece a carreira docente ir atrás de conhecer?

L4: Com certeza.

Entrevistador: Você não fez o estágio presencial, mas você já conviveu com professores tanto da escola, quanto de faculdade. Mas vamos pensar nos de rede pública. Esses professores de rede pública às vezes acordam cinco e meia, 06:00 da manhã, tomam seu café, vai para a escola 07:00 da manhã, tem cinco salas de 40 alunos, fica lá dando aula, volta para casa tem que corrigir prova, participar de atividade etc. Mas eles continuam sendo professores. O que você acredita que seja a motivação desses professores de continuar com essa rotina, mesmo com todas as dificuldades, salário etc?

L4: Eu acho que por gostar mesmo do que faz. Porque quando você gosta do que faz, independente das dificuldades que enfrenta, das barreiras que têm no meio do caminho, eu acho que dá aquela desanimada, mas não faz com que esses professores desistam do que eles gostam ou desistam do que eles pensam. Eu acho que é mais por ele gostar do que faz mesmo.

Entrevistador: Você já chegou a escutar de algum professor: “não seja professor, vai fazer um mestrado”?

L4: Várias vezes ainda.

Entrevistador: Por que você acha que ele falou isso para você?

L4: Eu acho que é justamente por ele ver como anda a qualidade do ensino na escola. Por mais que ele goste daquilo que faz, ele sabe que a qualidade não está legal, que é uma coisa estressante, eu acho que ele fala isso mais por esse fator. Por nós estarmos entrando no mercado de trabalho, para nós termos uma experiência maior e depois entrarmos nessa escola. Porque nós saindo direto da graduação e indo para a escola, eu acho que é um choque de realidade muito grande. Eu acho que isso pode nos desanimar no processo. Por mais que a gente goste do que faça, ter esse choque de realidade de sair da graduação e já entrar na escola pode ser muito e aí você não queira mais. Então às vezes eles podem estar falando isso para nós termos uma maturidade maior, para depois entrar nessa escola.

Entrevistador: Entendi. Para finalizar agora, eu quero que você fala para mim, em três palavras, descreve o que é ser professor para você.

L4: Três palavras eu acho que seria, tinha pensado nas três palavras e agora me fugiu da mente. Eu acho que amor principalmente pela profissão, expectativa de futuro melhor e acreditar no futuro.

L5:

Entrevistador: Quando você iniciou a sua graduação, que ano, e quando você espera se formar?

L5: Eu entrei em 2018 e espero me formar agora, acabando o semestre, no começo de 2023. Não vai acabar agora em 2022. Mas espero formar agora.

Entrevistador: Depois que terminar a graduação, você pretende começar a lecionar ou tem algum outro plano? O que você pretende começar a fazer?

L5: Eu pretendo ir para a pós, fazer um mestrado e é isso. Entrar na pós Marte, já estou escrevendo os projetos.

Entrevistador: Você pensa em lecionar ou nunca foi um interesse?

L5: Eu não sou a pessoa da área da educação, pelo menos até agora eu não tive a maior vontade de fazer isso na minha vida, mas as experiências dos estágios vão mudando um pouco o que você pensa. Então, acho que nem as

aulas em si que nós temos na graduação, é o estágio mesmo. Então ver os alunos lá é muito bacana, ter essa interação com eles, ver que eles realmente gostam de você e sentem um carinho, principalmente da escola pública de periferia, que é o estágio que eu estou fazendo, tem essa demanda e essa falta. É bem legal ver como alguns professores gostam daquilo e trabalham com aquilo te faz pensar muito. Mas, até agora pelo menos, o meu intuito não é lecionar por agora.

Entrevistador: O estágio que você fez, você fez ele metade presencial e metade online ou você está fazendo ele totalmente presencial?

L5: Então, nós temos quatro estágios na nossa graduação. O primeiro em ciências e os outros em química, se eu não me engano, não me recordo agora. O de ciências e o primeiro em química foi online, não foi bom mesmo. O em ciências foi péssimo, nós vendo o centro de mídias lá no youtube e ver como tem erros drásticos. Não foi legal porque nós não tivemos uma vivência, nós só estávamos reproduzindo e vendo o que estava sendo passado para esses alunos. O outro foi com cursinho, o de química, porque ainda estava na pandemia também. Então nós demos aula para esses alunos do cursinho, mas eram muito poucos que entravam, então não teve essa relação. Nós não víamos a cara deles, eles não respondiam, você só passava, então esses dois não foram legais mesmo. Mas agora, esses últimos dois de química foram presenciais, estão sendo, o primeiro foi e agora nós estamos fazendo o outro. Ainda não fui na escola nesse semestre, mas acho que semana que vem já vou estar indo, aí foi legal. Foi realmente ver cara a cara lá os alunos, ficar batendo bexiga na minha cabeça. Então foi legal conversar com eles, ter essa interação com eles, ver que eles realmente se interessam pelo que você está fazendo e foi isso.

Entrevistador: Você acha que, se você estivesse lá como professora mesmo, por exemplo, quando você for ministrar uma aula, o que você acha que vai ser a sua principal dificuldade na hora de ministrar uma aula?

L5: Acho que a falta de experiência, principalmente. Acho que todo mundo, pelo menos eu fico muito nervosa. Até quando eu vou apresentar trabalhos que já faço, igual teve o SIC agora, eu fiquei extremamente nervosa para apresentar, mesmo sabendo que eu estava apresentando. Então essa parte de experiência que nós temos de sala de aula, mesmo. No estágio nós aplicamos

para darmos algumas aulas, pelo menos uma ou duas, mas não chega nem perto do que é ser um professor, ir lá todo dia e dar aula. Então essa falta de experiência, de você saber se você está realmente conseguindo dar esse ensino, passar esse conteúdo para os alunos, acho que essa é a minha maior preocupação de não conseguir.

Entrevistador: Você tem alguma preocupação, por exemplo, em relação a desrespeito com os alunos? Convivência com os pais?

L5: Então, eu sou uma pessoa que, quando eu entrei na faculdade, minha visão mudou muito. Tinha uma visão da escola pública de ser ruim, todo mundo desrespeitando, baderna e tudo mais. Mas quando você entra pelo menos na faculdade pública, você percebe que tem vivências diferentes da sua, tem realidades diferentes da sua, então eu fui adquirindo esse olhar mais humano. Eu não vejo mais a escola pública como baderna, desrespeito. Eu sei que vai ter, como tem em vários lugares, mas eu não quero ser essa pessoa prendida a isso. Não quero deixar de pensar em como eu vou ensinar, como eu vou tratar aqueles alunos, pensando no que eles fazem da vida ou não. Porque nós sabemos que têm alunos que já vendem droga, de periferia normalmente, principalmente. Eu não quero ser essa pessoa presa nisso. Eu quero esse olhar mais humano e falar: é o meu aluno, está ali e eu quero passar o que eu posso passar para ele, para mudar a vida dele. Não tenho nenhuma dificuldade com isso.

Entrevistador: Supondo que você fosse trabalhar como professora, exclusivamente como professora da educação básica. Você saberia qual é a base salarial do professor da educação básica?

L5: Então, do que eu sei, a minha experiência, a escola que eu estou fazendo estágio virou PEI agora, ensino integral. Então eu tive algumas conversas com professor em relação a isso, nós temos um caminho que a educação básica está virando realmente ensino integral, a maioria. As que não são ainda vão virar. Então tem alguns propósitos aí, acho que a maioria vai virar para o ensino integral. Então ali eu sei que eles partem de uns 7 mil um professor da educação básica de ensino integral ganha uns 7 mil reais. Claro, tem todos aqueles descontos, esse valor cai um pouco, mas é essa a média que eu tenho na minha cabeça.

Entrevistador: No caso, em relação à carreira docente em si, dar aula. Você falou que o seu maior medo é estar na frente da sala, é dar a aula, que você tem dificuldade nessa parte de se expressar, certo? No caso da educação básica em geral, tirando alunos, tirando pais, essas coisas, o que você acha que seja a maior dificuldade da carreira docente? Seria, por exemplo, os alunos, a rotina, o salário, o que você acha que seria a maior dificuldade da carreira docente? Por que tem tão pouco professor se formando e seguindo essa carreira da educação básica?

L5: Eu acho que a maior dificuldade de todas, acho que nem todos concordam com isso, posso estar generalizando, mas é aquela falta de incentivo, a falta de visibilidade, de falar que ser professor realmente é importante. Nós só falamos isso no dia 15 de outubro, no dia do professor e depois ninguém fala mais. Então essa desvalorização da carreira docente eu acho que é forte aqui no Brasil. Que mais? Já me perdi da pergunta.

Entrevistador: Não, mas você respondeu. Nós estamos falando sobre a carreira docente. Teve, em março desse ano, uma lei sobre o novo plano de carreira dos professores estaduais. Tem a categoria O, um monte de coisa, nova base salarial etc. Você sabia dessa lei?

L5: Não.

Entrevistador: Você conhecia o antigo plano de carreira docente? Já tinha ouvido falar de algum plano de carreira?

L5: Bem por cima, eu acho que os professores comentam com a gente nessas disciplinas pedagógicas, mas de verdade, olhar e falar eu sei como era ou como é agora, não sei.

Entrevistador: Você acha que seria importante colocar na graduação uma matéria sobre, por exemplo, base salarial, plano de carreira, ATPC? Ou incluir em alguma delas uma parte bem mais específica? Porque tecnicamente, se você não sabe, não sei se você vai conhecer até se formar. Você acha que é importante ter alguma coisa assim na graduação?

L5: De verdade, eu acho que é importante, mas depende de como isso é passado para nós, como é passado para esses alunos do ensino superior. Quando eu fui na escola, eles estão tendo formação de professores naquela plataforma online, tem cada coisa lá que eles têm que entrar naquele sistema e eu vejo que nem eles sabem ainda direito o que tem que fazer. Em qual link

tem que entrar, essas coisas. Eu acho que essa dinâmica de nós aprendermos essas coisas na graduação ia ajudar no futuro, quando nós começássemos a docência. Acho que nós deveríamos saber um pouco mais a fundo o que é uma ATPC ou pelo menos o que ela deveria ser. Porque às vezes você vai na escola e eles só estão falando dos alunos, fingindo que estão vendo alguma coisa no notebook. Não tem realmente qual é o propósito dessas coisas. Mas, como eu disse, se fosse ministrada de uma forma que realmente valesse a pena. Porque às vezes eu sinto que fica meio por cima mesmo, ninguém quer muito, acho que é como isso seria passado para nós, também.

Entrevistador: Você acha que na própria graduação falta incentivo para seguir na carreira docente da educação básica?

L5: Nossa graduação é difícil. Eu Assisti a defesa do Bruno, que foi, não lembro agora. Claro que ele não falou quem, mas alguém disse que a nossa graduação é uma licenciatura, mas a maioria das pessoas trata como se fosse um bacharel. Nós temos disciplinas extremamente difíceis e que realmente vão detendo grande parte dos alunos, essa valorização, para um bacharelado, é feita. Principalmente nos primeiros anos, porque as disciplinas pedagógicas são mais no terceiro e quarto ano. Então eu acho que sim, falta um empenho para a licenciatura.

Entrevistador: No caso dos professores da educação básica, muitos deles reclamam do contexto, da rotina, das aulas, dos alunos, da diretoria de ensino, reclamam de muitas coisas. Qual você acredita que seja a motivação deles para acordar 05:00 da manhã, tomar um cafezinho, seis e meia está na escola, dar aula numa escola das seis às 10, almoçar e dar aula em outra escola, às vezes trabalhar em três escolas. O que você acha que é a motivação desses professores de dar aula mesmo com essa rotina, mesmo com as reclamações?

L5: Eu acho que nós temos dois tipos de professores. Tem o professor que realmente quer dar uma educação de qualidade, é o professor que se empenha, sempre teve o sonho e adora ser professor. Eu acho que a motivação dele é isso mesmo, é mudar a vida das pessoas, de alunos. Que ele, no caso, desempenha muito bem o trabalho. Eu tive professores assim e vejo ainda ali nos stories dos professores que realmente amam ser professor. Mas eu acho que também tem um outro tipo de professor, que é cômodo. Ele não vai sair do emprego dele, que ele já está ali ganhando bem ou pelo menos

tentando, ele já tem uma vida ali, não tem porquê sair. Eu acho que têm professores que continuam por comodidade mesmo. Não por esse empenho em ser professor.

Entrevistador: Algum professor já chegou para você e te desmotivou? Por exemplo: “não seja professora”.

L5: Novamente, experiências do estágio, têm alguns professores. Não o de química que eu acompanho, mas você convive com outros professores ali também. Você vai na sala dos professores, vê as ATPCS, alguns realmente falam: “foge enquanto dá tempo”.

Entrevistador: O que você acha que seja o motivo para eles falarem para você “foge”?

L5: Eu acho que vários. Um é a desvalorização, às vezes alguns até pelos próprios alunos, que desrespeitam os professores na sala de aula, por não ganhar bem ou por esses motivos, eu acho. Até por ele ter almejado algum outro sonho, não ter conseguido alcançar e falar “não, vai para outra área”.

Entrevistador: Entendi. Vamos encerrar aqui, três palavras que para você descrevem o que é ser um professor. As três primeiras que vierem na sua mente. Não precisa ser boa, pode ser ruim. Fique à vontade.

L5: Acho que, três palavras. Qualidade, humanidade e ensino e aprendizagem.

L6:

Entrevistador: Primeiramente, quando você iniciou a sua graduação?

L6: Eu iniciei minha graduação em fevereiro de 2019.

Entrevistador: E você espera se formar esse ano já? No próximo?

L6: Eu espero me formar no ano letivo que nós estamos, que tem o término lá por volta de janeiro, fevereiro de 2023.

Entrevistador: Após o término da sua graduação, você já pretende começar a lecionar ou você tem algum outro plano? Um mestrado?

L6: Após o término imediato da graduação eu pretendo começar a lecionar sim, mas eu também tenho desejo de ingressar na pós-graduação. Eu venho estudando alguns programas de pós-graduação e tudo mais. Um dos programas que eu me interessei só tem início no meio de cada ano. Então, se eu me formar em janeiro, provavelmente só vou ingressar nessa pós-graduação em junho, julho, no meio do ano. Nesse meio tempo eu

pretendo começar a lecionar. Mas não ter uma carga horária tão alta, uma carga de aulas tão alta, para que justamente eu consiga dar conta no mestrado, se eu for contemplado com o ingresso no programa.

Entrevistador: É na rede básica, privada? Pública? Você não tem preferência?

L6: Atualmente eu estou lecionando na rede privada, mas eu tenho desejo de lecionar na rede pública, por conta da minha convivência, da experiência que eu tive no estágio. Foi uma experiência muito boa que eu tive de poder lecionar na rede pública, foi algo que me deixou bem interessado. Mas, como disse, já estou lecionando na rede privada por alguns dias. Ainda estou fresco na rede privada.

Entrevistador: Faz pouco tempo que você começou. Você falou do seu estágio. Justamente, foi o estágio que te influenciou a essa parte de lecionar na rede pública?

L6: Sim. Por quê? Desde pequeno, eu sempre tive a oportunidade de estudar em escola particular. Desde lá os meus três aninhos, até o término do ensino médio. Eu nunca tinha ao menos entrado numa escola pública para ver como era o ambiente, como funcionavam as coisas e só agora no estágio, na graduação, eu tive a oportunidade de ficar numa escola aqui em Presidente Prudente, durante cerca de três meses, no estágio. Então eu observei as aulas, participei de ATPC, participei de orientação técnica na diretoria de ensino e eu tive oportunidade de lecionar. Se eu não me engano, eu dei aula durante quase duas semanas para cumprir a carga horária e ainda excedi a carga horária que o programa de estágio pedia, porque justamente eu queria concluir todas as aulas em todas as turmas. Lá no estágio, vendo como funciona muitos alunos, como funcionam as coisas, eu passei a entender como funciona uma escola pública. Eu vi que na escola pública você tem muita oportunidade de realizar atividades diferentes, só que, um quesito que me deixou um pouco preocupado são os números de alunos por sala. A galera dá um pouquinho de trabalho, se o professor não tiver um bom jogo de cintura. Mas quando eu fui lecionar no estágio, o pessoal super me recebeu bem. Durante esse período que eu dei as aulas lá no estágio, o pessoal prestava atenção, não fazia bagunça, eles falavam que realmente estavam entendendo o que era química, aquela matéria que no caso era ligações químicas. Aquilo me deixou, na hora que eu vi os olhos dos alunos brilhando, foi algo que me deixou muito feliz e tem me

impulsionado a, de certa forma, ter o desejo de um dia dar aula na rede pública.

Entrevistador: Você acha que eles tiveram uma postura diferente por você não ser o professor titular? Acha que eles te trataram de maneira diferente?

L6: Eu tinha uma ideia de que eles não me respeitariam como professor. Eles não teriam de respeito para comigo. Mas foi algo que aconteceu totalmente diferente. Muito pelo contrário. Eles tiveram muito respeito comigo, me respeitaram como professor, se eu não me engano, eles me chamavam de professor. Eu acredito que essa coisa de me respeitar como professor, eles me respeitavam da mesma forma que o professor titular que eu estava acompanhando.

Entrevistador: Você fez o seu estágio totalmente presencial ou teve uma parte dele que foi remoto?

L6: O meu estágio supervisionado 2, que ocorreu ainda nesse ano de 2022, foi totalmente presencial. Agora o estágio supervisionado 1 ocorreu de maneira virtual. Então nós não tivemos contato com nenhum aluno, com nenhum professor, coordenador ou diretor.

Entrevistador: Se você não tivesse tido esse estágio presencial na escola, você provavelmente não teria essa motivação de lecionar na rede pública? Você ainda teria, por exemplo, receio, essa questão de não achar que eles iam te respeitar?

L6: Eu acredito que sim. Embora depois, as coisas acontecem conforme vai dando. Mas depois do estágio, eu tive essa experiência no estágio e a minha mãe é recém licenciada em letras. Eu comentei com ela, hoje ela está dando aula no estado e ela está se apaixonando cada vez mais por dar aula no estado. Eu penso assim: se eu não tivesse feito o estágio de modo presencial, talvez a minha mãe dando aula no estado, ela comentando como funciona lá, talvez eu me interessaria em dar aula no estado. Mas a experiência que eu tive presencialmente lá talvez nem chegaria aos pés da experiência que a minha mãe me passaria através das falas. Eu poderia sim ficar interessado. Mas acredito que o estágio presencialmente me deixaria, como tem me deixado, muito mais interessado do que somente receber falas de professores que atuam atualmente.

Entrevistador: Está certo. Nessa questão justamente de trabalhar no estado, na rede pública. Você tem uma ideia de quanto é o piso salarial de um professor da rede pública?

L6: Eu tenho sim uma ideia. Eu tive a oportunidade de participar de um ATPC lá no estágio. O período do estágio, quando eu fiz, foi justamente quando surgiu aquele novo plano de carreira. Então era muito novo lá na escola que eu estava como estagiário e, em uma dessas ATPCS, a coordenação de lá apresentou todo o plano de carreira, como é que iria funcionar, leu lá os parágrafos, o texto, montou um slide para os professores e apresentou durante a ATPC. Então, a partir daquele dia, eu passei a entender como funcionaria esse novo plano de carreira e tenho em mente que sim, quando eu entrar no estado, por conta que não está abrindo muito mais concursos, está abrindo muita contratação, então você entra no estado como professor categoria O. Hoje, o salário inicial do professor categoria O, se ele contemplar toda a carga horária dele, é de 5 mil reais. Embora tenham alguns descontos, então vai ser ali entre 4 e 5 mil reais.

Entrevistador: Certo. Em relação às suas expectativas com a sala de aula e com os seus alunos. Você espera que, quando você chegar numa sala de aula, você espera, por exemplo, que você já tenha quatro salas, cada sala com 40 alunos. Como você tem essas expectativas em relação a entrar numa sala de aula?

L6: é como eu disse, eu tive a oportunidade de fazer estágio numa escola pública aqui em Prudente e eu fiz estágio numa escola que tinham duas salas de primeiro ensino médio, duas de segundo e duas de terceiro. Cada sala tinha por volta de 40 a 45 alunos. Se nós fizemos uma conta muito rápida, 80, 160, 240 alunos em média, só de ensino médio. Agora, eu atuando na rede privada, eu tenho cerca de 20 alunos no primeiro ensino médio, cerca de 22 no segundo e 11 no terceiro ensino médio. São realidades totalmente diferentes. Mas na questão de me comportar como professor de maneira diferente em cada sala, eu acredito que depende do perfil dos alunos da sala. Porque tem sala que, de certa forma, tem alunos que desejam mais aprender, que dão mais atenção ao que o professor fala, às atividades que o professor fala. Então você acaba sendo um professor de maneira, não mais livre, no bom sentido. Mas você tem mais espaço para trabalhar, para interagir com os alunos. Enquanto que, em

outras salas, existem alguns alunos mais agitados, que precisam se controlar um pouquinho por conta da conversa, da bagunça e tudo mais, então você, como professor, tem que agir de outra forma. Eu penso assim, para que você não venha, não perder a rédea da sala, mas para que a bagunça, o tumulto não tome conta da sala por completo. Eu tive essa experiência no estágio, dessas seis salas que eu estagiei durante esse tempo e agora tenho três salas na rede privada. Tanto na rede privada quanto na rede pública, existem salas com alunos mais comportados, mais atenciosos, mas também existem salas com alunos mais hiperativos, mais agitados, que pouco prestam atenção no conteúdo.

Entrevistador: Você tem algum medo em relação à carreira docente, por exemplo, de chegar na sala de aula e ser desrespeitado? Da direção não respeitar suas ideias? Você tem medo, por exemplo, do contato com os pais dos alunos?

L6: eu estava pensando bastante nessa pergunta e eu estava quase chegando a conclusão, acho que eu cheguei agora, eu acho que eu não tenho nenhum medo em relação à minha carreira docente. Porque eu acredito que tudo se resolve com muito diálogo. Se eu chegar numa sala e automaticamente ser desrespeitado por algum aluno, eu provavelmente vou conversar com aquele aluno para entender o porquê, o que levou ele a me desrespeitar. Se tem algum motivo por trás para aquele desrespeito para comigo. Se eu conversar com os pais e faltar respeito dos pais para comigo, eu também vou buscar conversar para entender o que está acontecendo. Então, na minha visão geral, eu acredito que eu não tenha nenhum medo na minha carreira docente.

Entrevistador: No caso aqui, na próxima pergunta, qual você acredita que seja a principal dificuldade que você encontra de lecionar na educação básica? Você acha que, por exemplo, a dificuldade seria o atraso dos alunos, o currículo? Qual você acha que seria a dificuldade de lecionar?

L6: Ao meu ver, a maior dificuldade de lecionar na educação básica seria o motivo das salas serem extremamente lotadas, super lotada de alunos. Então é um pouco espaço físico. No português bem claro, são poucos metros quadrados para muita gente estar ali. E a falta de desejo de aprender por muitos alunos. Isso que causa muito tumulto, muita bagunça em sala de aula. Essa acredito que seria a maior dificuldade. No que diz respeito ao currículo,

eu tive um professor na graduação que dizia para nós: “nós temos que parar de deixar de reclamar de currículo. Nós temos sim que expor nossas ideias, o que nós achamos que está errado no currículo, o que achamos que está certo. Mas muito mais do que só ficar reclamando, reclamando, reclamando, nós temos que ver as brechas que o currículo nos dá”. E ele até chamava de oportunidade pedagógica. São nessas brechas que o currículo nos traz, nos dá, é que nós podemos entrar de cara ali naquela brecha e atuar da forma dos seus sonhos. Então, a maior dificuldade que eu acho que é lecionar na educação básica é essa que eu te falei. Salas extremamente lotadas e muitos alunos, principalmente agora pós pandemia, muitos alunos sem perspectiva de futuro, o que acarreta o desejo deles não aprenderem.

Entrevistador: Sim. É porque, também, nós escutamos comentários: “eles estão lá por conta da alimentação. Eles estão lá porque os pais não querem que fiquem em casa, então vai para a escola”. Aí sai da escola, não segue o ensino superior e vai trabalhar. Então muitos ali realmente não têm perspectiva, não pensam no ensino superior e não prestam atenção, porque a verdade é que reprovar mesmo só reprova por falta.

L6: Eu tinha essa concepção também, até que eu cheguei na rede privada e vi que lá está a mesma coisa. Pós pandemia, pessoal sem perspectiva. Por exemplo, aluno do terceiro ensino médio sem perspectiva de futuro, se vão querer cursar uma universidade ou um curso de graduação, se vão querer fazer um curso técnico, alguma coisa assim. Então foi algo que me deixou bem impactado quando eu cheguei na rede privada.

Entrevistador: Certo. Você falou um pouquinho na questão da carreira docente, do plano de carreira, que você teve um ATPC na escola que você fez um estágio. Mudando um pouquinho a pergunta, porque você tem conhecimento desse novo plano de carreira, muitos não sabem desse novo plano. Como você já sabe desse novo plano, você acredita que deveria ter, por exemplo, alguma coisa na universidade que falasse sobre esse plano de carreira?

L6: eu acho que é importante, viu. Alguma disciplina pedagógica que nós temos durante o curso eu acho interessante que comente sobre esse novo plano de carreira. Eu, conhecendo os professores que atuam nas disciplinas pedagógicas do nosso curso, eu acredito que o quanto antes eles vão começar a implementar essa questão do novo plano de carreira nas aulas. Trazer textos

falando sobre o novo plano de carreira, como funciona, o que o novo plano traz, além do salário. O que ele muda para aqueles professores que já estão atuando na rede pública há anos. Então, eu acredito que é importante trazer essas informações para dentro das universidades, para os licenciandos. E, ao meu ver, no curso de química que nós estudamos hoje, eu acredito que o mais rápido possível os professores vão trazer essas informações sim.

Entrevistador: Você sabia, por exemplo, em relação a plano de carreira, você já tinha tido alguma aula sobre?

L6: Não. Eu fui saber justamente no estágio, naquela ATPC que eu tive a tarde, onde a coordenadora apresentou todos os parágrafos, todo o texto, a tabela de salário, a questão se você tiver mestrado, quanto que aumenta, se você tiver doutorado, quanto aumenta, se você for aumentando os anos como professor, o que vai mudar no seu salário.

Entrevistador: Se você não tivesse tido isso no estágio, você não teria nenhuma ideia de como é o plano de carreira dos professores?

L6: Sim.

Entrevistador: Se dependesse só da graduação.

L6: É algo muito novo, se eu não me engano foi em março, abril.

Entrevistador: Não, mas mesmo assim. Porque antes eles tinham um antigo plano de carreira, aí teve essa mudança para o novo plano de carreira. Por exemplo, você não teria ideia de como seria o plano de carreira dos professores, se fosse só depender da graduação?

L6: Isso, dependendo só da graduação hoje, por causa desse novo plano ser muito novo, eu não saberia nada, porque não tive na graduação. Talvez agora, com a minha mãe atuando na rede pública, ela me traria algumas informações. Mas se não fosse justamente o estágio, hoje eu não saberia nem o que seria isso.

Entrevistador: Você acha importante saber sobre plano de carreira dos professores?

L6: Eu acredito que sim, porque tem muita gente que sai da graduação, vai direto lecionar e não sabe quais benefícios que um professor tem, o que deve fazer, o que não deve fazer, o que é descontado do salário, o que é levado em consideração para contabilizar o salário total, o montante que a pessoa vai

receber, o que é descontado. É importante sim para você não chegar lá muito perdido.

Entrevistador: Falando dos professores, você já escutou de algum deles: “faz um mestrado, faz um doutorado, depois vai lecionar. Não pensa em ser professor, professor não compensa”. Você já chegou a escutar de algum professor algo do tipo?

L6: Eu acho que nunca escutei. Nunca escutei isso. Pelo contrário. Às vezes que eu conversei com professor, eles sempre me incentivaram a ser professor. Sempre fui incentivado a seguir para a pós-graduação, para o mestrado, o doutorado, mas para não deixar de atuar na rede pública, no ensino básico.

Entrevistador: E assim, qual você acredita que seja uma das motivações que leva um professor a acordar 06:00 da manhã, tomar seu cafezinho, ir numa escola e dar aula para seis turmas, cada turma tem 40 alunos, com um salário que muitas vezes não compensa? Quais você acredita que sejam as motivações desses professores para continuar todo dia fazendo toda essa rotina cansativa e árdua?

L6: Ao meu ver, a maior motivação que existe é a questão do compartilhamento de informações, sabe. O ensinamento. Quando você está em sala de aula, está explicando alguma coisa, ainda mais nós que atuamos como professores de química, uma matéria estritamente que os alunos consideram como difícil, porque tem muita coisa que nós não conseguimos enxergar com os nossos olhos, mas quando você está na sala de aula e explica alguma coisa, e você vê que o seu aluno realmente entendeu, parece que os olhos deles chegam a brilhar. Esse fato de você ver que ele está aprendendo, que os olhinhos dele estão brilhando ali pelo conteúdo, eu acho que seria a maior motivação. Salário fica em segundo plano, outros benefícios que os professores podem ter fica em segundo plano. Mas essa questão de realmente aprender para que os alunos tenham um futuro melhor, saiam da escola com uma bagagem de informações, de conhecimento diferenciada, seria, ao meu ver, a maior motivação.

Entrevistador: No caso, é uma coisa que eu ia perguntar, mas lembrei agora. Você falou que pretende fazer um mestrado, doutorado nessa parte. Seria para conhecimento próprio, seria por ter um título ou seria, por exemplo, para a melhora de salário?

L6: Eu acredito que seria pelos dois motivos. Para conhecimento próprio, para fim de ir me especializando naquilo que eu venho estudando desde a graduação. E sim, seria também para essa questão de melhora de salário. Nós vemos que no caso, por exemplo, do novo plano de carreira do estado, de acordo com a sua formação você pode ir tendo seu salário aumentando. Mas eu também, quem sabe no futuro, depois de toda a minha formação na pós-graduação, eu não venha a ingressar numa universidade para lecionar. Eu tenho o desejo de atuar no ensino básico, tanto na rede privada, rede pública, mas também lá na frente, se eu tiver oportunidade, imagina se nós tivermos a oportunidade de ingressar como professor numa universidade e faltar a formação, um mestrado, um doutorado. Isso que eu fico pensando. Então, eu acredito que eu vou aproveitar desse embalo para que lá na frente, se oportunidades surgirem bem, se não, continuo atuando na rede pública, na rede privada, dando as minhas aulas, fazendo aquilo que eu realmente gosto.

Entrevistador: Entendi. Aqui nas minhas perguntas, três palavras chave que descrevem o que é ser professor.

L6: Professor. Cuidado, conhecimento e diálogo. Acredito que essas seriam as três palavras.

L7:

Entrevistador: Primeiro, eu quero que você me diga quando você iniciou sua graduação e quando você espera se formar.

L7: Eu iniciei em 2019. Acho que foi em fevereiro, naquele tempo ainda o calendário da UNESP estava certo. E pretendo me formar, acredito que vai ser no começo do ano que vem, se tudo der certo.

Entrevistador: Certo. Depois de terminar a graduação, quais são os seus planos? Você já quer começar a lecionar ou quer seguir o caminho mestrado, doutorado, o que você pretende fazer?

L7: Eu acho que vou acabar já começando a lecionar. Eu já estou meio em duas escolas trabalhando. Uma eu dou plantão, na outra eu trabalho mais no suporte acadêmico, então acredito que eu já vou começar a lecionar.

Entrevistador: Essa questão de ser professor, foi uma coisa que você sempre quis ou foi uma coisa que surgiu no caminho?

L7: Não. No caso, não foi uma coisa que eu sempre quis. No início, eu tinha aquela ideia de fazer química porque eu era muito interessado em saber como acontecia as coisas, o porquê um produto ficava conservado tanto tempo, dependendo do produto. Eu queria ver aquilo na prática, como funcionava, como era feito. No decorrer eu fui vendo que é legal trabalhar com alunos, também. Mas no início não era a minha ideia, vou fazer química para dar aula exclusivamente.

Entrevistador: Você acha que o estágio teve alguma influência nessa decisão?

L7: Olha, eu acredito que sim. Porque, embora eu tenha feito o primeiro estágio e agora o segundo também em escola particular, no ensino médio eu vejo que não é fácil, mas eu acho legal a interação que tem entre professor e aluno, mais ou menos isso. Mas no caso seria ensino médio.

Entrevistador: Essas escolas que você está são particulares ou públicas?

L7: Particulares.

Entrevistador: Você pensa em lecionar na rede pública?

L7: Sim, penso. Não tenho preconceito. Claro que nós sabemos que a realidade às vezes é um pouquinho mais difícil, dependendo da escola que nós pegamos, mas, como se diz, não é nada impossível.

Entrevistador: No caso de trabalhar como professor, seguindo a carreira docente. Você tem alguma expectativa em relação à sala de aula e aos alunos? Qual você acha que vai ser sua maior dificuldade ao entrar numa sala de aula como um professor efetivo, que vai ficar lá naquela escola por anos?

L7: Eu acho que seria de atender a todos. Porque nós sabemos que cada aluno tem um grau de dificuldade, principalmente na nossa área, que é química. Então acho que essa seria a maior dificuldade, de poder engajar aquele aluno. Incluir ele para que ele também entenda como os outros, que têm menos dificuldade.

Entrevistador: Entendi. Você tem algum receio ou medo em relação à carreira de professor?

L7: Eu diria que quanto a atualização de conteúdo. Fico meio receoso de às vezes não ficar tão atualizado, acabar cometendo algum erro, algo desse tipo.

Entrevistador: Entendi. Imagina que você, por exemplo, vai sair da graduação e trabalhar exclusivamente em uma escola da educação básica, v. Você sabe qual a base salarial de um professor?

L7: Olha, eu já ouvi falar, é que eu não me recordo. Eu não sei se é em torno de 4, 5 mil. É que eu já ouvi alguém falando, mas eu nunca procurei saber a fundo. Mas é isso que eu me recordo, não sei se eu estou equivocado ou não.

Entrevistador: Entendi. Você sabe que tem um novo plano de carreira dos professores?

L7: Sim, isso eu sei. Não sei a fundo, mas eu sei que tem um novo plano de carreira, que envolve lá a categoria O.

Entrevistador: Como você ficou sabendo desse plano?

L7: Amigos, colegas de trabalho.

Entrevistador: Nada em relação a escola ter te falado alguma coisa?

L7: Não, nada em relação a escola.

Entrevistador: Foi tudo por fora?

L7: Isso, tudo por fora. Colega de trabalho, alguém que falou eu vi que isso, isso e isso, está para aprovar, aprovou, alguma coisa desse tipo.

Entrevistador: Entendi. Você acha que seria importante na graduação nós termos pelo menos uma parte de uma matéria ou uma matéria específica, por exemplo, para falar sobre essas questões técnicas? Quanto recebe um professor, quanto está a hora no estado de São Paulo, carga horária, qual o plano de carreira. Você acha que isso seria importante ter na nossa graduação?

L7: Eu acho que sim. Porque nós ouvimos muitos boatos, não se sabe se é verdade. Eu acredito que deveria ter uma coisa do real mesmo, que ali nós iríamos saber que a informação para nós é o real, é o verdadeiro.

Entrevistador: Você acha que isso talvez incentive as pessoas que estão na licenciatura a seguirem a carreira de docente na educação pública ou isso talvez afaste elas? Ou não faz diferença?

L7: Depende do caso. Porque muita gente acha que a remuneração é muito baixa, pelo que nós fazemos e tudo mais. Vai depender do caso, se a pessoa acha que mesmo assim está tudo bem para ela ou se não, se a pessoa acha que é muito pouco pelo grande esforço e tudo mais. Vai depender muito do caso.

Entrevistador: E assim: os professores acordam cedo, vão para a sala, tem 11 salas, cada sala tem 40 alunos. Sai da sala, leva trabalho para casa, faz um monte de coisa. Mas ainda assim eles continuam indo para a aula, sendo

professores. Qual você acha que é a motivação desses professores, mesmo com todas as reclamações e as dificuldades?

L7: Eu acredito que é porque nós ouvimos falar que falta muito. É meio que eles: “estudei para isso, estou aqui, mas se eu deixar, quem vai vir no meu lugar?”. Às vezes não tem outra pessoa e vai faltar, a educação vai ficar cada vez pior, como já não é tão boa, nós sabemos, em escolas públicas. Eu acredito que seja isso. Não que seja, mas eu imagino isso.

Entrevistador: Ainda dessa perspectiva anterior, deles falarem das dificuldades e desafios. Algum professor já chegou para você e falou: “não seja professor”?

L7: Já.

Entrevistador: “Segue outra área”?

L7: Já teve alguns casos. “Você está doido, não entra nessa não, vai para outro lugar.” Eu acho que eles falam principalmente por conta da remuneração.

Entrevistador: Certo. Então, para finalizar, eu queria que você falasse para mim três palavras chaves que para você descrevem o que é ser professor.

L7: Dedicação, competência, porque estar ali envolve o aprendizado do outro e vai faltar uma.

Entrevistador: Não, pode ficar tranquilo, pode pensar.

L7: Eu acredito que entra também um pouco de, não sei a palavra, mas ter preocupação com o aluno. Não só chegar, vomitar todo o conteúdo lá e não saber se o aluno está bem para aprender, acho que ter um pouco de empatia com o aluno. Entender a situação dele.

L8:

Entrevistador: Quando você iniciou a sua graduação e quando você espera se formar?

L8: No ano de 2018. Eu esperava me formar nos quatro anos, mas aconteceram algumas coisas e eu tive que postergar mais um ano. Esse ano provavelmente eu me formo.

Entrevistador: Você, após o término da graduação esse ano, você pretende lecionar imediatamente ou você tem algum outro plano?

L8: Eu não sei ainda. Por incrível que pareça, estou na reta final, mas estou na dúvida. Não sei se eu vou continuar alguma coisa na parte acadêmica ou se eu vou já direto tentar algo na escola. Eu tentei ano passado, fiquei o ano inteiro

tentando e no finalzinho eu consegui. Gostei da experiência, mas eu não estava atuando de fato como professor. Eu estava como substituto efetivo, entre aspas. Porque o professor que era da disciplina já tinha fechado, então eu só ia lá para a criançada não tacar fogo na escola.

Entrevistador: Foi numa escola particular, pública?

L8: Era uma escola pública. A grade, as aulas que eu tinha puxado eram no período noturno. Então era ensino médio. Era bem tranquilo. Pessoal com mais maturidade, entre aspas.

Entrevistador: Você tem, em relação a isso, algum receio? De, por exemplo, chegar numa sala de aula e ser desrespeitado, por pai, por professor, pela coordenação, aluno?

L8: Por professor e coordenação eu acho mais difícil. Mas por aluno eu acho que pode ser que aconteça, é normal. Eu já vi bons professores sendo desrespeitados em sala de aula, quando eu estudava. Então é algo que um dia ou outro pode acontecer.

Entrevistador: Trabalhar na educação básica, para você, o estágio que você fez: você acha que ele contribuiu de alguma forma? Não contribuiu? Para, por exemplo, você não querer trabalhar, você querer trabalhar na educação básica?

L8: Eu acho que contribui. Nenhum professor vai dar aula igual o outro e nenhuma escola vai ser igual a outra, trabalhar com pessoas é dinâmico. Então, no fim das contas, mesmo que você tenha uma boa experiência no seu ensino médio ou atuando em escola, ela nunca vai ser igual. Ela nunca vai ser igual porque as pessoas mudam, o cenário muda, então é tudo relativo, é momentâneo.

Entrevistador: Você acha que o seu estágio contribuiu?

L8: Contribuiu.

Entrevistador: Você fez seu estágio presencial ou online?

L8: Eu tive a oportunidade de mesclar. Parte foi presencial, parte foi EAD. EAD foi horrível. Acho que não contribuiu em nada o EAD. Mas o presencial sim.

Entrevistador: Você chegou a dar aula no estágio presencial ou foi só acompanhar?

L8: Só acompanhei. Às vezes eu falava, eu tinha oportunidade de fala durante o estágio, mas era bem breve. Mas eu gostava, eu gosto, na verdade.

Entrevistador: Na questão de trabalhar exclusivamente na educação básica, você sabe quanto é o salário base do professor que trabalha só na rede pública?

L8: Eu lembro, posso estar errado, mas acho que era algo perto de uns 2 e 800. No antigo plano.

Entrevistador: No antigo plano, então você sabe que tem o novo plano de carreira?

L8: Sim.

Entrevistador: Você ficou sabendo dele pela graduação ou foi por outro meio?

L8: Meu irmão, nós conversamos bastante, ele é formado em pedagogia. Nós ficávamos sempre falando sobre essas coisas, ainda mais no período de pandemia, que nós estávamos juntos, nós conversávamos bastante a respeito. Ele falava: “vai melhorar” e tudo mais. Pode ser que melhore ou não. Porque, na verdade, nós sempre encaramos como politicagem, querendo ou não. Era uma forma do atual ou ex governo tentar trazer para si a categoria. Mesmo sendo lei, o governo usa aquilo como campanha, no fim das contas.

Entrevistador: Mas desse plano de carreira, você não ouviu falar nele na graduação nem no estágio?

L8: Não.

Entrevistador: Foi fora disso.

L8: Foi fora.

Entrevistador: Você acha que seria importante falar sobre plano de carreira na universidade?

L8: Acho que falta isso. Acho que isso é um dos principais motivos que desanima o pessoal de ir atuar. Alguns. Porque, por exemplo, eu tenho colegas que formaram, foram atuar e eles falam muito bem. Eles falam: “Zé, está melhor do que eu esperava, essa é a verdade”. Porque não teve contato na graduação. Então você sai, fecha um ciclo, você inicia um outro totalmente desconhecido, essa é a verdade.

Entrevistador: Então você acha que é importante, por exemplo, mostrar qual é o salário, o plano de carreira, ter essas informações na graduação mesmo?

L8: Acho que sim, mas ao mesmo tempo não. Porque nós sabemos que é uma categoria que trabalha muito e ganha pouco. Pela carga de trabalho, ganha muito pouco. É claro, existem outras áreas que ganham bem menos. Eu acho

que talvez isso, em vez de motivar, acabe desanimando, desincentivando. Pode ser por isso que não abordem na graduação, mas eu acho que seria importante, particularmente.

Entrevistador: Nesse caso, falando justamente sobre essa questão de desmotivar. Já teve algum professor que virou para você e falou: “não vai ser professor, não siga nessa área, vai ser professor de faculdade, não trabalha na rede pública”. Alguém já chegou a falar isso para você?

L8: Meus próprios alunos. Quando eu comecei a dar aula mesmo, eu dava aula particular. Eu gostava de ver o pessoal interessado, acho que por isso que fez eu mudar muitas coisas na minha vida. Na verdade, eu nunca pensei em fazer licenciatura. Nem cogitei, na verdade. Mas eu gostava de estar na frente da sala de aula, conversar, discutir as coisas com o pessoal. Então, no fim das contas, foi tudo se encaminhando.

Entrevistador: Mas você já chegou a escutar de professor, algum professor te desmotivando?

L8: Já. Quando você é novo ali, você vê algum mais velho, alguém que está ali se lascando, eles falam: “se prepara”. Algumas coisinhas nesse sentido, mas que vão nesse caminho de que você vai se lascar.

Entrevistador: Você acha que qual seria o motivo dele não te incentivar a seguir na carreira docente? Por que você acha que ele fala essas coisas?

L8: Eu acho que as pessoas falam isso, eles estagnam. Entram numa zona de conforto, mesmo que seja ruim. Sei lá, uma escola com infraestrutura e gestão talvez não tão boa. Estagnam. É mais um dia, vou dar só mais uma aula, algo nesse sentido. Cansou, mas não quer largar o osso.

Entrevistador: Mesmo assim, cansou mas não larga o osso. O que você acha que seja a motivação dele de acordar de manhã, 05:00 da manhã, sei lá, 06:00 da manhã, tomar café, ir direto para a escola, pegar seis turmas, cada turma com 40 alunos. Eles reclamam, mas continuam indo lá. Por que você acha que eles continuam nessa rotina?

L8: Se eu falar que gosta, está falando que a pessoa é sado-masoquista. Eu acho que é pagar as contas. Não pelo dinheiro. É uma profissão que, quando você escolhe, você sabe que vai ter altos e baixos, acredito. Mas é uma pergunta complexa na verdade essa, eu acho. No fim, por amor. Porque, para aturar determinadas situações, tem que você admirar a profissão. Acho que,

claro, tem a parte financeira, mas acho que é a esperança. Esperança de melhoras, acho que é a frase.

Entrevistador: Para nós encerrarmos aqui, para você citar três palavras que para você descrevem o que é ser professor.

L8: Acho que a primeira seria respeito. Acho que nada, não só como professor, no mundo, nada vai para a frente se não tiver respeito, no final das contas. Acho que a segunda seria amor porque, para ser professor, você tem que amar a profissão mesmo. Tem a parte salarial, às vezes tem gente que cai lá e fica por algum motivo. E a terceira seria esperança. Esperança de uma sociedade melhor. O professor não constrói caráter, educação, algo do tipo. Ele constrói cidadão. É claro, tem muitas coisas relacionadas à política e tudo mais, questões sociais e tudo. Mas o professor constrói cidadão. Um bom professor vai mudar, mesmo que pouquinho a pouquinho, a sociedade. Embora não seja o professor responsável. Nós sabemos que são as políticas e tudo mais. A sociedade. Mas ele influencia.

Entrevistador: Entendi. Eu ia encerrar com as perguntinhas, mas esqueci de uma aqui. Qual é seu maior medo em relação à carreira docente, em ser professor? Você tem algum medo em ser professor?

L8: Que se torne tudo muita politicagem. Embora deixam ali atrelados, mas eu acho que tem que ser algo dinâmico. A sociedade, o pensar. Se você não aborda outras visões, como você vai construir um cidadão crítico? Eu acho que é isso, um cidadão crítico. O meu medo é construir cidadãos que sejam faz isso, faz aquilo, só. Robotizados, seria isso.

Entrevistador: Entendi. Em relação à sala de aula você não tem, por exemplo, medo da sala de aula? Suas expectativas são boas em relação a dar aula?

L8: Acho que sim. Nós estamos em um momento de transição, espero que seja para melhor.

L9:

Entrevistador: Primeiramente, eu quero que você me fala quando você iniciou sua graduação e quando você espera se formar.

L9: Eu iniciei em 2017 e esse ano eu pretendo me formar, com a graça de Deus.

Entrevistador: Depois da sua graduação, você pretende começar a lecionar ou tem outros planos?

L9: Então, não era uma possibilidade para mim. Eu não via isso como algo que eu quisesse, atuar dentro de uma escola, por conta do cenário atual. Mas eu estou cogitando essa ideia.

Entrevistador: Certo. O seu estágio foi feito presencialmente, totalmente online, como foi seu estágio?

L9: Só no residência, não tive experiência nenhuma de estágio.

Entrevistador: Você acha que, se você tivesse tido uma experiência de estágio, você teria uma visão diferente da escola?

L9: Eu acho que sim. Faltou isso nesse período de estágio para mim. Porque eu não consegui ter contato nenhum com os alunos, não sei como está. Nós vemos, um professor fala isso, que está desse jeito, mas e eu? Como eu fiquei de experiência? Não consegui ver como está os alunos, tudo. Principalmente depois da pandemia, até porque a carga horária do estágio já se encerrou com o residência.

Entrevistador: Nesse caso, o estágio, por ele ter sido totalmente online, não impactou na sua decisão de seguir ou não na carreira docente?

L9: Não. Porque eu não tive experiência. Eu tenho experiência de outras pessoas, que eu tenho bastante tias que são professoras. Apesar delas serem só das criancinhas, do ensino fundamental, do pré, mas não impactou.

Entrevistador: Vamos supor que você está saindo da graduação e você vai ser um professor da rede pública de ensino. Exclusivamente da rede pública. Você imagina qual é o salário base? Você sabe dizer qual é o salário base?

L9: Tem o piso salarial que mudou. De 40 horas, acho que é 3 mil, não é? 3 mil e pouquinho, alguma coisa assim, eu não lembro ao certo.

Entrevistador: Como você não teve contato com a sala de aula, se você fosse dar aula, qual seria a sua expectativa com relação à aula e aos alunos? Como você acha que vai ser a sua interação com eles?

L9: Para falar a verdade, eu tenho bastante medo, principalmente em escola pública. Que não tem mais respeito com o professor, responde o professor e eu tenho medo de chegar na sala de aula. Porque, se for ver, eu sou baixa, referente principalmente aos meninos. Pela disciplina que nós vamos dar, química, física, matemática, que seja. Eles já não gostam, então não vai ter

uma, ah não, vou ficar porque gosto da professora. Então até ter essa conquista dos alunos, ter todo esse respeito, e olha lá a professora substituta, sabe, eu tenho esse medo.

Entrevistador: No caso da carreira docente em geral, você teria algum medo em relação ao trabalho do professor? Ou é mais em relação aos alunos?

L9: Mais em relação aos alunos. Porque eu acho que quem faz a carreira docente é o professor. Independente se a escola pré-determinar se você tem que dar isso, tem que dar aquilo. Mas eu acho que, com amor, o professor vai conquistando os alunos, vai conseguindo administrar da melhor forma. É mais em relação aos alunos mesmo.

Entrevistador: Certo. No caso nós falamos do salário, da questão da base salarial. Sobre a carreira docente, você conhece o plano de carreira dos professores?

L9: É aquela pergunta que você fez da nova lei, não é, alguma coisa assim?

Entrevistador: Isso.

L9: Eu não conheço.

Entrevistador: Não conhece, nunca ouviu falar. Antes dessa pergunta aqui, você não sabia nem que tinha uma lei nova.

L9: Eu até ia te perguntar, porque eu não consegui pesquisar, não tive tempo, eu até ia te perguntar o que é essa lei.

Entrevistador: Não, essa lei é um novo plano de carreira. Por exemplo, você não sabia do plano de carreira, você tem uma ideia da base salarial mas foi um chute. Você acha que seria importante nós termos esses pontos na graduação?

L9: Sim, claro. Porque nós não sabemos. Nós somos formados ali e temos só o conteúdo. Porque nós não sabemos trabalhar com questão de inclusão, nós não sabemos qual vai ser a mínima de salário que nós vamos receber, nós não sabemos quais são os benefícios de trabalhar em escola pública e em escola particular, que eu acho que isso é um ponto muito importante também de ser questionado. Então nós não temos experiência do mercado de trabalho. Alguém que ajuda você a sair dali formado, mas e agora? Então eu acho que falta bastante informação.

Entrevistador: Em questão dos professores que já trabalham, eles acordam cinco e meia da manhã, tomam café, às vezes seis e meia, 07:00 já estão na escola, chega e são cinco turmas de 40 alunos, dá aula, chega em casa tem

que fazer prova, aplicar prova, corrigir prova etc. Quais você acha que devem ser as motivações desses professores para continuar trabalhando, mesmo com toda essa rotina, com todas as reclamações, com todas as dificuldades?

L9: Como assim, você fala?

Entrevistador: Por que você acha que eles continuam trabalhando como professores, mesmo com tudo isso?

L9: Eu acho que esperança. Ter uma esperança que você vai fazer diferença na vida do aluno. Amor também pelo que você faz. Porque não é fácil, igual você falou, levantar cinco e meia da manhã, ter 40 alunos para administrar, para ajudar, para tentar passar o que você sabe, então eu acho que é mais isso.

Entrevistador: Entendi. Ainda seguindo essa pergunta, algum professor já falou para você: “não seja professora”? Nunca ninguém te desmotivou?

L9: A não ser um professor específico, que fala bastante contra.

Entrevistador: No caso do professor, que ele falou isso de não ser professor, talvez algumas pessoas falam: “não seja professor, vai para um mestrado, vai para um doutorado”. Alguns professores falam assim. Por que você acha que eles falam isso de desincentivar o licenciando a virar professor?

L9: Porque não é reconhecido. Não tem um reconhecimento que é a partir do professor que você vai formar um médico, um doutor, um advogado e eles ganham mais que você. Se for ver, nós às vezes trabalhamos mais do que qualquer outra profissão que ganha melhor que você. Então é mais essa questão de reconhecimento, eu vejo.

Entrevistador: Para finalizar, eu gostaria que você falasse para mim três palavras que para você descrevem o que é ser professor.

L9: Três palavras. Persistência, igual eu falei para você, esperança também e amor, amor pelo que faz.

L10:

Entrevistador: Quando você iniciou sua graduação e quando você pretende terminar ela, se formar?

L10: Eu comecei em 2018, não sei qual mês que foi. E eu pretendo terminar até março do ano que vem, que termina o semestre, nesse segundo semestre de 2022.

Entrevistador: Depois que terminar a graduação, você pretende começar a lecionar imediatamente depois que terminar? Ou você tem outros planos, por exemplo, fazer um mestrado, doutorado, um ano sabático e aí começar a lecionar?

L10: Então, eu já leciono. Eu já leciono e pretendo continuar, só que também pretendo ver se eu faço ou um mestrado ou uma pós em alguma coisa.

Entrevistador: Essa pós, esse mestrado, seria voltado para a área da educação, da pesquisa?

L10: Eu penso em talvez fazer pós voltada ou para a indústria ou para a perícia, tem essas duas vertentes.

Entrevistador: Certo. Na questão da educação básica, você pretende lecionar na educação básica pública, na rede pública de educação básica?

L10: Básica, PEB 2, ciências, você está falando?

Entrevistador: Não. Química, ensino médio mesmo.

L10: Sim.

Entrevistador: Na educação pública, rede pública. Estado, essas coisas.

L10: Sim.

Entrevistador: Essa questão de trabalhar na educação básica é mais um desejo que foi desenvolvido na graduação? No estágio?

L10: Eu acho que foi mais uma oportunidade que apareceu.

Entrevistador: Não foi um desejo inicial?

L10: Não foi inicial, não. Foi mais oportunidade mesmo que surgiu de eu dar aula e de eu estar gostando um pouco do que estou fazendo.

Entrevistador: E o estágio, você acha que o estágio então contribuiu para essa questão de você lecionar? Sem ele, você acha que provavelmente nem pensaria em seguir nessa parte?

L10: Não exatamente. Mas um pouco, pode ser.

Entrevistador: Você fez seu estágio inteiramente presencial? Inteiramente remoto?

L10: Eu fiz metade remoto, que foram os dois primeiros. Os dois primeiros foram remotos e o terceiro eu fiz presencial.

Entrevistador: Você acha que essa diferença de você estar na sala de aula dele, presencial, foi o que fez a diferença?

L10: Acho que sim.

Entrevistador: Você estar lá, ver os alunos. Nesse caso, você chegou a dar aula no estágio?

L10: Não.

Entrevistador: Você só assistiu as aulas?

L10: Só assisti as aulas.

Entrevistador: Entendi. No caso de trabalhar exclusivamente na educação básica, na educação pública, de ser professora. Você tem uma ideia do teto salarial, teto base que recebe um professor da educação básica?

L10: Sei. Se for 40 horas de categoria O, é 5 mil. Se eu não me engano. Se for PEI, tem a bonificação de 2 mil. Só que eu não sei menos. Eu só sei o teto de categoria O, de 40 horas.

Entrevistador: Essa informação você teve fora da graduação?

L10: Sim, fora da graduação.

Entrevistador: Na graduação você não teve nada em relação a essas informações, plano de carreira?

L10: Não que eu me lembre.

Entrevistador: Como você ficou sabendo do plano de carreira, por exemplo, dessa categoria O? Porque normalmente a categoria O se refere ao novo plano de carreira que teve. Como você ficou sabendo desse novo plano de carreira?

L10: Bom, minha mãe é professora e meu entorno todo é de professores. E também pela televisão, pelo jornal, essas coisas.

L10: Entendi. Você acha que na graduação deveria ter uma matéria, por exemplo, para informar teto base salarial, plano de carreira? Você acha que seria importante ter algo na graduação desse tipo?

L10: Sim. Eu acho que pelo menos na de metodologia de ensino, que nós estamos falando diretamente disso, deveria falar. Ou aquelas políticas educacionais também, essa matéria poderia falar também do teto salarial, de tudo mais. Não tem, não.

Entrevistador: É, não tem. Você fala que seria importante falar. Quais são as suas expectativas em relação à sala de aula? Em relação aos alunos?

L10: Bom, pelo que eu vejo de básica da pública, é um pouco complicado. Você tem que ir conquistando eles aos poucos. Então minha expectativa é: eu sei que vai ser difícil no começo, mas eu espero que, no decorrer e eu

prestando atenção em como é a sala, como eles se comportam e tudo mais, eu vá me adaptando e seja uma professora colega deles.

Entrevistador: Você tem algum medo em seguir carreira docente?

L10: Olha, com os pais de alunos eu também tenho um receiozinho, porque eles são meio, por exemplo, na particular você tem que ter um receio maior ainda. Porque além deles estarem pagando, eles tratam as crianças assim. E pública, não são todos os pais que vão lá, óbvio, a maioria dos pais às vezes só deixa a criança lá e tudo bem, mas um pouco. Porque as crianças têm muita dificuldade com os pais em casa. Isso também pode ser uma coisa que afete na sala de aula e que acabe me afetando, também.

Entrevistador: Qual você enxerga que seria a sua principal dificuldade ao lecionar na educação básica?

L10: Eu acho que, por ser química, seria a matéria em si. Porque a base de exatas que eles têm é muito pouca. E, além disso, nós passamos muitos anos na pandemia. Então eles são fruto da pandemia. Pode ser que não tenham prestado atenção, não tenham tido aula esse tempo. Então, quando eu começar a lecionar, eu provavelmente vou ter que ir um pouco devagar do que estão acostumados.

Entrevistador: Então você já sabia dessa questão da nova carreira, dos professores estaduais etc. Ela seria uma maneira de catapultar para você fazer mestrado ou doutorado, porque tem um a mais no salário?

L10: Sim.

Entrevistador: Você pretende fazer mestrado e doutorado?

L10: Pretendo, daqui para a frente um pouco.

Entrevistador: Os professores, eles reclamam, reclamam, mas continuam indo todo dia na escola, continuam dando aula, fazendo tudo, acordando cedo, 06:00 da manhã. Seis salas, 40 alunos em cada uma. O que você acha que deve ser as motivações desses professores para continuar trabalhando, continuar lecionando, mesmo reclamando, falando todas essas dificuldades que eles têm?

L10: Bom, a maioria das pessoas que já reclamaram para mim, depois de um tempo eu via que estavam falando bem também. Eles reclamam porque, por exemplo, eu não sei você, mas tudo que eu já trabalhei na minha vida, nós reclamamos um pouco. Porque nós queríamos só ser herdeira e ficar de boa

em casa. Isso é uma realidade. Então às vezes nós reclamamos porque realmente o sistema que nós vamos entrar agora é sucateado, nós não temos um apoio total dos órgãos do governo. Professor não tem apoio. Professor é muito julgado. Os alunos muitas vezes não respeitam os professores. Tem várias coisas que te acontecem e você vai reclamar. Só que eu acho, pelo que eu vejo, a maioria dos professores que ainda continuam sendo professores mesmo reclamando, eles têm aquele negocinho que quer mudar alguma coisa. Eles querem estar ali, porque, por exemplo, minha mãe dá aula há mais de 30 anos. Ela vê, hoje em dia, alunos dela formados em medicina, bem sucedidos. Eles sentem e nós provavelmente vamos sentir também, que nós mudamos alguma coisa na vida deles, entendeu? Nós fizemos uma diferença. Eu acho que pode ser que seja isso.

Entrevistador: Algum professor já chegou a te desincentivar a fazer licenciatura, a ser professora?

L10: Já, várias vezes.

Entrevistador: Por que você acha que ele falou isso, para você não ser professora?

L10: Porque a pessoa que falou para mim é professor. Então ele sabe as dificuldades, às vezes não quer que você passe por essas dificuldades. Porque, querendo ou não, é muita dor de cabeça. Você trabalhar com pessoas já é uma dor de cabeça. Trabalhar com pessoas menores de idade é uma dor de cabeça maior ainda, porque além dessas pessoas que você está trabalhando tem os pais, tem tudo por trás. Então é uma dor de cabeça, querendo ou não. Então eu acho que é por isso. Mas não chegou a falar “não vai”. Fala tipo: “tem certeza? Tem todos esses contras aqui. Talvez não seja o que você quer. Mas pode ir”. Entendeu?

Entrevistador: Entendi. Você acha que o salário seria o motivo principal desses professores te desincentivaram? Ou é mais os alunos?

L10: Eu acho que é mais o salário mesmo. Porque, por exemplo, agora está aumentando. Mas pensa assim, uma pessoa que chega agora na categoria O está ganhando mais do que um efetivo que está ali há muito tempo. Então isso já é um desincentivo gigantesco para eles que estão ali há, sei lá, 20 anos, ganhando um salariozinho. Aí com o tempo você vai ganhando mais e tudo mais, quinquênio, anuênio. Só que nós chegamos aqui na categoria O, contrato

de um ano, 5 mil, 40 horas aula, está ganhando mais que um efetivo. Então isso também é uma coisa que desincentiva muito o professor antigo que já está. O salário e falta de incentivo mesmo. Falta de profissionalização e muitas coisas que acontecem nas escolas, que nós vemos.

Entrevistador: Certo. Para finalizar, eu queria que você citasse três palavras que para você define o que é professor. Pode pensar, não tem problema, pode demorar.

L10: Três palavras?

Entrevistador: O que vier na sua cabeça.

L10: Ensinar, futuro, sei lá, eu sei o que eu quero dizer, mas eu esqueci a palavra. Vou lembrar. Não vou lembrar, não.

Entrevistador: O que você quer dizer? Dependendo eu te ajudo com a palavra.

L10: Eu queria dizer que não é bem vista, não é tão importante quanto deveria. É isso! Desvalorizada

APÊNDICE D (Transcrições das entrevistas dos Professores P1 a P8)

P1:

Entrevistador: Primeiramente eu gostaria que você me falasse quando você iniciou a sua graduação, quando você se formou.

P1: Eu iniciei minha graduação em 2013 e me formei no final de 2018.

Entrevistador: A quanto tempo você trabalha na educação básica?

P1: São cinco anos já.

Entrevistador: E você sempre quis trabalhar na educação básica, foi um desejo que você tinha ou surgiu pelo meio do caminho?

P1: Não, eu sempre quis trabalhar na educação básica. Eu vejo educação básica como um meio transformador, né? Então eu sempre tive essa vontade.

Entrevistador: Eu queria que você descrevesse para mim a sua semana. Você falasse para mim, quantas salas você tem, quantas escolas você trabalha, se é particular, se é pública, uma média das salas, quantos alunos mais ou menos você tem em média também

P1: A minha semana funciona assim. Como no estado mudou algumas regras, né? Hoje o professor não trabalha mais por aulas, agora ele trabalha por horas, certo? Quando eu comecei o ano com as 32 aulas, as 32 aulas hoje me dão um tempo de 40 horas na escola por semana. Então eu trabalho de segunda-feira, segunda-feira eu não tenho nenhuma sala de aula, né? E eu trabalho em duas escolas de segunda-feira. Na terça-feira eu trabalho em outra escola. Ou seja, eu tenho três escolas na semana. Só que a minha carga é dividida. Metade da minha carga, ela vem em forma de aulas. Eu tenho oito aulas na primeira e tenho mais oito aulas em sala de aula na terceira. O restante, o que acontece? Eu sou professor de tecnologia, que é uma nova área do estado, que é um professor pra ajudar os alunos, professores e gestão no acesso à tecnologia na escola. Então eu faço formações com professores, com alunos e com gestão. Como eu falei, eu trabalho por horas, não mais por aulas. Então eu fico mais ou menos das sete até as quatro da tarde aí, todo dia na escola.

Entrevistador: Quantas salas mais ou menos você tem?

P1: Eu tenho oito salas.

Entrevistador: E a média de alunos nessas salas é de quanto?

P1: Olha, dá uns quarenta alunos por sala.

Entrevistador: E assim, o papel do professor ocupa seu tempo livre?

P1: Não, hoje não mais, por causa dessa quantidade de horas que a gente é obrigado a ficar dentro da escola. Eu já não faço nenhum trabalho de escola fora do meu horário da escola.

Entrevistador: E no caso, para você, quais as principais dificuldades de você seguir na carreira docente, na educação básica?

P1: Para falar a verdade, assim, a maior dificuldade é a questão salarial. O salário mudou bastante, hoje eu acho que melhorou muito, mas a questão de trabalhar com gestão escolar. Eu acho que a gestão é o que mais influencia no trabalho de um professor. Se você tem a liberdade de fazer aquilo que você pretende fazer, você se dá bem. Mas tem gestões que não deixam você fazer isso, elas querem de alguma forma orientar o seu trabalho, falar o que você deve fazer, dar alguma coisa para você. O professor está perdendo a liberdade em sala de aula, isso é muito ruim, tanto que, no segundo dia na escola que eu trabalho, o final do período, deu sinal de sair da sala de aula normal. No outro dia, uma pessoa da gestão me procurou, falou que a sala estava toda organizada, saindo que eu saí, deixei a sala organizada, falou que a sala estava toda desorganizada e que olhou na câmera e depois que eu saí da sala, os alunos voltaram e bagunçaram tudo. Eu falei, qual que é o problema comigo? Se eu deixei organizada e saí da sala daquele jeito? Ou seja, a gestão está buscando algumas coisas para tentar tirar o professor da escola. Isso é uma coisa muito ruim, eu vejo assim que é o que mais influencia no trabalho.

Entrevistador: E você falou aqui na questão salarial, você acha atualmente o salário do professor justo?

P1: Falar a verdade assim, é justo sim, tá? Pelo que o professor tem que fazer. O salário do professor ele não aumenta porque existem maus profissionais dentro de uma sala de aula. É justo o salário hoje? Eu creio que sim. É uma equivalente. É que eles estão tentando aumentar, mas ainda assim poderia ser muito melhor.

Entrevistador: Eu tô encerrando minha graduação. Qual conselho você me dá para os próximos passos que eu devo tomar?

P1: Primeira coisa é ter coragem. De entrar na educação. Por quê? Porque, por exemplo, eu não tenho perspectiva de me aposentar mais. Eu sei que eu vou

morrer trabalhando, se eu optar por ser professor até o fim, eu vou ser professor até o fim e não vou me aposentar com as regras que são aprovadas hoje. Então, isso é uma coisa que eu já sei. E um conselho que eu dou assim é, se você quer fazer modificações numa população, modificar pensamento, fazer a sociedade pensar criticamente, a educação básica é um caminho, é um caminho transformador. E é muito, como se diz, tem uma devolutiva muito boa quando o trabalho é muito bem feito. Os alunos, eles têm uma gratidão muito grande com o professor. E para quem tá começando, eu não aconselho a abandonar a área da educação, mesmo que eu tenha falado que eu não tenho perspectiva de me aposentar. Pode ser que essas regras mudem e a gente se aposente mais pra frente e é por isso que eu continuo na educação, porque eu transformando, eu fazendo essas pessoas pensarem criticamente num mundo melhor, com certeza mais pra frente elas vão pensar em querer se aposentar também e isso pode ajudar a gente. Para quem tá começando, é ter coragem. É uma área que eu gosto muito, de verdade.

Entrevistador: E você, por exemplo, me aconselha a fazer um mestrado e um doutorado?

P1: Se você pensa em dar aulas na Escola Pública de São Paulo, eu aconselho você a fazer pós-graduação. Eu não aconselho a fazer mestrado e doutorado, por quê? Porque a discrepância em pontuação com as regras de hoje são quase nulas. De um mestrado para uma pós-graduação.

Entrevistador: Você está descontente ou contente com a sua profissão?

P1: Eu tô contente com a minha profissão e com o meu trabalho em sala de aula e com meus alunos. Fico muito contente.

Entrevistador: Muito se fala hoje em dia sobre desmotivação e desafios da carreira docente quando a gente pesquisa sobre o professor, o trabalho do professor. Você acha que essas palavras se encaixam no momento atual dos professores da educação básica?

P1: Eu acho que um profissional, se ele tá desmotivado, ele tem que procurar uma outra coisa para fazer da vida. Eu a cada dia que eu entro numa sala de aula, que eu entro numa escola, eu entro sorrindo, porque é o lugar que me completa. Eu adoro entrar numa sala de aula, eu adoro entrar na escola, conversar com os alunos. E eu vejo que assim, essas desmotivações são maus profissionais que fazem elas. Eles querem que as pessoas abandonem a

educação a qualquer custo, porque eles não querem ter nenhum concorrente dentro da educação básica. Então, é desmotivador estar numa escola pública na educação básica. É muito motivador mesmo.

Entrevistador: Eu estou fazendo entrevista com outros alunos aqui da licenciatura para saber o que eles esperam quando forem começar a lecionar. Um dos grandes medos que eles têm são os alunos. Eles têm muito receio de serem desrespeitados. Como é a relação aluno-professor? Você já chegou a ser desrespeitado alguma vez?

P1: Essa relação aluno-professor, ela na graduação tem que ser muito bem trabalhada, porque você não tem que ir com uma ideia de que você vai entrar numa sala e vão estar todos os alunos sentados na sua carteira esperando você falar. A escola hoje, ela é um centro de convivência social. Ela não faz ciência. A escola não faz ciência mais. Então, cabe ao professor buscar meios de se fazer a ciência dentro daquele meio escolar. E os alunos, eles não são desrespeitosos. Eles são desrespeitosos com aqueles professores que eles não gostam. Com aqueles professores que eles não gostam, eles são muito desrespeitosos mesmo. Mas por exemplo, eu tenho casos de briga em sala de aula. Eu tive um caso esse ano, mas eram dois irmãos. Um irmão foi falar uma coisa com o outro, o outro não gostou e eles acabaram brigando. Mas eram irmãos que a família é muito presente na escola. Tanto que o pai fez os dois voltarem na escola, pedir desculpa para mim, conversar comigo para entender o que houve e explicar que aquilo não ia acontecer mais. Essa relação de professor aluno, não precisa ter medo. Porque os alunos, eles são pessoas que estão ali para conviver socialmente e você tem que buscar meios de se fazer a ciência dentro daquele meio. É uma coisa que eu consigo ainda hoje com as metodologias ativas e tudo que eu tenho disponível de tecnologia, eu consigo fazer bastante ciência com eles.

Entrevistador: E em relação quando você começou a lecionar, você tinha alguma expectativa que não foi correspondida?

P1: Quando eu comecei a relação aluno-professor era uma relação que eu fui aprendendo ao longo do caminho. Porque eu saí de uma graduação em que eu imaginava que a minha relação professor-aluno ia ser aquela relação onde o aluno vai aprender. Vai sentar na mesa e vai aprender. E com o tempo eu fui percebendo que não era bem assim. Não é o aluno que tem que fazer aquilo

que o professor quer, mas o professor tem que se adaptar porque o aluno está vivendo. Porque o aluno não vai mudar. Ali são 40 cabeças pensando diferente ao mesmo tempo. Então a gente tem que pensar em achar um meio comum de todo mundo aprender. Então essa foi a parte mais difícil pra mim.

Entrevistador: E nessa parte de quando você começou a lecionar também, você já tinha uma base da questão salarial? Você sabia quanto você ia ganhar ou você entrou sem saber?

P1: Não, quando eu entrei eu já sabia já qual seria a base salarial. Aqui era muito menos do que hoje, por exemplo. Eu comecei a lecionar com 32 aulas, eu ganhava, se eu não me engano, era R\$ 1.800 ou R\$ 1.900, pra o que é hoje, hoje um professor que tem as 32 aulas ou 40 horas ganha R\$ 5.000. Então já deu um salto muito grande salarial.

Entrevistador: E essa questão do salto salarial foi por causa do novo plano de carreira, certo? Você escolheu entrar no novo plano ou você seguiu no antigo?

P1: Eu já estou no novo plano. Eu entrei automaticamente no novo plano.

Entrevistador: E como é que você ficou sabendo desse novo plano? Jornal, a escola, e-mail?

P1: Novo plano de carreira, as escolas já comunicaram muito antes. Quando o projeto foi descrito, eles já enviaram. A PROESP sempre envia um documento pra escola pra informar tudo que pode ser voltado lá ALESP. Então todo mundo já ficou sabendo do novo plano de carreira. E foi muito discutido, porque o novo plano de carreira basicamente acaba com a aposentadoria. Porque se uma pessoa aposentar, ela vai aposentar somente por idade e com o salário mínimo. Ou seja, o professor, se ele quiser continuar ganhando o que ele está ganhando, ele vai aposentar e vai ter que voltar a trabalhar. Então é uma coisa muito ruim que eles fizeram mesmo.

Entrevistador: E ainda nessa questão do plano de carreira, você falou que ele é bem discutido. Você acha que seria interessante ter pelo menos uma matéria na graduação, ou pelo menos alguma matéria pedagógica que incluísse no conteúdo o plano de carreira, base salarial, parte mais técnica?

P1: Sim, isso é uma coisa que eu sinto bastante falta na graduação, que é a parte de você saber de legislação, saber mais sobre a lei do que está na escola. Por exemplo, saber sobre o ECA, saber sobre o LDB, saber sobre todos os estatutos vigentes que são utilizados na escola. Isso é uma falta muito

grande. Por que é uma falta muito grande? Porque quando você vai fazer concurso público, a parte específica, que é aquilo de química que você aprende, você já aprendeu, você domina muito bem aquilo. Mas a parte de legislação você não teve na faculdade. Então é uma coisa que fica muito aberta numa faculdade de licenciatura ainda. Eu acho que ia ser uma coisa muito boa para a faculdade colocar uma pessoa, por exemplo, que fez um bacharel em Direito, que já tem um mestrado e um doutorado para dar uma aula de legislação numa faculdade de química. Mas não só de química, mas todas as licenciaturas deveriam ter isso.

Entrevistador: Você trabalha em três escolas, você tem oito salas, cada sala tem 40 alunos, acorda cedo, volta quatro horas da tarde, todo dia tendo coisas para fazer. Qual é a sua motivação para seguir essa rotina mesmo com todas as dificuldades?

P1: A minha maior motivação é ver na cara dos alunos quando eles conseguem entender algum conteúdo, porque você vê uma satisfação do aluno em aprender aqui. Por exemplo, eu tenho quatro salas de terceiro ano e nessas quatro salas eu preparo eles muito bem para fazer vestibular, porque eu conversei com eles no começo do ano. Saíram de pandemia, tiveram muita defasagem, então eu ia fazer toda a retomada do conteúdo de química para eles fazerem vestibular, pelo menos a minha parte eu falei que ia fazer. E a cada aula que eu vou e que eu saio da sala de aula, eu vejo eles agradecendo, falando "é professor, obrigado pela aula, hoje eu aprendi mais do que ontem, hoje eu estou mais preparado". Isso é muito gratificante. Por isso que eu me sinto motivado sempre em voltar às salas de aula, não só no terceiro ano, mas no primeiro, no segundo ano também.

Entrevistador: E no caso, você incentiva os Licenciandos em química a seguir na carreira docente da aula de educação básica?

P1: Sim, eu incentivo, porque eu vejo assim, a Unesp ela forma bons profissionais. Infelizmente, esses bons profissionais escolhem ir para uma instituição privada, eles acabam nem indo para uma instituição pública, para saber como que é uma instituição pública, não por medo, mas pela questão salarial, obviamente, porque numa escola privada o salário é muito maior, então é uma escolha. Mas eu incentivo muito os graduandos aí para ir para uma escola pública, porque é muito gratificante ir para as salas.

Entrevistador: Alguém, antes de você terminar sua graduação, já tinha falado assim, não vai ser professor, não compensa, segue outra área, alguém já tinha chegado a falar alguma coisa do tipo para você?

P1: Sim, muitas pessoas falavam isso para mim.

Entrevistador: E por que você acha que eles falavam isso?

P1: Então eu creio que é pela realidade de uma escola pública, que eles imaginam que o professor entra numa sala de aula, que ele está disposto a entrar ali e a sofrer as consequências, por exemplo, apanhar, mal tratar a pessoa. Eu acho que a sociedade vê uma escola dessa maneira, que dentro de uma sala de aula os estudantes fazem de tudo e de tudo errado, menos estudar. Eu acho que é bem nesse sentido que as pessoas não querem que uma pessoa seja professor numa escola básica.

Entrevistador: Então para encerrar, eu queria que você falasse para mim três palavras para você descrever o que é ser professor.

P1: Gratidão é a primeira palavra, muito gratificante. A segunda é motivacional, muito motivador quando você entra numa sala de aula e os alunos estão te esperando, estão querendo aprender mais, querer mais. E a terceira, eu acho que assim, é uma palavra que eu vou tentar encaixar mais no sentido de modificar. É você modificar o pensamento de uma, falar de uma classe social. Você tentar fazer as pessoas pensarem mais criticamente. Modificador. Ele é modelador, mas como é modelador a palavra nesse sentido.

P2:

Entrevistador: Primeiro eu quero que você me diga quando você iniciou sua graduação e quando você se formou.

P2: Certo, eu iniciei em 2013 na Unesp, terminei em 2019.

Entrevistador: E há quanto tempo você trabalha como professor?

P2: Eu comecei a lecionar em 2017, já vai fazer aí 5 anos, 6 anos, 5 anos.

Entrevistador: E você trabalha em escola pública ou escola particular?

P2: Eu comecei na escola particular em 2017, daí depois até o ano passado eu permaneci no particular. Esse ano que eu estou no estado, no estado de São Paulo e no estado do Mato Grosso do Sul.

Entrevistador: Você está com regime P.E.I. nas escolas?

P2: Eu estou no regime P.E.I.

Entrevistador: Eu queria que você comentasse um pouquinho da sua semana. Quantas aulas você tem, quantas escolas você dá aula, uma média de alunos por sala, quantas salas você tem, comenta um pouquinho isso.

P2: Bom, no estado de São Paulo, por ser o regime integral, nós temos a carga horária fechada de 40 horas semanais. Nessas 40 aulas semanais, eu fico em sala de aula em 24. E aí eu leciono práticas experimentais no sexto, sétimo e oitavo. A turma mais numerosa dessas três é o sexto, com uma média de 30, 31 alunos. O sétimo tem uma média de 20, 24. E o oitavo uma média de 25 a 28 alunos. Podendo chegar a 30, porque como é uma zona rural, então tem sempre essas adequações pra poder facilitar pra eles aí no deslocamento.

Entrevistador: E no caso, o papel de professor, ele ocupa o seu tempo livre?

P2: Bom, é difícil até ter tempo livre, né? O regime integral, ele já exige dos professores uma dedicação muito grande. Então eu posso dizer que o período das 40 horas semanais do estado de São Paulo, ele é bem preenchido, né? E aí o que acaba tornando o espaço livre de tempo aí é só o período fora do integral. Mas como eu tenho o ensino médio noturno no estado do Mato Grosso do Sul, então é praticamente uma semana inteira, das sete da manhã às onze da noite. Então assim, a rotina é bem fechada mesmo. Não dá pra ter imprevistos, não dá pra ter uma abertura maior pra muitas coisas durante a semana. Até porque pra não jogar serviço pro final de semana.

Entrevistador: E pra você, quais as principais dificuldades de seguir na carreira docente trabalhando na educação básica?

P2: Bom, as principais dificuldades eu acredito que sejam nas inter-relações pessoais da classe. Existe uma grande problemática da questão de distribuição de cargos de professor no estado. Eu acho que isso é bem evidente. Então acho que a maior dificuldade é você ter um espaço pra poder começar. E quando esse espaço surgir, como você vai ser apresentado pra essa oportunidade? Hoje são pequenos espaços que aparecem. Quando aparecem são em situações que tinha alguém que era mais experiente, ou que não era pra gente estar ali. Então tem essas questões dentro da classe. Então eu falo que a maior dificuldade hoje pro professor dentro da área da atuação no ensino básico é essa relação com os outros profissionais da área.

Entrevistador: Eu estou encerrando minha graduação, qual conselho você me daria? Quais os próximos passos que eu devo seguir?

P2: Bom, pensando na conclusão da graduação, eu acredito que o primeiro passo seria definir a área de atuação. Se você tem interesse no novo currículo que tá vindo agora, no novo ensino médio, ou se você tem interesse em um público que está muito mais direcionado ao ensino, porque existe essa diferença entre o público da particular e o público da escola pública. Essa diferença é existente não pelo fato das crianças ou dos estudantes. Ela é uma diferença que é meio que apregoada pela sociedade. Então assim, eu não comecei a minha carreira no ensino público, eu comecei na particular, no privado. E eu tinha uma visão. E depois quando eu passei a parte da minha carreira no ensino público, eu vi que na verdade é muito diferente daquilo que é falado. Então assim, eu acho que a educação precisa de profissionais como vocês que estão saindo agora, mas que estejam acreditando que é possível fazer educação, e que a educação é uma forma de mudar essa sociedade. E mudar até esse estereótipo de que os estudantes da escola pública não querem estudar, que não é uma verdade. Quando você vai para a prática, você vai para a vivência na sala de aula, você percebe que tem muitas crianças e estudantes que querem mesmo estudar. E que só precisam de um profissional que queira ajudar eles a alcançar esses objetivos.

Entrevistador: Você falou agora dos estudantes, eu estou entrevistando licenciados também, que estão terminando a graduação. E um dos grandes medos que eles têm é justamente o contato com os alunos. Eles têm medo dos alunos de serem desrespeitados, eles têm esse receio. Você já foi desrespeitado alguma vez? Já aconteceu alguma situação? Como deve ser o enfrentamento de uma sala de aula que você não tem experiência nenhuma e está esperando ser desrespeitado? Você acha que esse medo que os licenciados têm, ele é verdade? Eles têm que sentir esse medo mesmo ou não?

P2: Eu acredito assim, o medo ele é um mecanismo de defesa natural do nosso corpo. Sentir medo é bom porque nos mantém firmes no que nós estamos ali lidando. Esse medo de entrar na sala de aula é existente mesmo. O primeiro dia, a primeira sala, fora do estágio, porque no estágio a gente tem a presença do professor. Então é como andar de bicicleta e você ter seus pais atrás. Por mais que você tenha medo de andar sozinho, mas você sabe que tem alguém te olhando, que vai te direcionar, que vai te dar um suporte.

Quando você vai para o primeiro momento sozinho, você ter esse medo é bom. Porque você se sente mais firme, mais na terra. Então você não vai chegar esperando uma situação, você vai chegar sempre pensando nas possibilidades que podem acontecer. A questão do desrespeito, comigo, já teve algumas situações, porém eu acho que a grande sacada nesse ponto é você entender que você é o formador e você é o detentor da condução dessa relação. É difícil a gente controlar o sangue, é verdade. Tem hora que o sangue sobe mesmo, porque nós somos até seres humanos passivos dessas situações. Mas o principal é manter a paciência. Ter bem claro esse horizonte. Eu, enquanto professor, dentro da sala de aula, sou uma autoridade. Não vou dar aula com autoritarismo, mas eles têm que entender que eu, como professor, tenho que entender que eu sou uma autoridade. Então eu sempre parto do princípio do respeito gera respeito. E quando não tem o respeito da outra parte, a gente devolve com respeito para a gente promover aquele aprendizado que não é gritando que se conquista, não é sendo agressivo que você vai conseguir o que você quer, mas é você tendo respeito pela presença do professor, independente de qual seja, eu seja outro professor, que a gente vai conseguir conquistar esse respeito dentro de sala de aula.

Entrevistador: Mas você já chegou a ser desrespeitado?

P2: Já. Em uma situação bem isolada, mas por duas vezes. Pedagogia da presença. A gente precisa conhecer o nosso estudante, até mesmo para saber como lidar com esse estudante. O ensino privado priva o professor de acesso a alguns documentos. Então você não consegue conhecer integralmente o seu estudante. Se ele tem alguma dificuldade de aprendizagem, se ele tem alguma questão que é preciso ter um olhar diferenciado. Porque não é só entrar na sala de aula e lidar com esse estudante. Tem algumas condições dentro do ensino que você pode sim tocar no gatilho. E aí esse estudante pode responder de várias maneiras. Uma, ele pode sair da sala simplesmente, ele pode responder ou ele pode partir para cima. Então eu acho que quando você tem essa clareza, conhece o seu estudante integralmente, fica mais fácil de você não cair nessa besteira. Quando você não conhece, você pode dar uma margem para esse tipo de situação, que é de você ser desrespeitado.

Entrevistador: Atualmente você está contente ou descontente com a sua profissão?

P2: Olha, atualmente eu estou mais contente na minha profissão do que alguns anos atrás. Eu acho que não é só o salário que nos motiva. Eu acho que é a vivência integral, então é o pacote inteiro. Você vê o seu trabalho ter influência. É um trabalho de formiguinha. Então assim, quando você vê que um cubinho do seu açúcar está sendo levado para frente, isso não tem dinheiro que pague. Então assim, hoje eu posso dizer que eu estou bem mais realizado do que quando eu iniciei na minha carreira de professor.

Entrevistador: Quando você iniciou a sua carreira, você tinha alguma expectativa em relação à questão salarial? Você sabia quando você ia ganhar ou você entrou assim, não sabendo?

P2: É, nesse caso eu entrei sem saber quanto eu ia ganhar. Eu fiquei sabendo na outra semana. Tanto é que era para ser uma sala só, duas aulas na semana, oito no mês. Então basicamente era o básico. E como era contrato, então era só pelo que eu estudava de aula mesmo. Então assim, no primeiro momento eu comecei a entender que naquele ponto era preciso mais turmas para poder ter um salário legal. E que assim, até mesmo no privado não tinha uma certa remuneração tão diferenciada do estado. Então aí a gente vai descobrindo isso na prática mesmo, na vivência. Então você vai percebendo que você precisa complementar com mais coisas.

Entrevistador: E você acha justo o salário do professor?

P2: Bom, aí a gente tem que deixar claro essa questão da diferença hoje do regular e do integral. Eu acho que o justo seria todos ganharem como professor do integral. Mas para isso ser uma condição, teria que todos terem a mesma dedicação que o professor da integral tem. Então eu acho que hoje, pelo que nós temos de cenário e a importância da educação, mesmo juntando o integral e o regular, não é o justo ainda. Então assim, eu acho que esse ponto é deixar claro que não é o melhor e não é o pior. A gente está falando sobre o ser justo. E aí pelo trabalho desempenhado e pela forma com que a gente está ali lidando com o futuro, a gente está tendo ali os estudantes que vão alavancar daqui a cinco, dez anos depois de fechar os seus ciclos no ensino superior, no ensino técnico. Então sim, hoje, tanto um quanto outro, ou qualquer uma, seja privada ou setor público, ainda existe uma má remuneração. Eu acho que isso é importante da gente deixar claro. Não é o pior, não é o melhor. É o não ser justo.

Entrevistador: A gente sabe vocês professores, às vezes acordam às 5 horas da manhã e tomam café, dirigem até chegar na escola, chegam às 7 horas, às vezes tem 4, 5 turmas, cada turma tem 40 alunos, às vezes chegam em casa e tem que corrigir prova, fazer atividade, você dá aula em duas escolas, etc. Mesmo com toda essa rotina, mesmo sendo cansativo, o que te motiva a estar todo dia fazendo a mesma coisa e ainda dando aula querendo ser professor?

P2: Bom, essa é fácil porque essa eu respondi essa semana, principalmente no MS. Não é uma questão salarial, eu acho que isso tem que ficar claro para o professor. Se você for olhar para o salário do professor, pelo trabalho do professor, e você olhar não desmerecendo outras classes, mas vai ter outras funções dentro da sociedade que vai te gerar um mesmo benefício e sem ter muito esforço. Então hoje o que me motiva a estar dentro da sala de aula? É o fato de eu acreditar e tentar promover esse protagonismo sênior, que os estudantes se acreditando que a educação, o conhecimento, os estudos, podem mudar a vida deles. É isso hoje o que me motiva e o que me mantém na educação. Eu vim de uma realidade que eu posso dizer que eu experimentei os dois lados da moeda. Eu saí do ensino público, fui para o ensino privado, fiquei um determinado tempo, depois voltei para o ensino público. E aí a minha mensagem que eu tirei dessa vivência foi no ensino público não se tem essa, não é uma fé, mas essa crença que o estudante que está ali pode alcançar uma universidade federal, uma universidade estadual, uma universidade particular que seja conceituada, primeiramente porque já se atribui a essa questão da condição e segundo pela defasagem que é existente dentro do sistema. Então eu hoje falo que eu sou, com toda essa correria, ainda tenho meus estudantes de aula particular que fazem para vestibular, então assim, com toda essa correria, o que me motiva é o mesmo princípio que eu tenho no atendimento individual para vestibular, é poder tornar possível e motivar esses estudantes a acreditar que o conhecimento muda a sua trajetória de vida, independente de se você nasceu num berço de ouro ou se você não nasceu num berço de ouro. Eu acho que é essa a minha motivação.

Entrevistador: Agora vamos falar um pouquinho sobre o plano de carreira. Você está no plano de carreira novo, você entrou através do novo plano de carreira, certo?

P2: Sim.

Entrevistador: Você sabia do plano de carreira antigo quando você começou a trabalhar? Como você ficou sabendo desse plano? O jornal, a escola?

P2: Quando eu entrei eu já sabia que era um contrato, que foi aberto, porque eu entrei no credenciamento emergencial. Bom, com relação ao antigo, eu já sabia que no meu caso não teria interferência nenhuma, porque é contrato. Então fecha lá o ciclo de três anos, você é encerrado o contrato, e você volta novamente para a atribuição. Com relação à nova carreira, isso foi explicado dentro da própria unidade, pelo diretor, numa ATPC de formação, respeito justamente do novo plano de carreira. Quem estava chegando agora já era automático essa aquisição, aderir a esse plano de carreira. Então assim, hoje o que eu vejo dentro do Integral, falando por vivência e pelo que eu vejo, essas questões sempre vão sendo explicadas em umas reuniões que nós temos aí todo final de semana, todo final da semana, na sexta-feira. Então foi assim que a gente acabou sabendo.

Entrevistador: E você acha importante ter, por exemplo, na graduação, sobre o novo plano de carreira, base salarial, essas questões mais técnicas, sabe, mais contratuais, você acha importante ter isso na graduação?

Entrevistador: Eu acho que sim, porque é diferente, existe essa divisão efetivo e contratado, ou os famosos F e efetivos e os O, né? Tanto é que dentro da classe, falando agora do participante da classe O, que é os contratados temporários, já se tem esse estigma que nós somos temporários. Então assim, você desempenha uma função, já pensando assim, talvez o ano que vem eu não vou estar aqui, então assim, se eu estiver matando estudante dentro da sala de aula, não vai ter interferência, porque o ano que vem eu vou para uma outra escola, então eu vou conhecer um novo público, assim. Eu acho que isso tem que ficar claro para o estudante dentro da universidade, para ele entender onde ele está entrando. A mesma coisa é você entrar numa montadora de carro, como mecânico, e você não saber quanto que os mecânicos estão ganhando lá, e talvez tenha mecânico que está ganhando 40, 50% a mais que você, ou ele tenha algum benefício que você não tenha, saindo que vocês desempenham a mesma função. Então acho que isso tem que ficar claro, por isso que eu falo assim, não é só o plano de carreira, é tudo. É onde você está entrando, como você vai entrar, para que a gente possa se unir para ter melhorias na nossa classe, não só melhorias de salário, eu acho que são

melhorias no geral. Uma situação que é bem complicada, é até mesmo, por exemplo, quando professores se aposentam, mas eles retornam. Então isso não permite uma abertura de espaço para, por exemplo, como vocês que estão saindo agora, há cinco anos atrás fui eu que estava saindo, possa chegar e ter um lugar para poder começar. Então eu acho que isso tem que ficar claro até para vocês saberem onde vocês estão entrando, não estou falando só do estado de São Paulo, falo isso a nível do Brasil. Por exemplo, quando fui fazer o concurso do MS, eu fui já sabendo que o MS tinha um dos melhores salários, mas não fui pensando que talvez eu entraria no MS. Então já tinha essa questão, e não foi só do estado de São Paulo que muitos foram, não, tinha de muitos outros estados que o pessoal se deslocou para poder fazer.

Entrevistador: E no caso dos licenciandos, você incentiva eles a seguir a carreira docente, dar aulas?

P2: Eu incentivo, incentivo no sentido de que a gente precisa, de uma certa forma, de professores que acreditem na educação. Então assim, fazer a licenciatura, para mim, é o primeiro passo para você entrar na educação. O segundo é você se questionar se você é um estudante que vai ser ativo na educação, ou se você prefere ser o estudante que é pesquisador, o estudante que fica mais de fora vendo e propondo o que pode ser feito e colhendo resultados. Então eu acho que o estudante tem que, sim, entrar numa licenciatura querendo ser professor, mas hoje tem várias formas de você ser professor. Dá para você ser professor de uma sala presencial, dá para você vender cursos na internet, dá para você ser professor individual, atendimento particular. Então assim, hoje cada uma dessas pequenas áreas ou subdivisões da nossa classe são deficientes de bons profissionais. Então às vezes você fala, eu quero ser professor, mas eu não sei trabalhar com 30 estudantes. Então você pode trabalhar como professor de atendimento individual. Você vai continuar exercendo e promovendo uma certa parcela dentro da educação. Então eu acredito que sim, hoje a gente precisa, e eu sempre vou incentivar, principalmente na química.

Entrevistador: E para finalizar, eu queria que você falasse três palavras que descrevem o que é ser professor.

P2: Acho que é tão complexo essa questão de a gente reduzir o número de palavras. Pensa porque a gente trabalha muito a tempestade cerebral. Então

joga as palavras aí na lousa. Vamos ver depois a gente pensa melhor. Mas acho que três palavras essenciais. A primeira é a crença na profissão professor. Você acreditar que ser professor tem um impacto na sociedade. Acreditar que você pode mudar vidas. Então acho que acreditar a crença na profissão. Acho que a segunda palavra que define o professor que eu acho que é fundamental é a esperança. A esperança que a gente vai ter um sistema de educação melhor. Vamos ter um desenvolvimento dos currículos melhores. Nós vamos ter condições melhores. E valorização melhor. Então acho que você ter essa esperança é fundamental. E a última palavra que eu colocaria dentro desse pacotinho para tentar definir o professor. É um termo que é mágico. Esse termo é o termo mais abrangente. Mas é um termo que define muito. Ser professor é mágico. É você sair de uma aula que você achou que não foi tão boa. E ela foi boa. Mas você sair de uma aula achando que não teve eficiência. E ela teve eficiência. Você propor uma leitura sem saber se vai ter um retorno ou não. E ter esse retorno. Então é mágico. Ser professor é mágico. Porque é uma coisa que não é uma escolha só nossa. O professor tem que escolher nós. E aí eu tinha uma professora que ela dizia. Eu queria ser tudo, mas o mosquitinho do ensino me picou. Daí eu virei professora. É bem isso. Então acho que essas três palavras são essenciais para um professor.

P3:

Entrevistador: Bom, primeiro eu quero que você me fale quando você iniciou sua graduação e quando você se formou.

P3: Bom, eu comecei em 2013 e por conta das greves eu me formei no comecinho de 2018, se eu não me engano lá em março mais ou menos.

Entrevistador: Você sempre teve vontade de ser professora?

P3: É, desde criança.

Entrevistador: Então você já fez a licenciatura para trabalhar na educação?

P3: É, sim, quando eu entrei na faculdade eu estava um pouco desanimada quanto a isso, aí foi mudando de novo de ideia no meio do curso.

Entrevistador: E assim, há quanto tempo você trabalha na educação básica?

P3: Comecei esse ano, faz nove meses. E nesse tempo você fez mestrado, doutorado? Fiz, eu terminei meu mestrado em 2020.

Entrevistador: Antes de você começar a trabalhar esse ano, você só tinha contato com educação básica através do estágio?

P3: Isso, e do mini curso do mestrado.

Entrevistador: Eu queria que você descrevesse um pouco sua semana para mim, falar para mim quantas aulas você tem, quantas salas você tem, qual mais ou menos é a média de alunos, se você está trabalhando numa escola só ou duas, como é que é?

P3: Não, eu estou dando aula numa escola só. Eu tenho, nesse semestre, eu estou com 33 aulas e meia. Quando eu comecei, eu estava com 31. Eu comecei para dar 4 aulas e saí de lá com 31. Eu tenho 11 salas, então 6 componentes diferentes, então eu tenho ali um... Vai me chutar algumas turmas, mas não chegam até 40 alunos completos, mas a maioria tem, então quase uns 400 alunos por aí.

Entrevistador: O tempo de professor ocupa o seu tempo livre?

P3: Bastante, eu dou aula de manhã, de tarde e de noite.

Entrevistador: E aí seria fazendo aula, preparando aula, isso?

P3: Aula a aula mesmo, dando aula mesmo.

Entrevistador: Eu estou fazendo uma entrevista com os estudantes também e muitos deles falam que eles têm receio de ser desrespeitados.

P3: É, é real, acontece. Sim, eles estão bem... Tá faltando um pouquinho assim, eu falo da minha vivência, né, um pouco de limite pra eles, sabe, assim, com a gente, né, como é que eu posso explicar, eles são na maioria das vezes bem desrespeitosos, sabe? Eu não sei porque, como eu comecei a dar aula esse ano, o que eu tenho de contraponto, né, pra sala de aula é a minha vivência enquanto aluna, né, então eu sempre faço comparações. E por mais que na época a minha sala não fosse uma sala muito fácil, eu não via o que eu vejo hoje, entendeu? Não via os meus colegas ou as outras turmas fazerem o que o pessoal hoje, os alunos fazem, se desrespeitam, eles batem boca com a gente mesmo, é bem complicado.

Entrevistador: Então assim, você, obviamente falando isso, você já foi desrespeitada em sala de aula?

P3: Sim.

Entrevistador: E que conselho você dá pro pessoal licenciando que tá saindo agora nessa relação com o contato do professor aluno?

P3: Bom, é uma coisa bem delicada, sabe, porque num momento, no comecinho, quando você tá começando, eles te adoram, porque você tá começando no primeiro mês, eles ainda não te testaram, vamos dizer assim, sabe? Então um conselho que foi me dado desde o começo é sempre ter pulso firme com eles. Mas eu não vejo essa história de pulso firme como 100% que funciona mesmo, sabe? Porque parece que quanto mais você bate de frente com eles, pior fica, nesse caso, com as minhas turmas, né? Então eu acho que o conselho é, que eu tô tentando fazer agora, no caso, é ser bem adaptável à turma. Sabe, assim, tem turma que você consegue conversar, você leva, eles te entendem, você consegue ter mais de aula. Tem turma que você tem que ser carrasco, porque senão não funciona. Tem que ser basicamente um camaleão.

Entrevistador: No caso, eu tá encerrando minha graduação agora, vou encerrar minha graduação agora, qual conselho que você me daria? Quais os próximos passos que eu devo tomar, o que você acha que eu devo fazer?

P3: Bom, olha, eu entrei direto no mestrado, né? Porque a gente fica bastante nessa parte de teórico, né, vamos dizer assim, que a gente tem da escola, são as nossas memórias e o que a gente fez no estágio. Eu acho que dar aula é uma ótima oportunidade, principalmente pra quem vai continuar na pesquisa, porque você entende como funciona. Porque só dá pra entender realmente o que é uma escola, uma sala de aula, quando você tá lá dentro todo dia. Sim, eu entrei muito sem querer dar aula e saí querendo tentar, certo? Não que eu não queira continuar dando aula, mas se eu pudesse dar um conselho pra mim antes de começar o mestrado, seria eu tentar dar um pouco de aula pra ver como que é. Eu acho que engrandece bastante o trabalho de pesquisa.

Entrevistador: Pra você, quais são as principais dificuldades de seguir na carreira docente, trabalhar como na educação básica, como professor? O que você acha que é a principal dificuldade?

P3: Agora eu acho que é justamente o trato com os alunos, sabe? Eles estão bem desinteressados, bem assim, desmotivados. Tem coisa aparentemente mais fácil pra se conseguir dinheiro do que estudar e fazer uma faculdade. E ao mesmo tempo eles se contradizem. Porque ao mesmo tempo que eles não tem interesse no estudo, porque é uma coisa que talvez lá pra frente eles vão ter algum retorno, vamos dizer assim, na cabeça deles, eles pensam em fazer

vários cursos, tipo medicina, entendeu? Sem o mínimo de vontade e esforço pra estudar. Então o maior desafio é esse.

Entrevistador: E no caso, você como professora, você tá contente ou descontente com a sua profissão?

P3: Olha eu tô... Depende do dia. Não, é legal. Realmente eu gosto, sabe? Só que na maioria das vezes você tá lidando com isso que eu falei mesmo. Porque principalmente eu que comecei agora, eu não tenho nenhum material. Então eu tô montando tudo agora. Então eu tô dedicando muito mais tempo montando aula, fazendo as coisas, tentando, pra não ter atenção. Então essa parte tá me pegando bastante. Às vezes a gente fica frustrado. O professor que já tá ali há mais tempo, ele já tá mais acostumado, vamos dizer.

Entrevistador: Na questão professor e professor. O ambiente de trabalho depende da escola? Ou você acha que os professores em geral, o ambiente de trabalho, eles não se ajudam? Todo mundo desanimado, todo mundo com problemas em relação às aulas?

P3: Olha, ali tá assim, a gente tá ali um pouco desanimado, com bastante professor desanimado, mas a gente tá sempre tentando se ajudar e a escola procura sempre fazer algum outro evento, tipo uma palestra, alguma coisa assim pra tentar trazer esses alunos. Por exemplo, todas essas feiras de profissões que tiveram esses dias, a gente levou eles pra ver, pra ver as profissões, por mais que a maioria deles não tenham muita vontade de seguir, fazer faculdade, enfim, algumas a gente consegue resgatar, mas na maioria a gente tá bem... Eles estão bem desanimados.

Entrevistador: A gente falou um pouquinho do salário e você tá no novo plano de carreira. Como você ficou sabendo dele?

P3: Ali na escola, pelos professores conversando ali na sala.

Entrevistador: Teve ATPC, a escola explicou o que era ou que você sabe você foi atrás?

P3: Não, o que eu sei é eu ouvi de professor comentando assim, sabe, quando senta pra tomar um café. Aí eu fui atrás pra ver, mas em reunião eu não me lembro de ter ouvido algo.

Entrevistador: E você acha que é importante ter isso sobre o novo plano de carreira, por exemplo, a base salarial, essas coisas mais técnicas na graduação?

P3: Sim. Porque é uma coisa que a gente passa por cima e a gente vê algumas leis superficiais e tal, mas essa parte do plano de carreira, da questão do salário mesmo, a gente não vê. Uma coisa que a gente não vê.

Entrevistador: Você acha que seria importante, que isso ia incentivar o pessoal que faz licenciatura a seguir na área da rede básica?

P3: Olha, ia deixar bem mais ciente da profissão, né? Porque tem muita gente que sai da faculdade e cai de paraquedas na escola. E agora? Eu acho que sim, a universidade tinha que preparar a gente mais pra essa realidade. E é realmente ser professor. Não só essa parte básica da legislação. Por exemplo, a gente vê bastante no último semestre da faculdade, a gente vê bastante sobre a área LDB. Só que é só ali por cima. Não é uma coisa que eu senti que agregou um pra mim agora, que eu precisava saber de certas informações. Eu acho super importante, sim, a gente ir mais pra esse lado.

Entrevistador: Ainda seguindo na questão de trabalhar na educação básica, você falou pra mim que você tem 11 salas, 400 alunos, trabalha amanhã, tarde e noite. E aí você ainda continua nessa rotina, dia após dia, após dia, após dia. Qual é a sua motivação pra continuar nessa rotina desgastante, exaustiva, mesmo com todas essas dificuldades? O que te motiva a ser professora e continuar trabalhando?

P3: Olha, agora no comecinho eu tenho me agarrado mais nos alunos que... Aqueles poucos que a gente consegue atingir. Fazer diferença. Deu assim, ah, eu só aprendi tal coisa porque ela que explicou. E agora que eu tô conseguindo entender química. Então a gente vai se pegando nesses.

Entrevistador: Você acha que o salário é justo pra um professor?

P3: Não. No caso acho que tá atualmente 20. Se eu não me engano é 20 reais a hora. Eu não sou concursada, o meu é processo seletivo, então eu contrato período determinado. Então eu não tenho todos os benefícios que um professor concursado tem. Que é um pouco pior pra mim, porque eu trabalho igual a eles. Tô com a carga horária quase cheia. Então assim, não é muito justo. Mas às vezes eu não sei como eles poderiam trabalhar com atual salário. Porque algum dos professores de lá de dentro é em quesito principalmente de titulação. Porque lá eles dividem em graus, o salário e depois vai por letra pra aumentar, pra dar o aumento. Então assim, tem professor que já entra com doutorado, por exemplo. Mas ele recebe como graduação. Porque é por cinco

anos. Então eu entrei, só daqui cinco anos. Eu consigo uma promoção usando, por exemplo, meu mestrado pra ganhar grau dois. E depois de cinco anos eu uso doutorado pra conseguir ganhar de acordo com a minha titulação. Essa parte eu já não acho justa.

Entrevistador: E em relação aos licenciandos, que vão sair agora e vão tentar ingressar ou não na carreira do docente. Você incentiva eles a seguir nessa área e ser professor?

P3: Olha, eu incentivo. Na verdade, assim, tá precisando de professor, mas assim, como é que eu posso dizer? Com vontade de fazer as coisas. É aquilo que eu falei. A gente vai ficando sobrecarregado e os professores que estão há mais tempo já estão cansados e desanimados. De tudo que vem numa sala de aula e tudo que passa, porque, no real, os alunos estão bem difíceis. Então, assim, esse pessoal que vai saindo agora vai saindo com outras perspectivas. Pessoal mais novo, tá vendo coisas diferentes. Então eu acho que é uma boa. Até assim, eu sair da faculdade querendo dar aula em faculdade. E ainda pretendo. Mas a educação básica precisa de um apoio. A gente precisa fazer alguma coisa por ela, porque são esses alunos que a gente vai receber na universidade.

Entrevistador: E assim, você já chegou a escutar de alguém assim, não seja professora? Não compensa ser professor ou alguma coisa do tipo?

P3: Sim.

Entrevistador: Por que você acha que falaram isso pra você, pra você não seguir a área de ser professor?

P3: Eu acho que é justamente pelas experiências que eles trazem da gente em sala de aula. Porque eu era terrível na escola. Não sei porque eu quero ser professora. Isso é loucura. Eu acho que tem muito disso.

Entrevistador: Pra encerrar, eu queria que você falasse pra mim três palavras-chave que pra você definiu que é ser professor.

P3: Olha, nesse tempinho que eu tô dando aula, eu acho que dedicação, deixa eu ver, pra mim desafio, tem sido um mega desafio, e resistência.

P4:

Entrevistador: Quando você iniciou sua graduação e quando você se formou?

P4: Eu iniciei em 2006 e me formei em 2011.

Entrevistador: E depois que você se formou, você já começou a trabalhar como professor?

P4: Não, não, eu trabalhei como professor na Unesp.

Entrevistador: Mas em rede básica, não?

P4: Não, em seguida não. Eu me formei em 2011, finalzinho em 2011. Eu fui ingressar no estado no meio de 2014. Foi na época da Copa. Quando terminou a Copa, no dia seguinte eu ingressei.

Entrevistador: Então assim, se você trabalhando desde 2014, então fazem 8 anos que você trabalha na educação básica, certo?

P4: Sim

Entrevistador: Como é que é a sua semana normalmente? Quantas aulas você tem? Quantas salas? Uma média de alunos mais ou menos?

P4: Eu tenho, o meu cargo, ele é carga completa. Então, o que é a carga completa da velha carreira? São 40 horas semanais de trabalho, das quais 32 são em sala de aula. Ali diretamente com o aluno. Aí você tem que fazer as ATPCs e as aulas que são reservadas para você trabalhar em casa. Preparar prova, fazer, colocar nota no sistema, esse tipo de coisa. São 40 horas, é o vínculo empregatício e 32 aulas em sala de aula.

Entrevistador: E mais ou menos quantas turmas você tem?

P4: Eu tenho que ter 16 turmas.

Entrevistador: E cada turma tem mais ou menos quantos alunos em média?

P4: Quarenta alunos.

Entrevistador: Fora desse tempo que você tem na escola e que você tem para fazer em casa as provas, correção de prova, etc. O seu tempo livre, ser professor ocupa parte do seu tempo livre ou você consegue fazer todo o seu trabalho só nesse tempo que você tem de 40 horas?

P4: Não, não. Eu uso muito do meu tempo livre. Eu continuo a semana. Ou seja, na verdade eu trabalho mais que 40 horas por semana, mas isso não entra nem em tipo de registro.

Entrevistador: Qual que você acredita que seja a principal dificuldade de um professor que tá trabalhando na educação básica atualmente?

P4: A principal? Ah, eu acho assim, um alto nível de burocracia para resolver situações burocráticas. Também tem assim, atualmente sim, tá pesando muito, muito o comportamento dos nossos alunos. Tá muito complicado. Tô jogando

muito em cima da pandemia, porque a pandemia talvez ela catalisou, catalisou não, ela fortificou mais isso daí. Mas isso já tá rolando. Quando fala muito de pandemia, eu acho que é muito bode expiatório. Não é só a pandemia não. Já era um processo que tava ocorrendo.

Entrevistador: Eu estou acabando minha graduação. Qual o seu conselho para mim nos próximos passos que eu devo tomar? O que você me aconselha?

P4: Antes de dar um conselho, eu faço uma pergunta. Você vai seguir, você deseja seguir a carreira do magistério?

Entrevistador: Então, essa pergunta é justamente para saber que você me aconselharia se eu não te falasse nada, se eu quero seguir ou não, se eu pretendo fazer pesquisa ou não. Que conselho você me daria?

P4: Conselho que você dê aula. Que procure dar aula, que encare o magistério. É somente lá que você vai ter a certeza de que se você deve seguir ou não. Entre para o magistério, de fato. É a partir disso que você vai tomar uma decisão sua. Não tem outra maneira, essa é a forma. Eu fazendo as minhas descrições aqui para você, vai ficar muita coisa vaga. Então, como que você tem que fazer? De fato, mergulhar nisso. Aí você vai tomar a decisão. Entre para o magistério. Prove dele. Veja o que vai resultar disso daí.

Entrevistador: E se eu falar, que eu pretendo seguir na carreira docente, pretendo dar aulas, mas eu já ouvi alguns professores me falando que não era para eu seguir na carreira docente, falando assim, vai fazer um mestrado, vai fazer um doutorado, vai dar aula de universidade. Você acha que eles falam isso por qual motivo?

P4: Provavelmente pelas condições da quais a gente vai encontrar ali no ensino básico. Procede, tá? Procede. Não é exagero, não é terrorismo, nada disso. O ensino básico está muito difícil. Está muito difícil por várias situações, situações salariais, situações do próprio funcionalismo. Lembrando também que, assim, quando a gente fala de educação, você também pode falar do sistema privado. Eu já trabalhei com o sistema privado, lá também tem seus milhares de problemas. Não é maravilhoso. Tem problemas lá que a gente não tem no sistema público. Eu consigo enxergar essas diferenças. E assim, como que eu posso dizer? Porque algumas pessoas dizem que você não deveria encarar? O magistério... Eu não sei, agora eu não sei por que eles falam isso.

Entrevistador: Em relação à questão salarial, você esperava receber um tipo de salário, uma quantia, e se sentiu que não correspondeu à sua expectativa? Ou você já sabia a questão salarial, mesmo entrando no ensino básico?

P4: É, quando eu entrei, eu já tinha noção da questão salarial, e na época, como existia uma política salarial um pouco diferente do que tem hoje, existia um ambiente político, voltado para a educação diferente do que tem hoje, eu sabia que existia uma possibilidade de um certo crescimento, né, um avanço ali na questão salarial. Essa possibilidade, ela se deteriorou com o tempo, por questões políticas, por decisões governamentais, de carreira, essa escalada política que a gente tem e que trouxe a gente até aqui. Eu não tinha muita, assim, perspectiva de que seria, assim, muito auspicioso na questão salarial, tá, mas com o tempo, a gente foi percebendo que isso estava deteriorando.

Entrevistador: Eu estou fazendo entrevista com licenciandos também e muitos deles falam pra mim que eles têm medo de entrar numa sala de aula por causa dos alunos, que eles têm medo de ser desrespeitados, enfim, em respeito a essa relação professor e aluno. Quais as dificuldades que você enfrenta no seu dia a dia, dificuldades inerentes ao seu trabalho como professor?

P4: Essa questão, assim, você citou aí o desrespeito dos alunos em relação ao professor. Isso tá operando bastante ultimamente. Nós temos uma clientela, isso é em todas as escolas, que está muito difícil de lidar. Nós temos a característica dos nossos cidadãos nesse momento, não é só o jovem, não. Tá geral. É muito imediato, eles não têm aquela característica que o pessoal da minha geração teve, que era de ler, que era fazer leitura, ter paciência, interpretar textos, tudo mais. Hoje é muito imediato por questão da tecnologia que nós temos. É uma característica deles e, talvez, eles não enxergam, eles não enxergam o que o pessoal da minha geração teve que enxergar para chegar até aqui. Bom, em relação à falta de respeito, eu vou ser bem sincero, isso tá acontecendo muito. É muito recorrente, isso é recorrente diariamente. Mas, assim, como característica pessoal minha de professor, eu sou bem rígido, eu deixo bem claro. Parece ser uma característica tradicional, mas também tem uma questão de personalidade também, porque todo mundo tem a sua personalidade, você não consegue separar ela do seu ser profissional. Então eu uso a minha personalidade, eu me imponho diante dos alunos. Não é todo mundo que desrespeita um aluno em sala e a maioria respeita. Aqueles

que desrespeitam, eles parecem sobrepor os que respeitam. Mas eu assumo assim, eu me imponho. E quando necessário a gente solicita auxílio da gestão. Isso deve ser feito. A questão de ter medo de entrar numa sala de aula, isso vai ser normal. Mas a partir do momento que você impor ali a sua característica, de professor, que vai mais se ajustar a você, você começa a superar todos esses medos aí. Porque você é um maestro ali, você tem que ter em mente que é você que comanda, você é responsável pela sala. E quem é responsável, de uma certa maneira, ele comanda a sala. Então quem tem a consciência de que comanda a sala, ele é reservado a ele também, assim, o fato de você impor a ordem ali. Isso tem que ser assim.

Entrevistador: Em relação ao plano de carreira, quando você ingressou no ensino básico, você sabia do plano de carreira ou foi algo que você assim, foi descobrir depois que você começou a lecionar?

P4: Eu não sabia do plano de carreira. Eu fui descobrindo aos poucos. Até hoje tem detalhes do plano de carreira que a gente descobre alguma coisa nova. Agora tem um novo plano de carreira.

Entrevistador: Obviamente você sabe que tem um novo plano de carreira, mas como você ficou sabendo dele? Você acompanhou ele sendo produzido na Assembleia de São Paulo?

P4: Um processo, houve toda uma discussão, ela não foi rápida, ela foi assim, ela foi rápida no sentido, como que eu posso dizer, houve assim, pouca lucidez no entendimento na hora do processo anterior à votação. Ela faz parte de, ela parece fazer parte de uma reforma administrativa. Um plano antigo de carreira, e esse plano eu fui descobrindo aos poucos. Aí esse plano novo, ele é assim, um pouco obscuro, porque os próprios professores não conseguem entender o que é esse novo plano de carreira. Ele tem muitos pontos neles, nesse plano, que ele não é elucidado.

Entrevistador: Você chegou a ter ATPC sobre esse novo plano?

P4: Olha, vou falar bem franco com você. Tivemos discussões há pouquíssimo tempo, há coisa de duas semanas. Mas assim, foram ATPCs muito mal elaborados, péssimas discussões que não elucidam nada. Eu tive que responder um questionário semana passada em relação ao plano de carreira, com coisas que a gente não conseguia entender, porque ele foi mal, a gente

teve péssimas orientações em relação, eu acredito que nós não tivemos orientações.

Entrevistador: Então assim, o que você sabe sobre ele foi só o que você foi atrás?

P4: Isso, o que eu sei são discussões de WhatsApp, de grupo de professores, discussões preparadas por sindicatos, esse tipo de coisa. Na verdade, ninguém consegue exatamente entender o que é o novo plano de carreira. Vou colocar um detalhe aqui. Ontem eu estava discutindo com alguns professores que são contratados, e a gente estava discutindo sobre salários que eram propagandeados no plano de carreira novo, que para eles não deveria ter esse nome, porque eles não têm uma carreira. Eles são contratados, a qualquer momento esse contrato vai ser quebrado. Então não existe plano de carreira. No plano de carreira você tem evolução, você cumpre com alguma meta e evolui salarialmente, no plano de carreira. E eles me disseram que não é nada daquilo que se propaga, que se faz de propaganda. Então é muito obscuro, para você ter mais uma ideia, nessa reforma que inserir o novo plano de carreira, eu tenho dois anos para optar pelo novo plano de carreira. Mas ninguém consegue entender o que é o plano de carreira, a gente não consegue entender o que é salário lá, porque não tem o nome de salário, tem o nome de subsídio. E ninguém consegue entender o que é um subsídio. Juridicamente parece que não tem segurança. Então só para você ter uma ideia, é uma terra assim de ninguém, ninguém entende exatamente o que está acontecendo lá.

Entrevistador: Vou mudar um pouquinho, você lembra das motivações que te levaram a entrar na educação básica? Essas motivações são as mesmas? São as mesmas motivações de hoje em dia de continuar na educação básica?

P4: De certa forma, sim, porque é daqui que eu tiro o meu sustento. Essa é a motivação, eu não sei se chama, deve ser motivação, a gente pode pensar como motivação. Eu acredito que no meu caso seja assim, era a minha profissão, eu entrando ali estabelecendo a minha profissão. Então eu me mantenho até hoje baseado no mesmo princípio lá do início.

Entrevistador: Esses oito anos que você já está lecionando, hoje em dia você está mais descontente ou contente com a sua profissão de professor?

P4: Olha, existe momentos que a gente pode dizer que a gente está mais contente porque você evolui pessoalmente dentro da profissão. Você aprendeu

a ser profissional ali trabalhando de fato, porque você só vai aprender essa profissão trabalhando. Mas por outro lado, existe muito descontentamento porque tem muitas questões. A gente percebe que muitas coisas poderiam ser mudadas para melhorar a educação, mas a gente tem uma sensação que existe um esforço para que não se mude. E de fato esse esforço parece que prevalece, porque a gente não vê um avanço geral nos nossos educandos como a gente almejava lá no começo. No começo a gente achava que o profissional que entra, ele tem a ideia de que ele vai causar alguma revolução. Eu acredito que eu causei algumas revoluções pessoais em muitas pessoas, muitos alunos. Eu sou lembrado por isso até hoje. Descontentamento, a gente tem muito descontentamento. Muita burocracia, pouca valorização, muita falta de condições de trabalho, você encara sempre um ambiente que ele parece ser hostil, você vê ele e o seu amigo às vezes adoecendo, esse tipo de coisa. Isso acontece muito na educação básica. É um fardo, como posso dizer, é um fardo pesado. Muito se fala do professor, que o professor é responsável, não condiz com as condições que a gente tem para trabalhar. O professor é responsável pelo futuro país que a gente vai ter. Mas eu acho que é mais um fardo.

Entrevistador: Para você, qual é a melhor coisa em ser professor?

P4: A melhor coisa ainda é você ter aquele compromisso ético de mudar a realidade das pessoas. Você consegue mudar a realidade de alguns alunos. Eles passam a valorizar a ciência, eles passam a entender essa linguagem que a ciência tem, principalmente da nossa área, da área de exatas, de química, de física. Isso é interessante, a gente precisa disso daí. Então você tem um compromisso com a geração futura, as gerações que vão vir aí. De certa maneira, você está causando uma mudança no seu país, no seu povo. Isso me dá uma satisfação enorme.

Entrevistador: A gente sabe que a rotina de um professor não é fácil, às vezes ele acorda às 5h30, às 6h da manhã, às 7h da escola. É que nem você falou, tem 16 turmas, 40 alunos em cada turma, aí sai e vai para casa, e continua o trabalho em casa, pega parte do seu tempo livre para fazer, e no dia seguinte a mesma coisa, a mesma rotina, mesmo cansaço, tudo. Mas assim, você continua indo todo dia na escola, você continua dando as suas aulas, tudo certinho. Por que você continua a sua rotina mesmo com todas essas dificuldades?

P4: Ah, é a minha profissão. É a minha profissão. Não vá alguém pensar que eu já não pensei em sair, vou ser bem hipócrita. Mas eu estou inserido aqui, eu tenho uma carreira, não é tão fácil você quebrar e sair dela para procurar outra coisa. A gente sabe disso, pelas condições do país, pelas condições da nossa região. É uma carreira e eu me tornei mais forte dentro dela. A gente não tem encontrado uma melhora nas condições de trabalho, mas de alguma maneira eu melhorei ali por conta própria. Você vai criando mecanismos ali para facilitar para você mesmo, e se houver a necessidade de suportar tudo isso daí, você compensa, você se recompensa com isso daí. Eu continuo porque é a minha profissão nesse momento. Mas assim, já pensei em sair.

Entrevistador: E vamos finalizar aqui, eu queria que você falasse três palavras-chave que para você descreve o que é ser professor.

P4: Ser professor é baseado naquilo que eu vivo. Se você for fazer essa pergunta para outros professores, você vai ter respostas diferentes. É uma visão de mundo, por isso que eu falo para você que existe a personalidade. Tem que ter muita resiliência, você vai encontrar muitas dificuldades, você vai se ajustar a essas dificuldades. Você vai se dobrar a muitas dessas dificuldades que no início você falava que não devia encarar isso dessa forma, mas com o tempo você vai se moldando dentro dessas dificuldades para se sobreviver. Então, resiliência. Estudar mais, estudar. Quem está na educação tem que continuar estudando. O estudo, então. E uma terceira, não perca ali o seu ímpeto de estudar, por exemplo, a química, desenvolver coisas gostosas que dá prazer, experimentos. A gente tem essa vantagem. Nós damos aulas numa disciplina experimental, que tem essa prerrogativa de ser experimental. Utilize isso, isso dá prazer, porque você ganha respeito entre as pessoas por estar fazendo algo diferente, as próprias metodologias ativas. Você pode se ajustar a algumas delas e ter muito sucesso. Isso dá prazer na sua prática pedagógica, embora não seja fácil.

P5:

Entrevistador: primeiro eu quero que você me fale quando você iniciou sua graduação e quando você se formou.

P5: Bom, eu iniciei minha graduação em 2008 e eu finalizei em 2014-2015, por conta do calendário da greve.

Entrevistador: E há quanto tempo você trabalha na educação básica?

P5: Profissionalmente, desde 2016.

Entrevistador: Eu queria que você me descrevesse um pouco sua semana. Contar, por exemplo, quantas aulas você ministra, quantas turmas você tem, fazer uma média de alunos por turma, pra eu ter uma ideia da sua semana.

P5: Eu leciono em duas escolas, uma escola particular, nessa escola particular eu tenho duas manhãs, são cinco turmas, na média vinte e cinco alunos em cada turma na escola particular. Eu leciono lá desde 2016, e desde 2018 eu ingressei no Funcionalismo Público, então eu sou efetiva do Estado, funcionária estadual, e aí eu leciono numa escola pública e esse ano, não foi sempre assim, mas esse ano eu tenho a carga completa, né? São quarenta horas semanais, eu tenho dez turmas de manhã e cinco turmas a tarde, eu leciono Química e Tecnologia. No Estado a média são quarenta e dois alunos por turma. Dez de manhã e cinco da tarde.

Entrevistador: O papel do professor, ele ocupa seu tempo livre?

P5: O professor tem tempo livre? A gente, na verdade, tem pouco tempo livre, porque eu tenho quarenta horas semanais em uma escola e depois outras horas, que eu sou orista na outra escola, então o tempo que eu não estou com o aluno, eu tenho uma parte do meu horário de vida que eu sou remunerada para preparar aulas e tenho a parte de especialização e tudo mais. Então assim, a todo momento a gente está estudando ou pensando em escola, ou corrigindo atividades, ou fazendo alguma outra coisa em função da escola. Então é questão de gerenciamento de tempo mesmo, pra gente ter o horário de não fazer nada, o horário de assistir série, o horário de estar trabalhando. Geralmente ocupa uma grande parte do meu tempo durante o dia a parte que eu não estou com alunos, mas a parte que eu estou trabalhando em função da escola. Ou é preparando aula, preparando material pra aula experimental, ou prova, ou depois corrigindo prova e preparando devolutiva pros alunos. Ocupa uma grande parte do meu dia.

Entrevistador: Eu vou terminar minha graduação agora e sem você saber que área que eu quero seguir, qual conselho você daria pra mim? Em que área eu devo seguir? O que eu devo fazer depois de terminar minha graduação?

P5: Você tá fazendo licenciatura, né?

Entrevistador: Uhum.

P5: Então você tem que ser professora. O mínimo que você deve saber é como lecionar, o mínimo. Então não adianta a gente seguir a carreira acadêmica na área da química dura, ou nas outras áreas que nós temos além do ensino de química. Se você tá formando como uma licenciada, você não sabe nem o que é ser professora. Então, já que essa é a sua graduação, você vai ser marcada por isso. Então já pensou? Uma licenciada que não sabe nem o que é lecionar, isso aí vai ser bem ruim, né? Então o mínimo que você tem que fazer é aprender sobre a docência, conhecer esse caminho, explorar esse caminho, quem sabe, e aí depois eu acredito que você possa trilhar um outro caminho dentro da química, não necessariamente no ensino de química. A sua base, o mínimo que você tem que saber fazer é dar aula. Dar aula não, não gosto desse termo, falo vender aula, que é um trabalho. Então, assim, independente se você tende a não lecionar, você precisa saber fazer isso, porque é a sua graduação, entende? Então eu acho que você deve conhecer, ler, ir pro campo de trabalho e saber fazer, mesmo que você não faça, pra você ter pelo menos essa base, porque é a sua formação inicial.

Entrevistador: No caso da sua profissão, de ser professor, atualmente você está descontente ou contente com a sua profissão?

P5: Com a minha profissão eu estou contente, com as condições com as quais eu trabalho eu estou descontente. Então eu gosto muito de ser professora, eu me dedico bastante. É uma área que eu tenho uma novidade todo santo dia, todo dia que eu entro na sala de aula é algo diferente, mesmo preparando aula, porque são pessoas que a gente lida todo dia, a gente passa semana juntos, mas cada dia é um dia diferente. E a gente tem muita liberdade pra preparar aula, pra explorar, pra você trazer aqueles jovens ali pra um objetivo comum que é aprender um pouquinho de química e não ser tão bocó no final do ensino médio, porque tem bastante gente que não tem a mínima noção do que é H_2O , então isso pelo menos é um negócio absurdo que eu não deixo acontecer. Então assim, eu gosto muito, muito de mencionar, sou muito feliz. Agora, pensar nas condições que eu tenho de trabalho, elas não são as melhores possíveis. Então às vezes falta material, às vezes falta um pouquinho mais de tempo, às vezes falta alguma outra coisa que a coordenação poderia suprir, ou algo de cima, a nível de estado que poderia suprir, então essas coisas que não

estão muito ao meu alcance, e eu não consigo dizer que por elas eu estou muito feliz. Mas eu não me arrependo, eu vou trabalhar feliz todo dia.

Entrevistador: No caso eu estou fazendo entrevista com licenciandos também, que estão agora no último ano, e muitos deles falam para mim que um dos maiores medos que eles têm são os alunos. Sala de aula e ter esse contato com os alunos, ser desrespeitado e etc. Nessa questão, você já enfrentou o desrespeito dos alunos, como é que é essa questão de relação professor-aluno, você vê como uma dificuldade?

P5: É, acredito que quando você termina cedo a graduação, você entra dentro da sala de aula, e você tem uma diferença de idade pouca com os alunos que você está mencionando, eu acho que isso pode trazer um certo desconforto, porque os alunos não te veem direito como um professor, pela aparência e pela similaridade de aula, e eles testam mesmo a todo momento e acham que podem te tratar como igual, então isso pode gerar um certo desconforto, porque a questão da autoridade, não autoritarismo, a autoridade pode ficar ali meio perdida no meio do camisa. No meu caso, como eu entrei na graduação depois, eu já tinha 24 anos, eu terminei depois de 7 anos, então a questão da idade já não foi um fator que me atrapalhou tanto, embora eu perceba isso em outras pessoas que trabalham comigo, então eu não tive problemas de desrespeito, acho que uma ou outra situação só de embate com o aluno. Acho que foi uma situação, eu não lembro o que foi, ele estava brincando com o Errorex, ele se sujou, alguma coisa assim, aí o aluno achou que eu não estava chamando atenção, sendo que ele não era culpado, mas não foi nada de desrespeito mesmo à minha pessoa, foi só um conflito dentro de sala, o aluno arregou a voz um pouquinho mais e a gente conseguiu controlar. Então, de certa maneira, eu não passei por muito perrengue, vamos dizer assim, eu não sei se é o público com que eu trabalho, eu trabalho na escola particular e a escola pública que eu trabalho é uma escola central, então a gente tem um perfil de estudante diferente, mas é algo que preocupa um pouquinho, mas a gente tem que se manter firme, a gente não pode achar que vai ser amigo de aluno, porque a gente não é amigo de aluno, isso é importante.

Entrevistador: Antes de você começar a lecionar, antes de você entrar na sala de aula, antes dos seus estágios, você tinha essa ideia de que ia ser desrespeitada ou você não tinha nenhuma expectativa em relação a isso?

P5: Não, não, não tive nenhuma ideia, eu sabia que eu poderia ter algum desconforto, algum enfrentamento se eu fosse atuar numa escola, por exemplo, que já tinha essa característica de ter problemas com alunos, de desrespeito, mas não é algo que me preocupou num primeiro momento, na verdade, acho que eu nunca pensei sobre isso, então desde antes de começar a atuar, antes dos estágios eu nunca pensei que fosse passar por isso ou que eu tivesse que me preocupar com essa situação.

Entrevistador: Indo nessa linha, antes de você começar a lecionar, qual você achou que ia ser a sua principal dificuldade ao entrar numa sala de aula?

P5: Eu acho que é a dificuldade que todo mundo tem e a gente tem que ter na cabeça que a gente não vai conseguir, que é garantir a aprendizagem de 100% dos alunos. Então a gente se esforça, a gente faz pesquisa, dá a volta, tenta trazer um material diferente, ou tenta explicar de uma forma diferente, mas a gente não consegue garantir que 100% dos seus alunos vão aprender, isso é fato, não é algo que a gente está fazendo errado, é algo que depende do outro querer aprender. Então o processo de ensino, que é a parte que eu faço, não necessariamente garante a aprendizagem, que é a contrapartida do aluno, então só funciona quando os dois estão alinhados. Isso era uma dificuldade que eu tinha até que eu comecei a entender isso, que eu não vou garantir 100% dos alunos. Então é algo que a gente precisa entender como funciona e superar, pelo menos tentar atingir ali uns 90%, que é 100% impossível.

Entrevistador: Em relação à expectativa salarial, você se decepcionou, você já esperava, já sabia o salário do professor?

P5: Olha, eu tinha uma média, uma base. Como eu entrei primeiro na escola particular, então eu já recebia um pouquinho acima da média das aulas do estado. E como eu trabalhava no escritório há um tempo e depois eu vivi como bolsista, então pra mim a expectativa foi super superada, porque eu vivia com 400 reais de bolsa PIBID, e aí depois eu fiquei um tempo dando aula particular, então sem renda, e assim que veio o convite pra trabalhar na escola particular, acho que era 18 reais a aula, bem acima da média do estado. Então pra mim foi algo bom. A escola que eu tô não é uma das melhores que paga o valor oral, mas é um valor bem bacana, ganho mais que um salário mínimo. Então eu fui surpreendida, mas esse é algo particular meu, de onde eu tava

trabalhando antes, de ter vivido com bolsa e depois estar ali registrada, receber todo mês certinho, com valor acima da média estadual. Então foi bom.

Entrevistador: Você acha que é justo o salário atual dos professores?

P5: Não, não porque a gente tem uma carga horária que a gente se dedica pra funcionar o trabalho com o aluno, que não é remunerado. Então a gente ganha, no estado, a gente ganha uma quantidade de aulas que a gente chama de ATPL, que são horas aulas que a gente não tem com o aluno remunerado, mas sempre o tanto de trabalho que a gente tem, até corrigir prova, até pra fazer o mínimo, não precisa me esforçar muito, até pra fazer o mínimo, sempre excede esse trabalho, essa carga horária aqui remunerada. Então eu sempre trabalho horas a mais pra fazer o mínimo, então não é justo. Agora se eu for fazer ali qualquer coisa, tá tudo bem, aí ok, porque vai ser um negócio bem ruim. Mas não é justo por conta disso, são muitas horas sem aluno que não são remuneradas, então se fosse um valor compatível, então ok, sempre pode melhorar, claro, a gente sempre espera que aumente, acompanhe a inflação, que tenha ali o reajuste, mas eu não tenho que reclamar muito não, é mais essa questão do tanto que a gente trabalha a mais pra fazer bem feito com o aluno, e a gente recebe um pouquinho de horas aulas sem aluno, e a maior parte de hora aulas com o aluno, então não é justo por conta disso, desse extra.

Entrevistador: Você falou que você trabalha na Rede Pública desde 2018, e você tá no antigo plano de carreira.

P5: Sim, estou.

Entrevistador: Quanto ao plano de carreira, você sabe que tem um novo plano de carreira que foi sancionado em março desse ano, certo? Como você ficou sabendo desse novo plano de carreira? Através de notícias?

P5: Pela circular interno a gente recebe os e-mails da Intranet, então a gente é informado pela SEDUC, a gente é informado também pelo Centro de Mídias, que é uma plataforma que a gente utilizou, foi bem utilizada durante as aulas remotas, mas que a gente não tem nenhum vínculo, então sempre tem os informativos, e também pela coordenação da escola, tem a circular via diretoria de ensino, nos ATPCs a gente fica sabendo dos desenformos, atualização, curso, então foi dentro da própria unidade escolar mesmo que eu fiquei sabendo.

Entrevistador: E você sabe do que se trata esse novo plano de carreira? Ou assim, você sabe do que ele se trata porque você foi atrás? Ou você teve por exemplo alguma ATPC?

P5: Na verdade a gente teve orientação sobre o que é, quais os prazos para a gente seguir em relação a aderir ou não, e aí quem tinha interesse em aderir, foi um pouquinho mais além, foi atrás para saber, eu não tinha interesse em aderir, então eu não fui ler muito sobre. Apesar de eu estar no início da carreira, alguns professores comentaram que pra mim ia ser interessante, mas eu preferi me manter onde eu ingressei, não quis migrar, então eu não fui ler mais com detalhes sobre, porque pra mim não achei interessante.

Entrevistador: Quando você ingressou na educação básica, o que te motivou a ingressar na educação básica, pelo que eu estou entendendo, é porque você gosta de lecionar, certo? Você gosta de ser professora. Essa motivação continua até hoje?

P5: Sim, senão eu já teria saído.

Entrevistador: E no caso dessa motivação, você acha que assim, é mais porque você gosta, ou é mais por questão salarial? Seria o amor, a profissão, ou tem outras coisas envolvidas?

P5: É porque eu gosto do campo que eu trabalho, eu gosto de química, não sou expert em química, mas eu gosto muito de química, e na escola eu tenho a oportunidade de falar de química o dia inteiro, para as pessoas, e ganhar por isso. Então, não tem outra vantagem, falar do que você gosta para as outras pessoas, e você ser remunerado por isso. Eu gosto da profissão ser professora, pela liberdade que a gente tem, dentro da sala de aula, pelas recompensas que a gente tem, a longo prazo de encontrar um aluno, ver que ele não virou um bandido da vida, ou se virou um bandido que se deu bem, sei lá. Porque a gente tem alguns alunos, mas é algo que me traz uma liberdade para trabalhar, para falar do que eu gosto muito grande. Eu recebo por isso, poderia receber mais? Sim, mas eu gosto do que eu faço, e eu acho que se eu não gostasse mais, eu já teria mudado, eu não ia ser uma pessoa que ia ficar na educação reclamando o tempo inteiro. Eu sou uma boa professora, eu tenho orgulho disso, eu sei disso, então eu gosto de mostrar que eu gosto de

química, e que eu tento levar o melhor para os meus alunos. Então, eu acho que eu gosto.

Entrevistador: E quando você estava na graduação, algum professor já chegou a te desmotivar? Falar assim para você, não seja professora, não compensa? Alguém já chegou a falar isso para você?

P5: Não, não chegou a falar que não compensa. Chegaram a falar que a educação não é valorizada, que você pode seguir a área da química dura. Mas não chegou a falar mal, assim, não vai ser professora, não teve essa frase direta. Mas chegaram a falar para eu procurar a carreira acadêmica, o que não faz muito sentido, porque depois eu tenho que ser professora universitária, então a carreira docente não ia ter como eu fugir dela.

Entrevistador: Essa última aqui eu tenho certeza que você incentiva o pessoal a seguir na carreira docente, né? E dar aulas na educação básica. Mas assim, para você, eu quero que você fale para mim três palavras-chave que descrevem o que é ser professor.

P5: Dedicção, paciência e estudo.

P6:

Entrevistador: Gostaria que você falasse para mim quando você iniciou sua graduação e quando você se formou.

P6: Eu iniciei a graduação em 2015, no comecinho do ano, e me formei no final de 2021, lá em agosto, setembro de 2021.

Entrevistador: E há quanto tempo você trabalha na educação básica?

P6: Eu tive muita sorte porque eu comecei a trabalhar logo no meu primeiro ano de graduação eu já fui chamado para ir substituindo algumas aulas. Então, praticamente eu tenho uns sete anos assim na sala de aula. No começo eu ia substituindo e agora já tenho faz uns três, quatro anos de turma fixa já.

Entrevistador: Eu queria que você me descrevesse um pouquinho a sua semana, contasse para mim assim quantas aulas você tem, quantas salas você tem, uma média de alunos, mais ou menos.

P6: Eu tenho em média todas as aulas da escola de manhã, período matutino. Eu entro às sete, saio meio dia e vinte e como o novo ensino médio começou esse ano, a gente tem dois dias que eu dou aula à tarde, terça e quarta à tarde,

das duas até às cinco. Agora é aulas particulares que tem tudo e também eu tenho em média de umas 14 turmas, uns 250 alunos na média.

Entrevistador: E você trabalha em uma escola só ou duas?

P6: Uma, uma só.

Entrevistador: E ela é pública ou particular?

P6: Particular.

Entrevistador: Você já teve aula no ensino público?

P6: Não, aula assim, de eu ministrando não.

Entrevistador: Você tem vontade?

P6: Tenho, muito.

Entrevistador: O papel de professor, ele ocupa seu tempo livre?

P6: Olha, eu tento separar bem meu tempo livre, meu tempo de, como professor, mas geralmente quando tá no final de bimestre, no final do ano, aí a correria aperta, aí eu acabo pegando final de semana para fazer diário e tudo, mas eu tento me ocupar durante a semana inteira para não deixar ocupar meu tempo de lazer com a família e tudo.

Entrevistador: Você acha que o estágio contribuiu de alguma forma para você ser professor?

P6: Sim, eu acredito que você olhando outros professores atuando, você consegue ter, você vai formando sua identidade com o professor, o que um professor faz, o que é legal, o que não é, e eu acho que isso ajuda bastante, porque você acompanha sem ter aquele compromisso fixo de ser uma aula e você já vai aprendendo o jeito, a personalidade de cada professor, o jeito da aula também.

Entrevistador: E você falou que você tem vontade de trabalhar na educação básica pública, né? Não sei se você sabe que tem um novo plano de carreira dos professores

P6: Então, eu não sei, por incrível que pareça, eu estava por fora disso.

Entrevistador: E quando você estava na sua graduação, você sabia qual era o salário de um professor, plano de carreira, essas coisas?

P6: Não.

Entrevistador: Você acha que é importante colocar essas coisas na graduação?

P6: Com toda certeza, porque eu acredito que a graduação, às vezes, acaba dando uma expectativa de uma coisa e na realidade é outra, entendeu? Eu acho que a graduação podia preparar a gente mais para a realidade. Por exemplo, uma coisa que eu senti muita falta, eu acho que poderia ter uma disciplina para realmente ensinar como fazer o diário, como que é o diário, essa parte burocrática, que é a parte que os professores mais sofrem. Eu acho que podia dar uma pincelada antes nessa parte mais de burocracia, de diário, falta, como preencher, como que é mais ou menos, dar uma ideia mesmo.

Entrevistador: Eu estou fazendo entrevista com outros licenciados também, né? Em relação às expectativas que eles têm que iniciar na carreira docente, muitos deles falam sobre o medo de entrar numa sala de aula por causa dos alunos. Eles têm medo de serem desrespeitados. Você já passou por alguma situação em que você foi desrespeitado? Você acha que esse medo deles tem fundamento?

P6: Olha, vou ser bem sincero, tá sendo uma geração que, como eu dou aula de sete anos, eu percebo que, ao passar dos anos, vai ficando muito complicado. Mas eu, eu pessoalmente, acredito que seja um desafio, porque eu gosto de desafio. Então, quanto mais complicada eles são, mais eu fico motivado para tentar... Não, eu consigo salvar esse aluno, eu consigo pegar esse aluno que é sem educação, mostrar para ele que na química ou, não sei lá, em algum conteúdo ele consegue ser bom, entendeu? Porque muitas vezes é uma desmotivação na casa. Aqui a gente tem vários casos em que o aluno, às vezes, uma carência, não tem tudo e a gente acaba olhando só o aluno, não vê toda o que tá por trás dele, que às vezes é onde o problema está. Então, eu acho que a gente, assim, tem vários casos que eu já passei por desrespeito, tudo, mas por estar numa escola privada, a gente tem muito suporte da coordenação e da direção. Então, eles sempre fazem essa ponte entre o professor e os pais. E eles dão muito apoio. Eu falo que eu sou muito privilegiado, porque essa escola, não sei de mais nada, apoia o primeiro professor, dá muito suporte.

Entrevistador: Quando você começou a lecionar, você já sabia o seu salário, quanto você ia ganhar?

P6: Não, não tinha ideia.

Entrevistador: E você tinha uma expectativa em relação ao salário? Quanto você queria e gostaria de receber? Por exemplo, elas foram correspondidas?

P6: Olha, vou ser bem sincero, hoje, com as aulas que eu tenho, eu acredito que esteja dentro da expectativa que eu imaginava quando eu comecei, porque hoje eu tenho bastante aula, tudo, porém, no começo, era pouquíssimas e realmente deu um baque, deu um choque de realidade, do que eu esperava, foi realmente.

Entrevistador: E você acha que, atualmente, o salário de professor é justo para a profissão?

P6: Não, com toda certeza não.

Entrevistador: Por que?

P6 Porque é muito, a importância do professor é extrema na sociedade. Eu acho que muitas outras profissões são valorizadas e a gente acaba sendo esquecido. Como, por exemplo, um jogador de futebol, ou alguma coisa assim, um esporte, muitos esportes também são desvalorizados, mas o professor em si, ele é um papel fundamental para a sociedade. Eu acho que ele deveria ser valorizado e também é uma parte assim, se ele é bem remunerado, consequentemente, ele vai se sentir melhor dando aula, mas não que o salário de professor seja justamente o foco, com toda certeza.

Entrevistador: E, atualmente, assim, você está contente ou descontente com a sua profissão?

P6: Contente. Eu sou muito feliz fazendo o que, eu amo da aula, eu falo que me realizei realmente.

Entrevistador: Você diria que essa é a sua motivação para seguir na carreira, de continuar dando aula? Qual a sua principal motivação de acordar cedo, ir para a escola, ter não sei quantos alunos?

P6: Com toda certeza. Muitas vezes a aula, os alunos, a reação acaba contribuindo para eu me sentir melhor. Olha, realmente é assim, se um aluno, eu percebo a mudança nele, isso me motiva a continuar, em sempre acreditar. Porque eles falam, nossa, professor, eu não sabia disso, nossa, que legal. Ai eles acabam trazendo coisas do cotidiano deles, eu falo, nossa, eu estava vendo resultado. Eles estão vendo só a química aqui na sala de aula, eles estão vendo isso lá na vida deles, no cotidiano. E pais veem, nossa, ele veio

falando desse conteúdo, ele está muito feliz, tudo. Então isso que me motiva. Veio a mudança, pelo menos em mim, me motiva a continuar.

Entrevistador: Eu estou encerrando minha graduação e eu gostaria que você me desse um conselho de quais os próximos passos que eu devo tomar. O que você acha que eu devo fazer depois que sair da graduação?

P6: Olha, eu acredito, eu, como eu precisava trabalhar, então eu já fui direto para a área de trabalho. Eu acredito que se você tiver disponibilidade e condição de fazer um mestrado, um doutorado, passar num concurso, um público, um instituto federal, um SESI, uma faculdade para dar aula, eu acredito que isso seja um caminho assim, mais longo, mas que vai ser mais valorizado do que já entrar direto. Porém, por outro lado, eu acredito que a experiência da sala de aula não tem como um professor tentar ensinar lá na faculdade. É uma experiência que você vai adquirir no convívio. Eu acho que seria interessante você ter essa experiência e se tiver a possibilidade continuar no mestrado, no doutorado, seguir um plano mesmo assim, acadêmico.

Entrevistador: Quando você estava na graduação, assim, para ser professor, alguém já te chegou a falar para você, não seja professor, não compensa, alguma coisa do tipo?

P6: Muito.

Entrevistador: Por que você acha que falavam isso para você?

P6: Por exemplo, meu irmão, ele é formado em química também, mas ele é da parte bacharel. Então, ele tá em uma indústria, tudo, e o salário dele é comparado com o de um professor inicial, é muito diferente. E até dentro da família eles acabam... Por que você não tem que ir para uma indústria? Dar aula é muito cansativo, você tem muita prova, você tem que corrigir tudo, essa semana é uma loucura, tal. Eu acho que seja mais essa parte, assim, até dentro de casa. Na faculdade em si eu nunca me senti desmotivado em continuar.

Entrevistador: E nesse caso, assim, você, você incentiva os licenciandos a seguir a carreira docente, ser professor, dar aula?

P6: Eu falo que assim, tem que amar. Se você realmente gosta de ver a mudança toda, então eu acho que realmente vale a pena você encarar essa vida acadêmica, essa vida de professor

Entrevistador: Para encerrar, eu queria que você falasse para mim três palavras que para você descreve o que é ser um professor.

P6: Três palavras? As três palavras para mim seriam... Deixa eu pensar... Resiliência, o professor saber ser flexível de acordo com a situação, tudo. Determinação. E eu acho que a última palavra para tudo é o amor. Tem que ter o amor ali pela profissão.

P7:

Entrevistador: Primeiro eu queria que você me falasse quando você iniciou sua graduação e quando você se formou.

P7: Eu iniciei minha graduação em 97 e me formei no ano de 2000.

Entrevistador: E a quanto tempo você trabalha na educação básica?

P7: Na educação básica eu trabalho desde o ano 2000. Durante um tempo eu trabalhei tanto na indústria quanto na educação básica. Comecei na escola particular, mas na escola pública em 2003, 2004. São 22 anos.

Entrevistador: Eu queria que você me descrevesse um pouquinho como é que foi a sua semana, você lembra? Quantas turmas você tinha? Uma média de quantos alunos, mais ou menos quantas aulas você lembra?

P7: Eu tinha em média... O último ano eu tinha 32 aulas, eu trabalhava em duas escolas. Eu tinha 16 turmas. Uns 30 alunos por turma. Você pode colocar uma média.

Entrevistador: E as duas escolas que você trabalhava, era público, era uma particular, uma pública?

P7: As duas públicas.

Entrevistador: A opção de você trabalhar em duas escolas, foi por uma questão salarial?

P7: É que assim, eu sou efetiva no Estado. Então, eu sempre optei em trabalhar com a carga horária, que é a que a escola tinha 24 horas. Aí eu resolvi estender minha carga por questão salarial mesmo. Depois que eu terminei o mestrado, eu expandi minha carga pra 32 aulas. Como não tinha 32 aulas na escola, que eu sou efetiva, eu completei minha jornada numa outra escola daí.

Entrevistador: Você diria, o papel do professor, ele ocupa seu tempo livre? De que forma ele ocupa seu tempo livre?

P7: Ocupa. Ah, no preparo das atividades, na correção das atividades, ocupa bastante o tempo livre. Principalmente para o preparo e para a correção das atividades.

Entrevistador: Hoje em dia, fala que, por exemplo, no sistema das horas, já tem umas horas específicas que você tem que estar em casa pra fazer esse trabalho, né? Essas horas não são suficientes pra você fazer o trabalho que precisa pra dar aula?

P7: São, em média, 14 horas aulas. 14 horários, agora vamos supor de 45 minutos. Não é o suficiente. Pra 16 turmas, não é o suficiente. Mas é, principalmente nos períodos de avaliação, na correção das atividades, não é o suficiente, não.

Entrevistador: Qual você diria que são as principais dificuldades de seguir na carreira docente trabalhando na educação básica?

P7: Em primeiro lugar, a valorização profissional. Eu, por exemplo, tenho mestrado, já tô fazendo doutorado, mas valorização salarial em cima disso eu não tenho nenhuma, praticamente nada. O fato de a gente ter 32 aulas semanais, e ainda, no meu caso, aquela época, eram duas escolas em duas cidades diferentes, diferentes da cidade em que eu morava. Então, você tem um deslocamento que desgasta, cansa muito, e isso acaba comprometendo essas aulas livres que a gente tem aí. A falta de material dificulta bastante, e a falta de material que eu digo é assim, se precisar usar um laboratório, tudo que precisava do laboratório em termos de material pra fazer as análises, vinha do meu bolso. Vou ser bem sincera. Material pra imprimir também, quando eu dava aula, vinha do meu bolso. Agora as escolas estão com, todas as escolas estão com copiadores, isso já não é tão grave. E essa desvalorização mesmo da própria sociedade em relação à nossa profissão, isso dificulta muito. No mais, eu procuro ver oportunidades mesmo com os obstáculos, entendeu? Ainda assim eu não escolheria uma outra profissão.

Entrevistador: Se fosse pra falar que você tá descontente ou contente com a sua profissão atualmente, você falaria que você tá...

P7: Não, eu estou descontente em termos salariais e de valorização profissional, mas em termos de profissão, de escolha de profissão, eu não faria outra coisa.

Entrevistador: Hoje em dia a gente escuta bastante desmotivação, desafios de ser professora, etc. Quando você faz uma pesquisa rápida. Você acha que essas palavras traduzem o momento atual da carreira docente?

P7: Desmotivação, sim. Os professores andam muito... Naquele momento, assim, se eu fizer bem ou mal, vai dar do mesmo tamanho. Então a desmotivação é muito grande, principalmente porque não existe uma valorização, por exemplo, se o professor quiser continuar aquela aula linha básica e tudo, ele não tem diferenciação daquele professor que promove projetos, ele não tem. Nem salarial e nem na própria escola mesmo ele tem essa valorização.

Entrevistador: E no caso, você acha que isso é por causa da pandemia ou só pela questão salarial mesmo?

P7: Olha, a pandemia deixou a gente exausto da nossa profissão, mas a questão salarial também é um reflexo. A questão salarial e o fato de não ter profissionais qualificados. Quando eu falo qualificados, assim, hoje em dia as licenciaturas são basicamente dessas universidades particulares, pequenas, que não têm uma história dentro da formação de professores. E isso acaba trazendo para nós profissionais com baixa qualidade de formação mesmo, baixa qualidade de formação. E isso prejudica bastante. O fato também de não ter concursos, são professores contratados. Então professores com pouca experiência, quase 75% dos professores são professores contratados. Entre eles você tem aqueles que têm bastante experiência, aqueles que não têm nenhuma experiência e isso prejudica um pouco, eu acho.

Entrevistador: Falando agora dessa questão dos professores contratados, teve um novo plano de carreira que foi assinado em março. Como é que você ficou sabendo desse plano?

P7: Nós, os professores, fomos orientados largamente pelo centro de mídias, pelas diretorias de ensino. Fizemos até uma escuta na rede sobre, não sobre o plano de carreira em si, mas como faria caminhar a progressão nesse plano de carreira de uma forma assim bem superficial, mas foi feito. Então, é divulgado pela própria Secretaria de Educação, o plano de carreira foi altamente divulgado para nós.

Entrevistador: O que você sabe foi por causa dessas divulgações ou porque você foi atrás e pesquisou?

P7: Não, a gente sabe por conta dessas divulgações. E a gente recebeu a resolução na íntegra, para a gente ler e estudar. Eu já fiz isso, já fiz isso para mim, já fiz isso para auxiliar os outros professores, só que como 75% dos professores são contratados, eles já foram automaticamente. Passaram para a nova lei, não é nem para a nova carreira, porque a nova carreira é só para o professor concursado. O professor contratado, ele vai usufruir do piso salarial da nova carreira e só. Não vai ter progressão, nada disso.

Entrevistador: E assim, tem dois anos para os professores que já estão no antigo plano de carreira aderir a esse novo plano. Se fosse hoje, para você decidir se você quer ou não entrar nesse novo plano, você entra ou você continua no antigo plano de carreira?

P7: Olha, eu tenho, meu cargo, ele é dividido em dois. Eu trabalhei até de 2003 até 2011 e depois eu saí do estado, prestei concurso e entrei novamente em 2014. Então esse meu cargo novo, ele é mais novo, tem menos tempo. Eu estou pensando seriamente, dependendo do governo que for eleito, em aderir ao plano porque eu estou perdendo dinheiro por conta disso. Meus planos não é continuar dependendo do governo que assumir, meus planos é prestar concurso em outro estado que valorize o doutorado e mestrado. Mas eu não teria tantas perdas por quinquênio, essas coisas, porque esse meu cargo é bem mais novo. Então eu estou pensando seriamente em aderir, não porque eu acredito que ele é bom, não. É porque no financeiro mesmo eu acabo perdendo dinheiro.

Entrevistador: Você acha que seria interessante na graduação ou ter uma disciplina ou uma parte de uma disciplina que tenha, por exemplo, esses quesitos mais técnicos? Por exemplo, plano de carreira, novo plano de carreira, diferenças dos antigos, piso salarial, estado tal, estado tal. Você acha que seria interessante colocar essas informações na graduação?

P7: Eu acho que é de extrema importância, acho que precisa. O professor precisa, dentro da formação dele, conhecer a carreira do centro dele, todos os direitos, os deveres, entender melhor essa legislação. Porque quando a gente, agora que eu estou trabalhando na gestão, eu tenho contato assim, tudo é feito por resolução e eu vejo a dificuldade que os professores têm de fazer qualquer entendimento dentro de resolução de calendário, de resolução de notas, de

como fechar o semestre. Isso tem muita dificuldade de interpretação, acho que deveria com certeza fazer parte.

Entrevistador: E você acha que seria um incentivo para os alunos da licenciatura seguirem a carreira?

P7: Sim, eu acho que quanto mais a gente conhece da nossa carreira, maior a possibilidade que a gente tem de escolha, e de uma escolha consciente. Uma escolha consciente, eu acho que seria importante sim.

Entrevistador: E falando da questão dos alunos, eu estou fazendo entrevista com os licenciandos também, e muitos deles falam que um dos maiores medos que eles têm é a relação aluno-professor, deles serem desrespeitados em sala de aula, de ter atrito com os alunos. Você acha que essa dificuldade, ela tem sentido, esse medo deles de entrar numa sala de aula?

P7: Olha, na verdade, essa relação professor-aluno, ela é uma conquista pessoal, cada um tem a sua forma, tem uns que são mais brincalhões, outros mais sérios, mas acima de tudo, se ela for estabelecida com respeito, respeito mútuo, você respeitar o aluno, ouvir o aluno, a tendência é o aluno imitar o seu comportamento com ele, essa é a tendência. Sempre quando vou conversar com aluno, por mais irritada que eu esteja, eu procuro usar o máximo possível cuidado com as palavras, o jeito que fala, tento me colocar no lugar dele, para que ele possa me ouvir de verdade. Mas esse é um medo que não é necessário, um aluno não vai gratuitamente, é difícil te agredir ou ser agressivo com você, é muito difícil. Então, quando eu falo com aluno, eu falo com aluno que tem a sua forma de entrar na sala de aula, no período da noite, alunos de liberdade assistida, o aluno normalmente espera para ver como você vai tratar ele, e ele te trata igualzinho que você trata ele. A outra coisa é indisciplina, aquela conversa em excesso, dependendo da forma como você chama a atenção, você vai ter aqueles alunos que vão ter medo de você, só que também são alunos que se duvidar você virou as costas, ele acaba com a sua reputação. Tem aqueles alunos que vão ter respeito por você, por mais que ele queira conversar, se chegar de boa conversar com ele, ele vai falar, putz, pisei na bola com a professora. São raros os alunos que são assim agressivos, são raros, em todos os períodos que eu já dei de aula, a não ser o aluno que tivesse drogado, alguma coisa assim, mas são raros.

Entrevistador: Você chegou a ser desrespeitada?

P7: Já, já fui desrespeitada em termos de um aluno falar mais alto, mas assim, se você me perguntar assim como foi o episódio, eu não vou conseguir me lembrar.

Entrevistador: E em questão de, mesmo com todas essas coisas, você falou que você não te deixou abalar, você tinha 16 turmas, 30 alunos cada turma, acordar cedo de manhã, o tempo livre sendo ocupado, toda essa desvalorização, tudo isso. Mas você não larga a carreira. Qual é a motivação de você não largar a carreira e continuar mesmo com todas essas dificuldades?

P7: A motivação é que em alguns momentos eu percebo que eu posso ajudar a transformar a vida de um adolescente. Eu tenho vários exemplos felizes na minha carreira, onde uma boa orientação, um incentivo, principalmente quando a gente estava com o projeto do Pibic Junior, os alunos se mostraram assim, me surpreenderam na capacidade de aprendizagem. E aí, com o papel de professor, você vai dar aquele incentivo pra buscar uma carreira, você vê o desenvolvimento daquela pessoa. Eu tive alunos assim, da educação especial, por exemplo, que mal conversavam, e aí você vai fazendo um trabalho com eles, incluindo esses alunos, que eles afloram. A gente pega eles no primeiro, você vê no terceiro ano, eles são outras pessoas. É óbvio que o trabalho não é um trabalho individual, é um trabalho de um grupo de professores. Mas isso é o que me faz continuar, fazer parte de um grupo de pessoas que pode mudar a vida de um adolescente. Isso é uma coisa que me motiva.

Entrevistador: E assim, você incentiva os alunos da licenciatura a seguir na carreira docente, dá-los a educação básica?

P7: Incentivo, bastante.

Entrevistador: Você já chegou, por exemplo, a ouvir de alguém, não seja professora, não compensa, vai fazer um mestrado, vai fazer um doutorado?

P7: Assim, a gente já ouviu. Até mesmo nós. Eu e meu marido, quando a gente começou a pensar em fazer mestrado, doutorado, todo mundo, vários professores falavam, não, vai procurar outra coisa, porque não compensa. Eu comecei um mestrado na área da química dura mesmo e larguei o mestrado, porque eu odiava. Mas o incentivo é sempre fora da área da educação, de todas as partes.

Entrevistador: E por que você acha que o incentivo é fora da área da educação?

P7: Pela própria desvalorização profissional, que é uma coisa que acontece, e pela estrutura das licenciaturas, né, nas áreas de exatos, que elas são muito arraigadas ao bacharelado mesmo. Então aparece um bacharelado com algumas disciplinas, você não tem aplicação do conteúdo que você vai fazer a transposição didática, como que você vai pegar aquele conteúdo que você precisa aprender ele na íntegra, ele bem formalizado ali na área dura, mas e depois, como é que você vai transformar isso num conhecimento mais palpável para o aluno? Isso não tem, e você acaba ficando só naquele conhecimento científico mais puro, mais teórico e prático ali da vivência da universidade, que é fora da realidade da... Acho que ela é até mal pensada, vamos dizer assim, a licenciatura. Ela prepara o químico, ela prepara um químico, ela não prepara um professor de química na sua grande maioria. E eu digo isso nas disciplinas específicas, parece que fica a cargo do professor da disciplina pedagógica formar o professor, só que no meu ponto de vista todo mundo deveria formar o professor, a gente faz parte de um... Todos nós somos formadores de professores. E é uma repetição daquilo que ele vivenciou como aluno, daí ele repete aquilo como professor, aí o próximo pega e faz, repete, e assim vai. A academia não evolui. Principalmente quando se fala de licenciaturas químicas, física, matemática.

Entrevistador: Para a gente encerrar, eu queria que você falasse para mim três palavras-chave para você descrever o que é ser professor.

P7: Desafio, responsabilidade e crescimento.

P8:

Entrevistador: Primeiro eu quero que você me diga quando você iniciou sua graduação e quando você se formou.

P8: Eu comecei a minha graduação em abril de 2015 e eu finalizei ela em março desse ano.

Entrevistador: Então não faz muito tempo que você tá dando aula?

P8: Faz um ano. Eu comecei estudante na verdade. Então eu comecei em abril. Um ano e seis meses que eu tô na rede.

Entrevistador: E você sempre queria ser professor?

P8: Não.

Entrevistador: Você queria um mestrado, doutorado? Qual que era a sua ideia?

P8: Antes eu queria ir pra parte de perícia, mas aí dentro dos projetos que a UNESP tem, de PIBIT, PIBIC e afins, eu acabei gostando da parte de educação. E aí eu me inseri aí na rede.

Entrevistador: Eu queria que você descrevesse pra mim a sua semana. Me dizer quantas aulas você tem, quantas turmas você tem, fazer uma média de alunos.

P8: Bom, é que varia muito escola pra escola. A escola que eu tô trabalhando atualmente, é uma escola de período integral. Então, ela exige da gente dedicação exclusiva. Então eu só trabalho nela. São sete turmas. O ensino fundamental dois. O 6º, 7º, 8º e 9º. E o ensino médio, uma turma de cada. Eu dou aula do 7º ao 3º ano do ensino médio. Devido a ser uma escola pequena, a gente tem que acabar pegando aula em todas as turmas. Eu tenho 28 aulas, sendo elas ciências, biologia e dos itinerários formativos.

Entrevistador: E com a média de alunos?

P8: Então, a sala mais cheia é de 37 alunos, que é o 8º ano. O 9º tem 32 e as outras turmas, em média de 20 alunos. É uma escola bem pequena.

Entrevistador: O papel do professor ocupa o seu tempo livre?

P8: Ocupa, né? Por eu estar começando. Assim, um professor com mais experiência já tem os materiais, já tem tudo elaborado. Eu estou ingressando e estou com disciplinas que não é da minha formação, que é o caso da biologia. Eu tenho que estar buscando mais materiais e me apropriando de alguns conhecimentos. Então, embora eu trabalhe das 7 às 4, eu ainda acabo trazendo um pouquinho de serviço para o período noturno.

Entrevistador: E tempo de final de semana também, você acaba usando ou não?

P8: Às vezes também. Para montar alguma aula, imprimir alguma coisa. Aí eu fico articulando esse tempo livre entre coisas da escola e o mestrado também.

Entrevistador: E assim, para você, quais são as principais dificuldades de seguir na carreira docente?

P8: Trabalhando na educação básica, eu acho que o incentivo para que a gente permaneça, às vezes o investimento de estrutura é o incentivo para que a gente continue estudando, porque dentro desse regime de escola integral, a

gente não pode fazer o mestrado durante um dia. Então, a gente tem que acabar se articulando com outros programas. E também, que não é o meu caso, mas a questão de salas muito cheias, essa parte de infraestrutura que deixa a desejar. Quando eu estava em outras escolas, eu sentia isso. Aí quando eu fui para essa, eu já senti menos.

Entrevistador: Não era o seu desejo inicial seguir na educação básica, certo? Mas você está gostando de dar aula?

P8: Sim.

Entrevistador: Você se encontrou, por exemplo?

P8: Eu me encontro, momentaneamente, eu acho que gosto de fazer o que eu faço, mas não é onde eu quero permanecer sempre. Não é onde eu quero finalizar minha vida profissional. Acho que tem outras áreas dentro da educação que eu gostaria de explorar. Sala de aula é um lugar encantador. Acho que você encontra muitas coisas bonitas dentro da sala de aula e também desafiadoras. Mas eu acredito que tem outras áreas da educação que eu gostaria de experimentar, como a própria gestão, a parte de currículo, que eu gosto bastante, que é o que eu faço de mestrado, e assim por diante.

Entrevistador: Então, se fosse para falar se você está contente ou descontente com a sua profissão, como é que você está? Contente ou descontente?

P8: Eu estou contente. Para onde eu estou, desde o início, acho que é uma profissão muito bonita. Eu gosto bastante do que eu faço. É até diferente quando eu troco ideia com outros professores de falar que eu vou trabalhar tranquilamente para o lugar que eu vou, sem estresse nenhum, sem aquele rancor de acordar. "Nossa, vou trabalhar". Não, vou trabalhar até que de boa.

Entrevistador: Eu estou encerrando a minha graduação agora. Qual o conselho que você daria para mim, sem saber se eu vou ou não seguir para qual área? Que conselho você daria para mim?

P8: Eu acho que se você tiver condição de ir pegar uma sala de aula durante um ano, que seja para ver como é, porque a gente tem muito preconceito da sala de aula, principalmente a pública, ouvindo aí relatos de pessoas terceiras. Mas quando a gente vivencia na prática, a gente tem um olhar bem diferente do que realmente é. A gente sempre ouve que a educação pública é difícil e que tem muitos casos de violência e não sei o quê. Só que eu fui parar numa escola pública maravilhosa e que os alunos são muito bons. Tudo bem que é

um pontinho fora da curva, uma escola rural, mas é uma escola pública que me dá vontade de trabalhar. Então, se a gente não vê com os nossos próprios olhos, a gente fica sujeito a esse preconceito existente.

Entrevistador: E você tinha esse preconceito antes de iniciar a lecionar?

P8: Sim, eu tinha até receio de ir à aula em escola pública, que todo mundo fala das escolas, que é difícil isso. Mas quando eu pisei meu pé numa escola pública como professor, aí eu vi que tinha outras questões envolvidas, que também é muito do nosso olhar, que a escola pode não ter a mesma estrutura que a gente quer, mas o que faz o diferencial é a forma com que eu trabalho. E eu acredito que eu venci isso quando eu mudei o meu olhar, quando eu entrei na escola pública de verdade.

Entrevistador: Eu também estou fazendo entrevista com licenciandos, estão terminando a graduação agora. E muitos deles me falam que eles têm muito medo dos alunos, de serem respeitados pelos alunos. Eles têm esse receio. E você acha que essa dificuldade que eles têm é infundada? Ou que nem você falou, talvez em outras escolas eles encontrem isso?

P8: Pode ser que eles encontrem isso em outras escolas, porque o ser humano é um sujeito e cada público é um público. Eu já fiz estágio prudente também, que eu realmente tinha medo de algumas salas de aula que eu ia, e tinha algumas salas de aula que eu já ia mais tranquilamente, então depende muito das turmas. São heterogêneas, são pessoas totalmente diferentes, mas não é totalmente infundado, não.

Entrevistador: Muito se fala hoje em dia sobre a desmotivação, desafios da carreira de ser professor, né? Você acha que essas palavras traduzem a essência do momento atual de ser professor?

P8: Essa é difícil, hein? Eu acho que não totalmente. Eu acho que essa perda de direitos que a nova carreira teve, que acabou acarretando umas perdas significativas pra nós, eu acho que acaba desmotivando sim. Mas tem outras motivações que a gente tem encontrado, até mesmo o próprio salário inicial, que mudou de água pro vinho em menos de um ano. Eu tive um salto salarial, então tem também pequenas motivações também, as questões que têm sido inseridas dentro da escola, os projetinhos que estão chegando, e eu faço parte de um programa que eu gosto muito, que é a Escola Integral. Eu acho que vale

muito a pena trabalhar nessa escola e eu vejo que dá certo. A minha motivação é trabalhar num lugar que eu vejo que dá certo.

Entrevistador: Você falou do salário, da questão salarial. Quando você começou a trabalhar, você sabia o salário de um professor? Ou você entrou sem ideia?

P8: Eu tinha uma noção, porque eu sou filho de professor, então eu já tinha mais ou menos uma noção. E na época não era esse salário que a gente está ganhando agora, era menor, era 33% a menos. E aí teve essas políticas públicas e acabou que aumentou o nosso salário.

Entrevistador: Mas correspondeu às suas expectativas? Você esperava receber aquilo ali ou não?

P8: Eu acho que correspondeu às minhas expectativas, porque eu não esperava que ia chegar ao patamar que chegou agora, mas eu acredito que a gente ainda podia ser melhor valorizado. Não só em questão financeira, mas a questão burocrática do serviço, que igual da folha de pagamento nossa é descontado muito dinheiro.

Entrevistador: Você acha que a profissão de professor não é reconhecida?

P8: Na sociedade ainda não. Eu acho que a sociedade ainda não entendeu o valor do professor. Acredito que dentro da própria graduação, da licenciatura em química, nós somos desvalorizados. Os cursos e disciplinas voltadas para a parte pedagógica e de química totalmente ridicularizados pelos, por exemplo, professores de material da química bruta, vamos dizer assim. E nessa questão assim, das aulas que a gente tem mesmo, porque eu tô tendo as aulas pedagógicas nos últimos anos e eles incentivam muita gente a usar metodologias ativas.

Entrevistador: Em relação à questão dos alunos, quando você começou a lecionar você falou que não estava esperando os alunos, não sabia, etc. Você tinha alguma expectativa em relação assim, qual vai ser a minha maior dificuldade quando entrar na sala de aula?

P8: Eu imaginava que seria me entender, porque eu falo um pouco baixo e a gente voltou bem naquela época da pandemia, que tínhamos que usar máscaras. A minha preocupação era não me entender a minha fala, eu pegar uma sala muito lotada e eu não consegui falar para todos eles, eu falei "meu Deus". Mas no fim, a dificuldade não era me comunicar com eles, era o

conteúdo, era eles entenderem a química, porque eles ficaram dois anos remotamente, então o que eu falava não fazia nenhum sentido para eles de nenhuma forma.

Entrevistador: E no caso da carreira, você falou do plano de carreira, que mudou agora, como você ficou sabendo do novo plano de carreira? Talvez a escola, jornal, e-mail?

P8: Tem também os jornais que falavam, na verdade os jornais não, perfis públicos já falavam dessa nova carreira, porque foi uma questão política esse aumento salarial, e dentro da escola também era muito discutido a respeito de saber como seria essa nova carreira, quem ia acontecer, porque tem categorias dentro da escola, os professores efetivos, professores temporários, enfim, e dentro da escola a gente ia saber dessa carreira, dessa possível nova carreira.

Entrevistador: E você está nova carreira?

P8: Sim, os professores da minha categoria automaticamente migraram para essa nova carreira, nós não tivemos poder de escolha, só os professores efetivos e da categoria F puderam escolher, nós automaticamente migramos.

Entrevistador: Justamente em relação a essa carreira, esse novo plano de carreira, a escola deu ATPC, ou o que você sabe sobre ela, o que mais você sabe sobre ela você pesquisou por fora?

P8: Não, a escola ofereceu um momento ali para discutirmos a nova carreira.

Entrevistador: Você acha importante, por exemplo, que essa nova carreira seja colocada na graduação, na questão salarial, você acha que é importante ter na graduação?

P8: Sim, eu acho que é importante, a graduação, os licenciandos estão a par do quanto que os professores recebem, as possibilidades, o tipo de ensino, porque agora a gente tem duas formas de ensino, tem a escola regular e o programa de ensino integral, os licenciandos podem ter um regime de dedicação exclusivo se eles quiserem, e isso aumenta o salário em 30%, então tem umas coisas assim que a gente não vê durante a graduação que eu tive que aprender por fora, que se eu tivesse talvez mais conhecimento, teria feito outras escolhas, por exemplo, teria ficado outras escolas de tempo integral, se bem que onde eu estou eu gosto bastante, mas na época eu não sabia dessa escola, vamos contar dessa forma, mas eu teria feito outros estudos para saber onde me enquadrar, onde tentar pegar a aula.

Entrevistador: Quando você pensa, que a gente sabe que o professor às vezes, quando não é programa de ensino integral, às vezes ele dá aula em duas escolas, às vezes tem que acordar de manhã e às 5h30 da manhã acordando, às 7h da aula pegando um monte de turma, e o dia inteiro trabalhando, e volta para casa e trabalha mais um pouco, qual que é a motivação dos professores em continuar trabalhando, qual que é a sua motivação em continuar com essa rotina, que parece ser uma rotina cansativa. Qual é a motivação para você continuar com essa rotina e não desistir de ser professor?

P8: Bom, a minha motivação é que eu amo o que eu faço, não tenho o porque eu continuar numa rotina tão desgastante se eu não gostasse do que eu fizesse, e embora os alunos são alunos, dão problema, às vezes tem uma discussãozinha, são crianças e a gente tem que aprender a lidar com eles, e eu adoro aquele público, as crianças que eu dou aula são crianças de sítio, então elas são muito afetuosas e são mais até inocentes nesse sentido, então é gostoso estar naquele em meio, então a minha maior motivação é trabalhar num ambiente que eu goste de trabalhar, de estar todos os dias, mesmo que seja acordando às 5h da manhã, porque eu tenho que me deslocar 30km para ir trabalhar, e a rotina puxada, igual às sextas-feiras, que eu tenho as 8 aulas corrida, mas eu gosto do que eu faço, essa é a minha maior motivação, e acredito que para quem também não esteja no programa de ensino integral, a maior motivação seja ou gostar muito do que faz, ou não ter uma outra possibilidade, porque você fica mal o que você faz, não tem como.

Entrevistador: Você já chegou a ser desrespeitado?

P8: Ah, acontece, como professor, obviamente, ainda mais dos menininhos lá do Fundamental, isso pode acontecer, como eu disse, são crianças, não são adultos formados, se fossem, talvez, teriam menos episódios de respeito, mas graças a Deus, a nossa gestão é bem firme quanto a isso, então são pouquíssimos casos, foi uma vez ou outra que isso aconteceu.

Entrevistador: Você incentiva os licenciandos em seguir a carreira docente e dar aula na educação básica?

P8: Incentivo, se for o que eles queiram fazer, ou se eles estão em dúvida, queiram experimentar, eu incentivo, sim, é muito bom quando você faz algo que você gosta, se a pessoa gosta de dar aula, hoje em dia melhorou muito, eu acredito. A questão da escola e do que é ser escola no estado de São Paulo,

eu acho que se o licenciado quiser essa experiência, eu acho muito válido ir sim.

Entrevistador: E para finalizar, eu queria que você descrevesse para mim três palavras que descrevem o que é ser professor.

P8: Três palavras. Amor, dedicação e conhecimento, eu acho que são essas três palavras.